

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CHRISTIANE KAMINSKI

O PAPEL DO TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM INSTITUIÇÃO PÚBLICA

CURITIBA
2012

CHRISTIANE KAMINSKI

O PAPEL DO TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM INSTITUIÇÃO PÚBLICA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tânia Stoltz

CURITIBA
2012

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Kaminski, Christiane

O papel do tutor na educação a distância em instituição pública / Christiane Kaminski. – Curitiba, 2012.
150 f.

Orientadora: Profª. Drª. Tânia Stoltz

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

1. Ensino a distância – Preceptores. 2. Ensino a distância – Universidades e faculdades públicas. 3. Ensino individualizado. 4. Preceptores – educação permanente. I. Título.

CDD 378.05



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PARECER

Defesa de Dissertação de **CHRISTIANE KAMINSKI** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. As abaixo assinadas, DR^a MARIA DE FÁTIMA QUINTAL DE FREITAS (Presidente), DR^a TANIA STOLTZ (via Skype) e DR^a LUCIA HELENA VENDRUSCULO POSSARI, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“O PAPEL DO TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM INSTITUIÇÃO PÚBLICA”**.

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR ^a MARIA DE FÁTIMA QUINTAL DE FREITAS		APROVADA
DR ^a TANIA STOLTZ (VIA SKYPE)		APROVADA
DR ^a LUCIA HELENA VENDRUSCULO POSSARI		APROVADA

Curitiba, 29 de março de 2012.

Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação
Matr.: 130429

AGRADECIMENTOS

À Deus, força inigualável de vida, benção e proteção.

À Professora Doutora Tânia Stoltz, que me orientou com carinho, incentivos e paciência, contribuindo para a elaboração deste trabalho.

À Professora Doutora Onilza Borges Martins, por ter compartilhado deste sonho, por acreditar, junto comigo, que seria possível.

À Professora Doutora Lúcia Helena Possari, pelas valiosas contribuições acadêmicas e em especial pelo seu apoio neste trabalho.

À Professora Doutora Maria de Fátima Quintal de Freitas, por acreditar em cada aluno e incentivar e se emocionar com o crescimento de cada um de nós.

À Professora Doutora Valéria Luders, por sua colaboração e consideração por este trabalho.

À Professora Doutora Helga Loss, pela sua afetividade, emoção e acolhida nos diversos momentos desta trajetória.

Ao Professor Doutor Ricardo Antunes de Sá, por sua presença sábia, que com seus apontamentos contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa.

Às Professoras Doutoras Sônia Haracemiv e Verônica Branco, por seus exemplos de garra e dedicação à educação a distância.

Ao Professor Doutor Luciano Vitor Medeiros, por aceitar e participar desta pesquisa.

Ao Professor Doutor Americo Agostinho Rodrigues Walger, pela colaboração e contribuição que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao estimado pessoal da Secretaria da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná: Cinthia, Patrícia e Sandra que caminharam juntos em todos os momentos.

Aos colegas da Pós-Graduação pela solidariedade e apoio: Marlene, Tammy, Liége, Luiz, Luciano e Camila.

Aos meus pais Maria Zilda e Renato e irmãos Dani e Júnior, por apoiar e incentivar esta realização.

Ao meu querido e companheiro marido Vinícius, por todo amor e compreensão durante este tempo.

A minha amada filha Camila que com paciência (nem sempre) compreendeu minha falta de tempo para ela.

É impossível ensinar sem esta coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão anti-científico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais”

FREIRE

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo caracterizar o papel do tutor na educação a distância em instituição pública, buscando contribuir para o redimensionamento deste papel, por meio de entrevistas, observações e levantamento bibliográfico especializado à luz da perspectiva histórico-cultural, em que Vygotsky compreende o desenvolvimento do homem, a partir das interações sociais que estabelece em determinada cultura. Os conceitos de mediação, processo de internalização, zona de desenvolvimento proximal e o processo de produção de significações são especialmente relevantes na discussão do objeto de estudo. A pesquisa orientou-se a partir do método de identificação de núcleos de significação (Aguiar e Ozella, 2006), que procura compreender o importante referencial constituído pela unidade contraditória do simbólico e do emocional, que se refere à distinção entre significado e sentido. O levantamento de dados foi realizado por meio de entrevistas com 12 tutoras da educação a distância do curso de Pedagogia, atuantes em uma instituição pública. Como resposta ao problema foram identificados três núcleos de significação, que se articulam entre si: preparação para o exercício da tutoria, eu tutor e a relação tutor-aluno. A análise dos núcleos de significação evidencia a necessidade de novas discussões e reflexões, na busca da compreensão do papel do tutor e do reconhecimento que efetivamente as instituições e os poderes públicos devem aferir a este profissional altamente qualificado e que contribui imensamente para a construção do conhecimento do aluno na modalidade da educação a distância. A partir das participantes do estudo conclui-se que o tutor é um mediador cognitivo e afetivo do conhecimento que tem a sua atividade pautada pela ampliação do poder de autorregulação do aluno no que se refere à compreensão de sua realidade a partir do conhecimento elaborado e da gestão de sua afetividade. Tal consideração requer formação abrangente e continuada para o trabalho com o ensino a distância e que envolva o tutor em uma perspectiva integral, abrangendo a indissociabilidade entre cognição e emoção dentro de determinada cultura. Neste sentido, o referencial de Vygotsky apresenta-se como interessante possibilidade de discussão do papel do tutor na educação a distância.

Palavras-chave: Educação a distância. Tutor. Núcleos de significação. Perspectiva histórico-cultural.

ABSTRACT

The present study aims to characterize the role of the tutor in distance education at a public institution, seeking to contribute to the scaling of this paper, through interviews, observations and literature specializing in the light of historical-cultural perspective, in which Vygotsky understands development of man, from establishing social interactions in a given culture. The concepts of mediation, internalization process, zone of proximal development and production of meanings are especially relevant in the discussion of the subject matter. The research was guided by the method of identifying clusters of meaning (Aguiar and Ozella, 2006), which seeks to understand the important reference made by the contradictory unity of the symbolic and emotional, which refers to the distinction between meaning and sense. The survey was conducted through interviews with 12 tutors of distance education of the Faculty of Education, acting in a public institution. In response to the problem identified three clusters of meaning, which are linked together: preparing for the practice of mentoring, I tutor and tutor-student relationship. The core analysis of meaning highlights the need for further discussions and reflections, in the quest for understanding the role of tutor and the recognition that effective institutions and public authorities should decide on this highly qualified professional, which contributes greatly to the construction of knowledge student in the form of distance education. From the study participants concluded that the tutor is a mediator of cognitive and affective knowledge that has guided its activities by expanding the power of self-regulation of the student in relation to their understanding of reality from the knowledge developed and management of their affection. This consideration requires comprehensive training and continuing to work with distance learning and involving the tutor in a comprehensive perspective, covering the inseparability of cognition and emotion within a particular culture. In this sense, the framework of Vygotsky presents itself as an interesting opportunity to discuss the role of the tutor in distance education.

Keywords: Distance Education. Tutor. Different meaning. Historical-cultural perspective.

LISTA DE SIGLAS

ABED	- Associação Brasileira de Educação a Distância
ANATED	- Associação Nacional dos Tutores da Educação a Distância
ANDIFES	- Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
CIPEAD	- Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação a Distância
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DED	- Diretoria de Educação a Distância
EAD	- Educação a Distância
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
ENADE	- Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
IFETs	- Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
ICFES	- Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEB	- Movimento de Educação de Base
MEC	- Ministério da Educação
NEAD	- Núcleo de Educação a Distância
PDE	- Plano de Desenvolvimento da Escola
PRONTEL	- Programa Nacional de Teleducção
SENAC	- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC	- Serviço Social do Comércio
SINTED	- Sistema Nacional de Televisão Educativa
SINRED	- Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa
SEED	- Secretaria de Estado de Educação
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TICs	- Tecnologias da Informação e Comunicação
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UNAD	- Universidade Aberta e a Distância - Colômbia
UNED	- Universidade Nacional de Educação a Distância - Espanha
ZDP	- Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 JUSTIFICATIVA	10
1.2 O PROBLEMA	12
1.3 OBJETIVOS	13
2 À GUIA DE INTRODUÇÃO	15
2.1 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO MUNDIAL E NO BRASIL	15
2.2 ALGUMAS DAS EXPERIÊNCIAS COM PROGRAMAS E CURSOS A DISTÂNCIA NO CONTEXTO MUNDIAL	18
2.3 O PERCURSO DA MODALIDADE A DISTÂNCIA: DOS PRIMEIROS PASSOS A SUA REGULAMENTAÇÃO NO BRASIL	22
2.4 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ E A UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	29
3 A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA MODALIDADE A DISTÂNCIA.....	37
4 O PAPEL DO TUTOR NA MODALIDADE A DISTÂNCIA.....	52
5 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL..	69
6 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	80
6.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	80
6.2 CONTEXTO DO ESTUDO.....	83
6.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	84
6.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	84
6.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	86

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	90
7.1 CONSTITUINDO OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DO(S) DISCURSO (S) DOS TUTORES PRESENCIAIS E A DISTÂNCIA.....	90
7.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO DISCURSO DOS TUTORES PRESENCIAIS E A DISTÂNCIA.....	92
7.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: PREPARAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA TUTORIA	93
7.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: EU TUTOR.....	105
7.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: A RELAÇÃO TUTOR-ALUNO.....	117
8 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PERCURSO REALIZADO.....	123
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXOS.....	136

1. INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Quando escola/universidade não sabem ler o mundo ou mantêm estratégias ultrapassadas para lidar com o mundo, este lhes escapa, deixando para os alunos a sensação de vazio para sempre. Nada ou quase nada aprendem, muito menos aprendem a aprender.
Pedro Demo

O mundo no qual vivemos aponta para a necessidade de habilidades e qualificações em nível social, cultural e tecnológico cada vez mais exigentes. Diante dessa demanda por conhecimento e emergente globalização da economia, da cultura e das inovações tecnológicas, a sociedade contemporânea vive paradoxos que podem se traduzir em inclusão e exclusão dos sujeitos.

Dessa maneira, esta pesquisa procura na proposta da educação a distância como modalidade educacional, a possibilidade de proporcionar ao homem a garantia de inclusão e de transformação de suas condições de vida por meio do conhecimento elaborado, em que o papel da escola tem a função histórica de educar seus cidadãos.

A educação a distância, considera Belloni (1999), emerge como uma nova proposta que viabiliza mudanças paradigmáticas por meio da inserção de novas tecnologias e estrutura didático-pedagógica distintas do modelo presencial de educação, inserindo-se como uma modalidade de educação desafiadora, que exige novos espaços de socialização e de qualificação dos envolvidos neste processo educativo. Trata-se, portanto, de uma proposta de educação que exige novos debates, novas ponderações para um novo caminho educacional, preocupado com a organização e a interpretação de processos pedagógicos que possibilitem o conhecimento e o desenvolvimento integral do indivíduo.

Para Martins (2005), essa modalidade possibilita condições de formação educacional à população adulta, trabalhadora, que precisa estudar e que não possui tempo e ou condições de se deslocar diariamente para os centros de educação formal. Assim, essa modalidade educacional possibilita uma nova perspectiva de ensino-aprendizagem, diferenciando-se da educação presencial, ao utilizar-se, principalmente, das possibilidades tecnológicas, tempo e espaços diferenciados, que expandem os horizontes e permitem novas e diferentes formas de transmissão de

conteúdos e de interação entre professores e alunos; e é nesse cenário que se apresenta o objeto de investigação desta pesquisa: o **tutor**.

A figura do tutor, segundo Martins (1991; 2005); Preti (2002; 2010); Catalina (1988); Saraiva (2010) e Alonso (2005; 2009), se insere como um dos principais protagonistas na educação a distância, enquanto categoria acadêmica que tem como compromisso a formação de alunos capazes de se apropriar, refletir e elaborar conhecimento.

Trabalhar o conhecimento no processo formativo do aluno à luz dessa compreensão significa, segundo Martins (2005), dar concretude a uma das funções básicas da tutoria: a de garantir condições para que o aluno seja o centro do processo de aprendizagem.

Refletindo sobre essa consideração, esta pesquisa busca, na concepção histórico-cultural de Vygostky, elementos que contribuam para compreender e estabelecer novas relações sobre o papel do tutor; esse autor desenvolve sua investigação a partir do pressuposto teórico, filosófico e metodológico do materialismo histórico-dialético que se configura como um enfoque epistemológico importante que oferece também, condições para o esboço de uma proposta que permite ampliar a discussão sobre o papel do tutor na educação a distância. Essa posição é tomada mediante o fato de que a concepção de educação em uma perspectiva histórico-cultural é entendida como a possibilidade de desenvolvimento de um sujeito ativo e crítico de sua história, que se realiza e se amplia na relação com o outro.

Essa perspectiva tem como pressuposto que o aprendizado e o desenvolvimento humano ocorrem por meio de atividades mediadas por instrumentos físicos e psicológicos. Aponta para uma concepção de educação que tem como objetivo o desenvolvimento de um sujeito capaz de entender e de transformar conscientemente o seu meio.

Nesse sentido, é necessário buscar na literatura e na análise do discurso dos tutores elementos para o desvelamento das situações reais destes protagonistas que possam sustentar uma compreensão crítica do papel do tutor na educação a distância. Uma vez que estas poderão averiguar alguns dos aspectos e particularidades apontadas pelos próprios tutores para o desenvolvimento e a articulação da práxis pedagógica deste profissional à luz de uma perspectiva que compreenda o seu papel de mediador do conhecimento.

Para tanto, o papel do tutor deve se constituir, ele próprio, em uma prática reflexiva que possibilite a compreensão de um conjunto de idéias, princípios e valores que estruturam o processo pedagógico dessa modalidade.

Deste modo, se faz necessário caracterizar este tema acerca do papel do tutor na educação a distância em instituição pública como uma necessidade e, de certo modo, um desafio para o atual momento histórico na área da educação.

1.2 O PROBLEMA

A grande demanda educacional e a constante pressão das transformações sociais, políticas e tecnológicas desencadeiam a necessidade de novas posturas que promovam a democracia e a cidadania. E é nesta vertente que se insere a educação a distância, tendo em vista a possibilidade de utilização intensiva das tecnologias de informação e comunicação que, combinadas ao trabalho pedagógico, demandam soluções práticas e inovadoras em relação à democratização do ensino.

A modalidade de educação a distância afirma-se no cenário nacional a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96. A oficialização desta modalidade permitiu a oferta de vários cursos nos diferentes níveis de ensino no Brasil, possibilitando sua ampliação como modalidade de ensino.

[...] a educação a distância não deve ser simplesmente confundida com o instrumental, com as tecnologias a que recorre. Deve ser compreendida como uma prática educativa situada e mediatizada, uma modalidade de se fazer educação, de se democratizar o conhecimento. (PRETI, 2002, p.64).

Nesse contexto, em que a expansão e as características próprias da educação a distância demandam necessidades e questionamentos referentes às implicações, possibilidades e práticas desta modalidade, faz-se necessário avançar em pesquisas que propiciem a sua compreensão. Nesta pesquisa, o objeto de investigação é o tutor.

Nesse sentido pergunta-se: qual é o papel do tutor na Educação a Distância em instituição pública?

Outras indagações estão postas no entorno da problemática acima citada e se expressam pelos questionamentos:

- a) Para atuar como tutor faz-se necessário um conhecimento específico?
- b) Por que este papel surge na Educação a Distância?
- c) Há a necessidade deste profissional na educação a distância?
- d) Como o seu trabalho pode colaborar para a autonomia e criticidade do estudante?
- e) O tutor, na modalidade a distância, é o mediador do conhecimento?

Em face destas questões e outras que certamente surgirão no decorrer desta pesquisa, salienta-se que a Educação a Distância rompe diversas barreiras, entre elas as pedagógicas, tecnológicas e geográficas, necessitando, portanto, de pesquisas que permitam a superação de barreiras e a ampliação de possibilidades para este formato arrojado de educação.

1.3 OBJETIVOS

Caracterizar o papel do tutor na Educação a Distância em uma instituição pública.

Contribuir para o redimensionamento do papel do tutor na educação a distância, estabelecendo parâmetros que possam ser utilizados para apoiar futuramente esses profissionais, e outras pesquisas.

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) Realizar levantamento bibliográfico acerca da história da educação a distância no Brasil e no mundo.
- b) Reconhecer, na literatura especializada, o papel do tutor na modalidade de ensino a distância, bem como as contribuições de uma abordagem histórico-cultural na definição deste papel.
- c) Realizar entrevistas com tutores de cursos de Pedagogia a distância sobre o papel do tutor em instituição pública.
- d) Observar a dinâmica do trabalho de tutoria realizada em instituição pública em curso de Pedagogia de educação a distância.
- e) Identificar, a partir das falas dos tutores, o papel do tutor no ensino a distância.

Na modalidade a distância, o tutor tem um papel fundamental, pois, mediante a sua didática e prática orientadora, vislumbra-se a possibilidade de

garantir a inter-relação personalizada e contínua do aluno no sistema, além de viabilizar a articulação necessária entre os elementos do processo e consecução dos objetivos previstos. Cada instituição que desenvolve o seu projeto político - pedagógico em educação a distância constrói uma proposta tutorial própria visando o atendimento às especificidades locais e regionais, incorporadas aos programas e cursos desta modalidade.

A dinâmica desse profissional deverá, portanto, promover o conhecimento, além de possibilitar a coesão social e a integração de todos. Espera-se, desse profissional, o respeito ao aluno como sujeito ativo da construção do saber. De acordo com Silva, (2005 p.54), “[...] é através de um processo pedagógico que permita às pessoas se tornar conscientes do papel de controle e poder exercido pelas instituições e pelas estruturas sociais que elas podem se tornar emancipadas ou libertadas de seu poder e controle”.

Esta investigação, por meio de referenciais científicos à luz da perspectiva histórico-cultural e da práxis pedagógica do tutor, pretende caracterizar o papel do tutor contribuindo para os processos e os desafios que cercam esse profissional como mediador do conhecimento. Stoltz (2010, p. 179), observa que “[...] para mediar a sua relação com os outros e com o meio ambiente o ser humano se vale de símbolos e instrumentos culturais, como, por exemplo, o discurso, o saber ler e escrever, a linguagem matemática. Mais tarde, interiorizados, esses recursos passam a mediar o conhecimento de si do próprio homem”.

Compreender essa relação, captar as contradições ao nível das práticas dos sujeitos e apreender os significados dos discursos dos entrevistados, implicará em um avanço teórico-reflexivo, que irá subsidiar as hipóteses que esta pesquisa irá se propor.

A questão que se coloca nesta pesquisa, portanto, visa a fomentar o surgimento e o fortalecimento de discussões que possibilitem caracterizar o papel do tutor na educação a distância em instituição pública por meio de referenciais científicos e da análise do discurso destes protagonistas.

2 À GUIA DE INTRODUÇÃO

2.1 A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO MUNDIAL E NO BRASIL

Num mundo cada vez mais complexo e heterogêneo, a educação precisa dar passos mais acelerados e respostas mais coerentes, com novas formas de desenvolver competências cognitivas, relacionais e éticas.
José Manuel Moran

A modalidade a distância, diante das tendências políticas, educacionais, sociais e tecnológicas do mundo, tem procurado contribuir com propostas que correspondam às necessidades imperativas desses tempos de mudanças. Neste sentido, buscam-se novas possibilidades que possam minimizar os desajustes sociais e educacionais que se impõem, devido ao elitismo educacional e às relações de poder existentes na sociedade.

As experiências com a educação a distância surgiram em decorrência da necessidade de proporcionar um sistema educacional diferenciado aos variados segmentos da sociedade que não se encontravam devidamente favorecidos pelo sistema tradicional de ensino; e, por vezes, a educação a distância representa a única oportunidade de estudos oferecida a adultos (não exclusivamente) engajados na força de trabalho, em que o tempo e os afazeres do cotidiano acabam por afastá-los da escola tradicional.

Pode-se, inicialmente, imaginar que a educação a distância é algo “novo”, mas, ao contrário, esta modalidade de educação vem se construindo e se desenvolvendo no decorrer de décadas, e principalmente nos dias de hoje, em função do significativo desenvolvimento das tecnologias e dos meios de comunicação.

Dessa maneira, é importante apresentar o percurso da educação a distância iniciando pela Antiguidade. Martins (2005), e Araújo e Maltez (1997), descrevem um prelúdio desta modalidade presente nas trocas de correspondência no cotidiano das civilizações gregas e romanas, sendo que estas trocas viabilizavam uma rede de comunicação, em que informações, orientações e instruções eram socializadas entre as pessoas ou cidades geograficamente distantes. Acredita-se que esta seja uma das primeiras formas de educação a distância, mesmo que realizada de maneira simplista: por meio de trocas de informação e comunicação, sem a necessidade do encontro “frente a frente”.

Assim, a educação a distância inicia seu caminho ampliando a perspectiva de comunicação, de troca e de conhecimento entre as pessoas, projetando uma nova forma de educação. Nessa nova forma de educação, o tempo e o espaço passam a ser percebidos de maneira diferenciada pelo homem, devido aos diversos movimentos que se impõem em uma sociedade ávida em materializar e difundir as informações, pensamentos e conhecimentos, desafiando os padrões tradicionais de educação.

Para Araújo e Maltez (1997), essa forma alternativa de educação passa a se desenvolver com maior avidez a partir do surgimento da imprensa no séc.XV, por cujo meio ocorre a difusão da informação escrita, disseminando uma nova realidade, decisiva para a evolução e o desenvolvimento da sociedade.

As condições e os objetivos do homem vão se modificando à medida que as atividades humanas ficam mais complexas. A sociedade, os valores culturais e econômicos se transformam em um movimento dinâmico que é histórico. A partir da metade do século XVIII, o mundo passa a viver sob a égide do capitalismo e da consolidação do modo de produção capitalista. Neste momento histórico, a burguesia industrial, ávida por maiores lucros, menores custos e produção acelerada, busca qualificar trabalhadores que deem conta dessa demanda.

É em meio a essa realidade capitalista que a educação a distância passa a se estabelecer. Martins (2005). compartilha com Landim (1997), que a educação a distância encontra no ano de 1728, um dos registros mais marcantes de sua história, em que, por meio do anúncio de aulas por correspondência ministradas por Cauleb Phillips (20 de Março de 1728), na Gazette de Boston, EUA, essa modalidade passa a se estabelecer como uma nova oportunidade de qualificação para as pessoas que necessitam de instrução.

[...] as primeiras iniciativas de ensinar determinados saberes sem a necessidade de haver o contato presencial entre o preceptor (professor) e o aprendiz (aluno). Por volta de 1728, a Gazeta de Boston (Estados Unidos) publicou um anúncio de autoria do professor Cauleb Phillips em que dizia: "Toda pessoa da região, desejosa de aprender esta arte, pode receber em sua casa várias lições semanalmente e ser perfeitamente instruída, como as pessoas que viviam em Boston. (SARAIVA, 1996 apud MARTINS, 2005, p.19).

Os cursos a distância, de acordo com Alves (1994), são relatados também na Grã-Bretanha e se realizavam por meio de aulas de taquigrafia por correspondência, oferecidas por Issac Pitman. Nos Estados Unidos essa modalidade

é relatada novamente nos anos de 1884 e 1891, com a oferta de cursos de contabilidade e de segurança de minas.

Já na metade do século XX destacam-se, de acordo com Landim (1997), as Universidades da Grã-Bretanha, como Oxford e Cambridge, que oferecem cursos de extensão nessa modalidade. Além das universidades americanas de Chicago e de Wisconsin, das escolas alemãs (1924) e das australianas (1910), Moore e Kearsley (1996), destacam, ainda, que o desenvolvimento dessa modalidade ocorreu graças à confiabilidade e ao baixo custo dos serviços prestados pelos correios daquela época, o que permitiu maior interação entre alunos e instrutores por meio da correspondência.

Na década de 20, os cursos a distância passam a contar com uma nova metodologia favorecida pela comunicação radiofônica, que possibilita, conforme Martins (2005), a chegada de informações a comunidades distantes e o avanço significativo dos cursos a distância em todo o mundo. Esses avanços, no decorrer dos anos, se multiplicam tanto no que se refere à educação a distância, quanto ao desenvolvimento tecnológico, permitindo a ampliação das possibilidades dessa modalidade.

Ao longo do caminho percorrido pela modalidade a distância, chega-se à década de 60. De acordo com Alves (1994), durante esse período os cursos a distância vivenciam uma das melhores fases de sua trajetória, a qual é propiciada pelo desenvolvimento tecnológico e pela promoção de várias ações nos campos da educação secundária e superior. Essas ações são iniciadas na Europa (França e Inglaterra) e se expandem para os demais continentes.

Dessa forma, percebe-se que a modalidade a distância vem avançando visivelmente em todo o mundo, e se expandindo por meio das universidades, instituições de nível superior e médio, e pós-graduação. E essa expansão contou, sem dúvida, com os grandes avanços tecnológicos que se iniciaram com o rádio, passaram pela televisão, até chegar ao computador e a possibilidade dos ambientes virtuais.

Por meio da contribuição da tecnologia, importante ferramenta de comunicação e interação, a educação a distância passa a desenvolver importantes trabalhos para o processo educacional de jovens e adultos. E é nesse cenário de possibilidades que a modalidade a distância passa a se firmar como proposta diferenciada de educação.

Nesse sentido, o próximo capítulo pretende descrever algumas das mais importantes experiências acadêmicas em que a modalidade a distância esteve envolvida. Tem-se, assim, como intenção, evidenciar o percurso da educação a distância por meio dos diferentes programas e cursos desenvolvidos e que contribuem para a democratização do saber e para o desenvolvimento da cidadania de milhares de pessoas em todo o mundo.

2.2 ALGUMAS DAS EXPERIÊNCIAS COM PROGRAMAS E CURSOS A DISTÂNCIA NO CONTEXTO MUNDIAL

Atualmente a modalidade a distância, de acordo com Martins (2005), encontra-se difundida em mais de 80 países e nos cinco continentes. Atende em diferentes níveis, em sistemas formais e não formais de educação, a milhares de estudantes em todo o mundo. Esta realidade demonstra que a educação a distância tem sido utilizada amplamente para promover oportunidades educacionais em todo o mundo, “tanto no setor conservador como na perspectiva progressista, a educação vem sendo considerada um poderoso instrumento de mudança social.” (CABANÃS, 2005 *apud* MARTINS, 2005, p. 09).

Essa demanda por uma educação diferenciada desafia e se impõe como uma perspectiva que visa a enfrentar as contingências educacionais do presente e do futuro em todo o mundo.

Dessa maneira, torna-se relevante fazer uma breve incursão nas diferentes instituições de educação a distância para, em rápidas pinceladas, conhecer o movimento da modalidade a distância que vem se desenvolvendo no mundo.

Nos Estados Unidos, segundo Peterson (1996), existem diversas instituições de nível superior e médio reconhecidas e capacitadas em cursos e programas a distância. Dentre estas, a Pennsylvania State University destaca-se por ofertar cursos por correspondência desde 1892. Além dessas, citam-se como tradicionalmente ligadas à educação a distância, as universidades de Utah, desde 1916; de Ohio, desde 1924; Stanford, 1969, entre várias outras instituições universitárias que mantêm cursos de graduação e pós-graduação de amplo reconhecimento público.

Na Nova Zelândia, a modalidade a distância se desenvolveu desde 1922, por meio de um sistema de ensino por correspondência, com o objetivo de oferecer cursos para crianças (básico e fundamental) que não tinham acesso à escola, em razão de dificuldades físicas e ou geográficas, ou que não residiam permanentemente no país. A partir de 1946, com a criação da Open Polytechnic of New Zealand, contou-se também com cursos profissionalizantes, de educação a distância de nível médio e de educação continuada. Hoje, como na maioria dos países, essa instituição conta com graduação e pós-graduação nas mais diferentes áreas (UNESCO, 1992).

A República Popular da China conta com cursos a distância desde a década de 50, com programas de graduação, pós-graduação e cursos técnicos. Esses cursos, a princípio, eram realizados por meio de correspondências e, posteriormente, por meio de materiais impressos e rádio; a partir da década de 60, por televisão. Atualmente esse ensino inscreve anualmente 300 mil alunos e já formou mais de 1,5 milhão de chineses, conforme Daniel (1998).

Uma das mais importantes referências mundiais, pioneiras dessa proposta educacional, destaca Martins (2005) e Preti (2010), é a universidade do Reino Unido, a Open University, criada em 1969, que oferta cursos a distância desde o ano de 1971 (graduação e pós-graduação). Atualmente, essa instituição conta com mais de 200 mil alunos que utilizam a educação a distância como oportunidade de aliar trabalho e estudo, permitindo a esses estudantes estudar em sua própria residência e trabalho, através das ferramentas tecnológicas disponíveis (televisão, computador, internet, entre outros) e do material didático especialmente desenvolvido para esse sistema de ensino.

Outras experiências importantes são as realizadas por instituições não-governamentais que possuem parceria com o Instituto de Educação da Universidade de Londres, que são responsáveis pelo programa de mestrado e doutorado em educação a distância e que também oferecem cursos de curta duração voltados a alunos de países em desenvolvimento. Neste caso, da inserção da educação a distância em países com desfavoráveis condições sociais e econômicas, a maior preocupação está em desenvolver metodologias e sistemas de fácil acesso e baixo custo que possam promover o acesso ao conhecimento elaborado, o desenvolvimento de diferentes capacidades e a melhoria das condições de vida destes estudantes.

Uma das experiências de educação a distância com resultados expressivos, foi o projeto-piloto da Universidade de Délhi, Índia, em 1962 -1970, em que muitas universidades daquele país se envolveram na experiência e implantação dessa modalidade de ensino. A partir do sucesso da implantação desse sistema de ensino no país, outras universidades convencionais passaram a desenvolver programas de educação a distância em seus departamentos, principalmente no que tange à área de pós-graduação. Nesta fase de constatação da qualidade do sistema de ensino, cria-se a primeira universidade a distância da Índia – a Andhira Pradesh Open University (1982). Hoje a Índia conta com mais de 38 universidades convencionais que mantêm programas de educação a distância e outras dezenas de universidades a distância que oferecem diferentes cursos para uma das maiores populações do mundo (Souza, 1996).

O antigo centro da União Soviética, hoje Rússia, segundo Menezes (1998), dispõe da educação a distância desde a década de 30 como um instrumento que permite a oportunidade de educação a milhares de pessoas. Esse país, que passou e ainda passa por mudanças e ajustes em seu contexto político e econômico, utilizou-se dessa modalidade desde a intenção de capacitação de trabalhadores do campo, até a formação em nível de graduação e pós-graduação no auge do socialismo.

Nos novos tempos da Rússia, com a abertura política, social e econômica, a educação a distância mantém seu caráter de destaque no processo de reconstrução do país, diante da versatilidade do modelo capaz de encurtar distâncias e chegar aos mais diferentes e remotos lugares ao mesmo tempo.

Nos anos 80, a educação a distância conta com a criação da Universidade Aberta de Portugal, criada em 1988, e reconhecida em 1994. Essa universidade oferece cursos de bacharelado em história, língua portuguesa, gestão, matemática aplicada, estudos europeus, ciências sociais, literatura, além de licenciaturas nessas mesmas áreas e em informática, como também cursos qualificadores para o trabalho (não-formal). Além de um programa de pós graduação, que oferta diversos cursos de mestrado em diferentes áreas como administração, educação, comunicação, entre outros.

A Espanha é um dos maiores centros de estudo e de programas de educação a distância, segundo Arétio (1996), sendo a UNED – Universidade Nacional de Educação a Distância, reconhecida como qualquer outra universidade

presencial daquele país, ou seja, seus cursos são respeitados e constituídos com a mesma credibilidade e qualidade que qualquer universidade presencial.

A UNED conta com mais de 150 mil alunos e, ao lado da qualidade de seus cursos, esse formato de ensino permite a redução dos custos em 41 por cento, se comparado ao modelo de ensino presencial, além de possibilitar aos alunos uma flexibilidade de horários de aula e de estudo, oportunizando-lhes continuarem com suas atividades profissionais. Mais de 83 por cento dos alunos dessa instituição são trabalhadores.

Por meio dessa breve exposição da trajetória de algumas instituições que desenvolvem trabalhos com a educação a distância, percebe-se que essa modalidade está em constante construção e se insere nos diferentes países como uma oportunidade de educação voltada à diminuição do impacto das desigualdades sociais e educacionais, destacando-se na busca por uma educação de qualidade, igualitária e capaz de superar grandes distâncias.

Estamos vivendo transformações multidimensionais na educação. Como assinala Castells (1999, p. 24), “há uma reorganização do tempo e da formação de uma nova cultura”, e acreditar nesse fenômeno educativo, no seu percurso e na sua proposta poderá constituir-se em uma nova fase que beneficie a democratização do saber e o acesso aos bens materiais e culturais acumulados pela humanidade.

Considera-se a educação a distância, portanto, como uma proposta que pode vir a atender a emergência do acesso a uma educação igualitária e de qualidade; no Brasil, essa proposta de educação também se faz presente. Assim, conhecer o percurso da educação a distância no Brasil (de onde vem e para onde vai) é uma necessidade que se impõe como complemento às reflexões que cercam esta pesquisa. Buscam-se, assim, por meio da trajetória da educação a distância no Brasil, importantes conhecimentos que delimitem tanto a história dessa modalidade, quanto a importância do papel do tutor.

2.3 O PERCURSO DA MODALIDADE A DISTÂNCIA: DOS PRIMEIROS PASSOS A SUA REGULAMENTAÇÃO NO BRASIL

Muitos pesquisadores procuram delimitar o marco histórico da educação a distância no Brasil; entre esses estão Martins (2005), Alves (2009), Preti (2010), Sousa (1996), e Menezes (1998), que destacam como uma das primeiras iniciativas desta modalidade no Brasil, a oferta de cursos de profissionalização por correspondência (datilógrafo) na seção de classificados, no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, no ano de 1900, apesar de também apontarem para o fato de que inexistem registros precisos da primeira iniciativa desta modalidade no Brasil.

Demonstra-se, no entanto, que a iniciativa de intercambiar informações e instrução para a melhoria da educação brasileira é uma proposta que se consolida há bastante tempo no Brasil. Essas primeiras iniciativas de educação a distância, de acordo com Martins (2005), caracterizavam-se apenas por propostas de instrução ministradas por professores particulares.

De acordo com Alves (2010), só a partir do ano de 1904 é que se passa a contar no Brasil com uma unidade de ensino oficial, que oferece cursos por correspondência, voltado para a formação de mão de obra nos setores de comércio e serviço: as “Escolas Internacionais”. Essas “Escolas Internacionais”, segundo Moran (2009), imitavam os modelos de educação a distância de outros países e ainda não desenvolviam projetos e programas que imprimissem a realidade e a necessidade brasileira.

Para Menezes (1998), o ano de 1923 marca uma nova era no processo da educação a distância no Brasil, com o projeto privado da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, uma das primeiras e reais iniciativas nacionais de educação a distância, idealizada pelo movimento de cientistas e intelectuais brasileiros, em que a proposta era a de promover a educação e divulgar a ciência e a cultura nas diferentes regiões do país.

Essa instituição, no entanto, teve abreviada sua iniciativa privada de educação popular, tendo em vista a turbulência política vivida na década de 30 (Golpe Militar), em que, de acordo com Menezes (1998), os programas transmitidos pela rádio traziam muitas preocupações para os governantes da época, que passaram a instaurar inúmeras sanções e a acreditar que seus programas educativos eram subversivos. Dessa maneira, no ano de 1936, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, passa das mãos de seus idealizadores para as mãos do então Governo Militar que determina que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro passa a se chamar: Rádio Ministério de Educação, hoje Rádio MEC.

Não obstante esta ação, Alonso (1996), destaca que, independentemente das sanções que foram estabelecidas pelo Regime Militar aos programas educativos transmitidos via rádio, esse processo educativo transformou e promoveu um formato diferenciado de instrução e educação nas mais diferentes e longínquas regiões do Brasil; assim pode-se considerar a rádio como o segundo meio de transmissão do saber, apenas atrás da correspondência no que tange ao percurso da educação a distância.

No ano de 1939, depois da repercussão dos programas educativos transmitidos via rádio, dá-se destaque, segundo Alves (2010), a uma das primeiras escolas pioneiras em desenvolvimento de projetos de educação a distância: o Instituto Monitor, escola esta voltada inicialmente para o ramo da eletrônica.

Esta escola destaca Alves (2010), se estabelecia na ação de poder colaborar com o crescimento do Brasil, em que por meio de uma idéia aparentemente simples, nasce um dos primeiros cursos a distância: composto por algumas apostilas e um kit, e onde ao final do curso seria possível construir um modesto rádio caseiro. É ainda importante acrescentar que essa escola desenvolveu uma metodologia própria para o acompanhamento dos alunos, por meio de correspondências, e inclusive, da correção das tarefas encaminhadas aos alunos como forma de medir o aproveitamento no curso.

A trajetória dessa escola segundo Alves (2010), remete a mais de 5 milhões de alunos que já estiveram matriculados e hoje são mais de 30 mil alunos espalhados em todo o Brasil, aprendendo uma nova profissão. Este Instituto é uma das grandes referências em educação no Brasil, sendo reconhecido como uma importante escola em todas as linhas: educação básica, passando pelo nível médio, incluindo-se os cursos técnicos, o EJA, o superior e educação continuada, tanto no formato presencial quanto, e principalmente, no formato a distância que sempre foi o destaque principal da instituição.

Com a possibilidade promissora dessa modalidade, surgem no Brasil, na década de 40, novos programas privados de educação e, conforme aponta Pinto (1997), entre essas instituições destacam-se o Instituto Monitor e o Instituto Universal Brasileiro com métodos bastante semelhantes de iniciação profissional em áreas técnicas e sem a exigência de escolaridade anterior. Estes cursos são endereçados a pessoas que, por diferentes motivos, não puderam ou não podem frequentar escolas regulares.

Entre os cursos ofertados pelas instituições merecem destaque os cursos profissionalizantes de corte e costura, mestre de obras, eletrônica rádio e tv, cabeleireiro, dentre outros, e também cursos técnicos de transações imobiliárias, gestão comercial, secretário(a) e secretário(a) escolar e o supletivo oficial.

É importante, destacar que a trajetória da educação a distância no Brasil, tanto no que tange aos programas privados, quantos aos programas marcados pela austeridade do Regime Militar se desenvolveram e procuraram romper com o ciclo de desigualdades sociais, econômicas e educacionais contribuindo, assim para o progresso de toda uma sociedade.

Desde sua origem, a Educação a Distância teve como premissa a democratização e facilitação do acesso à escola. Não foi criada para complementar o sistema regular, tampouco para funcionar como um sistema provisório e, sim, como sistema fundado na Educação Permanente, para atender à demanda que a sociedade impõe hoje, como forma de superação dos problemas relativos ao desenvolvimento econômico e tecnológico vivenciados atualmente. (MARTINS, 2005, p. 21).

Nesse caminho de prosperidade e desenvolvimento da modalidade a distância por meio da educação como proposta de democratização e de condições de representatividade das classes trabalhadoras e empresariais, cria-se, no Brasil, ainda na década de 40, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e, logo em seguida, o Serviço Social do Comércio (Sesc).

Essas entidades, de acordo com Preti (1996), promoveram e promovem um dos maiores sistemas de desenvolvimento social de todo o mundo, em que por meio de programas educacionais permitem a formação e a capacitação de trabalhadores em todo o território nacional.

De acordo com Alves (2010), essas instituições oferecem programas alternativos de capacitação que procuram atingir uma clientela sem condições de frequentar cursos em horários e locais fixos. Esse sistema de educação do Senac em parceria com o Sesc, oferece, além dos cursos de formação profissional, cursos de instrumentação/suplementação do ensino regular e de assuntos relacionados à qualidade de vida dos cidadãos.

O Sesc e o Senac segundo Alves (2010), continuam a se destacar como importantes instituições que promovem a educação e a capacitação dos trabalhadores, possibilitando debates sobre temas ligados a educação, trabalho,

inclusão social, saúde, meio ambiente, a capacitação dos docentes e ainda, ofertando cursos de pós-graduação *lato sensu* a distância (credenciado pelo MEC).

Diante dessas promissoras experiências que demonstram que a educação a distância se firma como uma importante proposta de democratização do saber, destaca-se, no final da década de 50, uma das mais importantes iniciativas de expansão da educação a distância no Brasil: o Movimento de Educação de Base-MEB.

O MEB é considerado um dos maiores projetos de alfabetização para jovens e adultos de classes populares, inspirado nos pressupostos de Paulo Freire e na perspectiva da metodologia do ver, julgar e agir; Martins (2010), destaca que esse movimento surgiu para amparar as classes mais populares, procurando criar condições de conscientização de cidadania e de participação social que colaborassem para a construção de uma sociedade justa e ética.

Em 1956, surgiu o MEB (Movimento de Educação de Base), considerado uma das maiores propostas de Educação a Distância não formal desenvolvidas em nosso país, tinha como pressuposto básico a alfabetização de jovens e adultos das classes populares por meio do rádio. Esse projeto político-pedagógico atingiu as regiões Norte e Nordeste do país. Em 1964, o Golpe Militar extinguiu o programa. (MARTINS, 2005, p. 21).

Nessa época, apesar do cerceamento imposto pelo governo para as transmissões de programas educativos, surgem, de acordo com Pinto (1997), as mais variadas emissoras educativas. Emissoras que não obedeciam a nenhum planejamento que decorresse de uma política setorial de governo e que tinham como fundamento de sua existência, a tenacidade de idealistas, idéias particulares, e poucos objetivos explicitamente definidos.

Os anos se passam e diferentes programas de educação a distância são criados, mas percebe-se na história desta modalidade “[...] a existência de alguns momentos de estagnação provocados por ausência de políticas públicas para o setor” (ALVES, 2010, p. 09). Na tentativa de ampliar e organizar esse modelo de educação, o governo militar da década de 70 procura regulamentar as atividades do setor, e cria o Programa Nacional de Teleducção - Prontel.

Esse programa, o Prontel, apesar de inúmeras tentativas de coalisão com as diferentes emissoras, segundo Alves (2010), não atinge seus objetivos, sendo extinto em 1979 e substituído pela então Secretaria de Aplicações Tecnológicas –

SEAT; secretaria que, sabedora das dificuldades encontradas pela sua antecessora, busca alternativas para a organização das emissoras; após várias reuniões, cria-se o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa, o SINTED.

O SINTED, foi criado informalmente em 1979, e somente em 1982 obteve o respaldo legal, por meio da Portaria MEC/MINICOM nº. 162. Em 1983, com a inclusão das emissoras de rádio educativo, o Sistema passou a denominar-se Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa – SINRED e foi regulamentado pela Portaria MEC nº. 344, e hoje está vinculada à Rádio MEC.

O SINRED teria como objetivo, segundo Pinto (1997), permitir que todas as emissoras educativas veiculassem uma programação constituída por programas produzidos por todas as integrantes, diferentemente do que ocorria com as redes comerciais que se limitavam a retransmitir a programação das cabeças-de-rede. As programações veiculadas concentravam-se na veiculação de programas didáticos destinados ao Ensino de 5ª. a 8ª. séries do 1º. Grau e ao Ensino de 1ª. a 4ª. séries do 1º. Grau. Além de programas pioneiros na produção e veiculação de materiais didáticos voltados para o Ensino Supletivo, produziu também o Curso de Madureza Ginásial (1969). Em 1978, produziu-se e veiculou-se o Telecurso de 2º. Grau que, posteriormente, viria a receber a parceria da Fundação Roberto Marinho.

No ano de 1973 veiculou-se a primeira novela pedagógica, idealizada pelo Prof. Gilson Amado, destinada ao Ensino de 1º. Grau e denominada “João da Silva”; foi, inicialmente, veiculada pelas emissoras comerciais TV Globo e TV Rio.

Dessa maneira é importante ressaltar o grande trabalho de unificação do SINRED, de acordo com Martins (2005), que conseguiu cumprir o seu papel aglutinador dos sistemas de teleeducação, provocando um crescimento enorme no número de retransmissoras existentes até aquele momento.

Essas retransmissoras conhecidas como retransmissoras mistas, após a sua grande expansão, passaram a autodenominar-se de TVs Comunitárias, modelos que já existiam em diferentes países do Ocidente, mas com outra denominação, “TV Pública”, “TV Alternativa”, “TV de Quarteirão” ou “TV de Baixa Potência (Low Power Television)”.

Esses modelos de TV, segundo Peruzzo (2009), refletiam a iniciativa de grupos ou de comunidades que, utilizando-se do acesso à tecnologia de baixo custo, reagiam contra as formas de controle social decorrentes do aparato estatal centralizado, ou então, das grandes empresas de comunicações, privadas ou

públicas. Em ambos os casos tornaram-se marcas que, muito embora a moderna tecnologia de televisão tivesse efeitos concentradores, a TV Comunitária colocava à disposição do público recursos que tinham um sentido contrário, com efeitos de cidadania e democratização.

No Brasil, ainda de acordo com Peruzzo (2009), esse sistema de retransmissão voltado para a construção de cidadania e educação, acabou sendo desperdiçado. E devido a uma legislação falha, esses programas ficaram sob a direção de políticos e grandes empresários, perdendo, assim, o caráter de programação comunitária.

A programação dessas emissoras passa a ter então não apenas um caráter educativo, mas a transmitir programas jornalísticos, culturais e de entretenimento, apesar de todos esses programas, de acordo com Alves (2010), terem ainda como fio condutor a educação.

Não obstante, de acordo com Pinto (2007), a veiculação de programas didáticos passa a ser feita, com sucesso, em circuito fechado, como ocorre com a “TV Escola”, programação sob a responsabilidade do Ministério da Educação.

Apesar de todo o avanço ocorrido nos últimos anos no que se refere à educação a distância, essa modalidade ainda não contava com um marco que lhe imprimisse legitimidade, sendo que a regulamentação só ocorre por meio da promulgação da LDB 9394 de 20 de Dezembro de 1996 que, em seu artigo 80, refere-se à modalidade a distância e ao papel do Poder Público, nesses termos: “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada”.

Diante da nova oportunidade, agora regulamentada por lei, a modalidade a distância, de acordo com Alves (2010), passa a ter a garantia de espaço e importância no sistema educacional, em todos os níveis e modalidades de ensino e, por meio deste dispositivo, a educação a distância dá um grande salto para sua consolidação.

Porém, Belloni (2002), destaca que, ao nos aprofundarmos melhor no que se refere a análise do dispositivo que regula a educação a distância, percebe-se que há uma série de pontos inseridos na legislação que são descumpridos. Além da ausência de regulamentação complementar e da pouca clareza de suas linhas, ora de forma implícita e/ou nas entrelinhas da regulamentação; ora de forma

disfarçada ou obtusa, em que o entendimento da lei não é claro, e dá margem a muitas especulações.

A tendência então, se por um lado a educação a distância dá um salto, por outro este sistema continua a se deparar com entraves políticos que suscitam a desconfiança da sociedade e, portanto, necessitam de revisão e reflexão. Pois, apesar de a educação a distância estar sempre a serviço da cidadania e da qualificação do trabalhador, para essa modalidade urgem regulamentações dignas de sua magnitude.

Justamente, refletindo sobre a importância dessa modalidade para a educação brasileira e da falta de dispositivos legais que garantam a qualidade dos cursos a distância, é que o Ministério da Educação – MEC, em 1999, passa a organizar um documento que não possui força de lei, mas que pretende dar excelência aos cursos de educação a distância, imprimindo, assim, uma nova organização à modalidade.

Este documento tem como preocupação central, segundo Alves (2010), apresentar um conjunto de definições e conceitos que garantam a qualidade nos processos de educação a distância, como um norteador para embasar os atos legais do poder público nos processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da modalidade a distância.

Esses referenciais, de acordo com Blois (2004), apresentam considerações que subsidiam a organização das múltiplas linguagens e recursos educacionais e tecnológicos da modalidade e cujas orientações possuem função indutora, não só em termos da própria concepção teórico-metodológica da educação a distância, mas também de sua organização.

O Ministério da Educação estabeleceu Referenciais de Qualidade de EAD para a autorização de cursos de graduação a distância, buscando assegurar que as instituições trabalhem, continuamente, visando a melhorias na criação, aperfeiçoamento e divulgação de conhecimentos culturais, científicos, tecnológicos e profissionais, que contribuam para superar os problemas regionais, nacionais e internacionais e para o desenvolvimento sustentável dos seres humanos, sem exclusões, nas comunidades e ambientes em que vivem. E mais, objetiva orientar aos atores envolvidos - alunos, professores, técnicos e gestores de instituições de ensino superior - para que venham a usufruir de seus benefícios e empenhar-se por maior qualidade em seus processos e produtos. (BLOIS, 2004, p. 106).

Muito embora os Referenciais de Qualidade, ainda sejam específicos e apenas orientadores para a educação superior, eles são um importante instrumento de cooperação e integração, que preconiza a padronização de normas e

procedimentos nacionais que servem de base para a reflexão e a elaboração de referenciais específicos para os demais níveis educacionais que podem ser ofertados a distância.

Esse documento, segundo Blois (2004), procura tomar como premissa, a possibilidade da compreensão de “educação” como fundamental, antes de se pensar no modo de organização “a distância”, que deve ser entendido como um processo específico, diante das diferentes possibilidades pedagógicas, tecnológicas, de informação e comunicação que esse sistema possibilita.

Diante dessa breve “síntese histórica” procurou-se demonstrar que o percurso da modalidade a distância, desde as suas primeiras iniciativas por correspondência, da era do rádio, dos programas de teleeducação, da regulamentação por meio da LDB 9394/96 e dos referenciais de qualidade para a educação superior a distância no Brasil, permitiu o progresso dessa importante modalidade educacional em nosso país.

A educação a distância se consolida hoje no cenário educacional brasileiro e se apresenta como uma possibilidade de democratização do saber. E nesse cenário se apresenta uma das primeiras universidades a acreditar na contribuição dessa modalidade: a Universidade Federal do Paraná. Devido a essa e a tantas outras experiências de sucesso com a educação a distância, cria-se um movimento que culmina na formação da Universidade Aberta do Brasil, cuja proposta se volta ao resgate de uma enorme dívida social referente à educação, acumulada durante séculos no Brasil.

2.4 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ E A UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

Diante da possibilidade e do desenvolvimento da modalidade educacional a distância no Brasil, destacam-se as articulações e propostas da Universidade Federal do Paraná – UFPR, como uma das pioneiras da educação a distância, preocupada em estudar, promover e estabelecer condições para “[...] a discussão sobre o papel que cabe às Universidades desempenhar frente aos desafios culturais, sociais, políticos e econômicos interpostos pela ordem mundial” (MARTINS, 1999, p. 07).

Essa modalidade surge na Universidade Federal do Paraná em meados da década de 80 e, de acordo com Miranda (2003), a preocupação inicial da instituição não se baseava apenas na implemetação de um novo sistema de dar aulas ou transmitir conteúdos, mas primeiramente teria um caráter investigativo, procurando compreender e delimitar os diferentes processos que se estabeleciam naquela inovadora modalidade educacional e que contou com alguns dos importantes nomes da universidade para a proposta de implantação de educação a distância na UFPR; entre eles destacam-se os professores: Dra. Onilza Borges Martins, Dra. Ymiracy Nascimento de Souza Polak, Dr. João Carlos da Cunha, Dr. Ricardo Antunes de Sá, Dra. Verônica Azedo Mazza, Dr. Sérgio Scheer, Dra. Graciela I. B. Muniz, Dr. Remy Lessnau.

O movimento da mentalidade que punha a educação como uma das condições de superação do desenvolvimento nos anos 70, teve, como não poderia deixar de ser, grande repercussão no meio acadêmico brasileiro. A educação, neste caso, representava a grande esperança que haveria de “resgatar”(era essa a palavra-chave repetida em todos os meios qualquer que fosse o tema de discussão!!!) e retirar o país do subdesenvolvimento em que se encontrava atolado. Na Universidade Federal do Paraná essa repercussão tem lugar sobretudo na criação de uma área de concentração com o nome de “Recursos Humanos e Educação Permanente” em 1983 no Programa de Pós-Graduação em Educação, o que proporcionou ampliar o terreno de discussão para um sem-número de áreas de ensino mediante os trabalhos de no mínimo 79 dissertações orientadas pelos professores do Programa. (MIRANDA, 2003, p. 142).

O espírito que motivou o movimento na UFPR na década de 80, e que amadureceu no decorrer dos anos, por meio das discussões e investigações dos profissionais envolvidos na modalidade a distância da instituição, desencadeou uma das primeiras obras sobre educação a distância, de autoria da pioneira e referência nacional em educação a distância, Profª Drª Onilza Borges Martins, do Setor de Educação da UFPR: “A educação superior a distância e a democratização do saber”, da editora Vozes, 1991. Esta obra procurou mobilizar os centros universitários brasileiros sobre a relevância dessa modalidade para a democratização do ensino em nosso país.

A discussão amadurecera como educação permanente, a ser levada ao conhecimento dos acadêmicos e dos professores como uma forma de saída para a situação da fase de subdesenvolvimento. Essa discussão pode ser condensada de uma maneira abrangente em duas obras de professoras que a abriam após a estadia em centros universitários europeus. A primeira

delas, A educação superior à distância e a democratização do saber, a qual se propunha difundir os diferentes meios pelos quais o Movimento Nacional de Formação do Educador continuou mobilizando todos os profissionais do ensino formal, no sentido de fazer avançar o processo de democratização do saber em favor das classes menos favorecidas perante a retroação progressiva no processo da democratização do ensino. Consciente de que 'instituições tais como a Universidade de Brasília e outros órgãos de nível estatal dispunham de projetos e experiências empenhados na educação superior aberta à distância', a autora Onilza Borges Martins diz que 'vários outros fatores tais como a carência de professores competentes para o exercício do magistério no ensino fundamental e médio (1º. e 2º. graus), a atualização desses professores, a dificuldade de cursos presenciais acenam à Universidade, instituição formal com acesso aos bens culturais, uma ação cultural a qual sem privilegiar uma clientela de elite seja exercida em sentido amplo com vistas à transformação social de toda a comunidade. Desta maneira, o acesso ao ensino a distância apresenta-se como uma situação concreta para toda a situação brasileira que independente de sexo, raça ou classe, por razões sociais e econômicas não teve oportunidade de se apropriar do conhecimento e das informações necessárias ao processo de progressão humana e social'. (MIRANDA, 2003, p. 142-143).

Essas preocupações embasam e motivam muitas instituições, no que diz respeito a assumir propostas a distância, pois essa modalidade tem sido apresentada como uma proposta de atendimento a uma grande quantidade de alunos, de maneira mais efetiva que as outras modalidades, e que permite o criar e o recriar um outro modo de ensinar e aprender, em que a aprendizagem se impõe fora dos parâmetros convencionais de uma sala de aula em que o professor ministra o saber.

Para Lima (2004), esse processo não reduz a qualidade do ensino; pelo contrário, estimula o conhecimento mais aprimorado, uma vez que o processo sistemático de educação se cumpre pela pesquisa e por sua reelaboração. Mesmo assim, a educação a distância ainda é permeada por muito descrédito, tanto no que tange a sua eficiência, quanto a ser considerada uma modalidade de segundo nível. Segundo Moran (2002), a educação a distância passa por inúmeras transformações e esta realidade à margem dos padrões tradicionais vai sendo, aos poucos, transformada. Transformações que não são uniformes e nem rápidas, mas contínuas e das quais não se pode mais retornar.

Dessa maneira, de acordo com SÁ (2007), a UFPR passa, no decorrer dos anos, a realizar vários congressos, cursos e seminários que discutem os caminhos dessa modalidade de educação e a estabelecer pequenos projetos de educação superior a distância, considerando o entendimento dos processos que norteiam a modalidade, sua flexibilidade, metodologia e os novos espaços geográficos. Essa

situação gera uma revisão dos significados e permite transformações e reflexões para o I Seminário de Educação a Distância: marco referencial de educação na UFPR, em Julho de 1999. Para Martins (1999), “trata-se, portanto, de um ato fundamentalmente político, já que, a UFPR fez opção pela inclusão de uma nova modalidade de educação para participar de uma visão integradora de mundo” (MARTINS, 1999, p. 84).

Os fatos acima expõem que o desenvolvimento da modalidade a distância na Universidade Federal do Paraná não ocorreu ao acaso e nem se implementou da noite para o dia. Contou com o esforço de muitos professores e colaboradores que acreditaram que a expansão da educação a distância ampliaria a possibilidade de promoção cultural e o aperfeiçoamento profissional a uma maior parcela da sociedade.

O esforço dos educadores que acreditaram na proposta dessa modalidade, após muitos anos de estudos e debates, resultou na regulamentação e institucionalização da educação a distância na UFPR, que passou a atender cursos em nível de graduação e de ensino profissionalizante. O credenciamento ocorreu no dia 5 de abril de 1999, permitindo que a universidade seja uma das cinco pioneiras a dar credibilidade a essa modalidade de educação, de acordo com Sá (2007).

O credenciamento do MEC permitiu à UFPR projetar novas possibilidades educacionais para a construção de referenciais transformadores e propostas inovadoras para uma educação sem fronteiras com o uso da metodologia da educação a distância.

Com base nessas informações, percebe-se que a trajetória da educação a distância na UFPR inicia-se na década de 80 e, ao longo desse tempo, procurou difundir a modalidade e demonstrar que a proposta amplia os processos de democratização e acesso ao saber. Dado o esforço inicial de seus pesquisadores, professores e colaboradores, a UFPR destaca-se como uma das melhores instituições de ensino a distância do país.

Hoje, em pleno século XXI, a UFPR é apontada como uma das instituições de excelência na modalidade a distância no Brasil. De acordo com a Revista Época nº. 641 de 27 ago. 2010, que apontou as melhores instituições de educação a distância do país e entre elas a universidade Federal do Paraná como “uma das primeiras federais a oferecer graduação a distância, que iniciou seu trabalho na educação a distância em 1998, com pedagogia. Em sua estrutura, os tutores

passam por um curso de seis meses em que aprendem a atender os alunos, lidar com os professores e usar os recursos tecnológicos oferecidos pelos cursos. A UFPR mantém também uma grade constante de palestras e oficinas de novas tecnologias usadas no ensino a distância para professores e funcionários em geral. “A duração dessa graduação é de 7 semestres com 20% de aulas presenciais em 05 pólos no Paraná, sendo as mensalidades gratuitas” (REVISTA ÉPOCA, p. 84-88).

A UFPR é, sem dúvida, uma das grandes referências na modalidade a distância no Brasil e, diante desse e de outros tantos projetos bem sucedidos, como os da Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Campinas, entre outras, verificou-se a necessidade de ampliar esse processo educacional para um maior contingente de universidades públicas, destacando-se, neste sentido, a iniciativa do Ministério da Educação e Cultura - MEC e do Conselho Federal de Educação com a proposta da Universidade Aberta do Brasil e a criação de consórcios das universidades públicas na modalidade a distância.

Em 1986 houve a iniciativa de se criar uma comissão de especialistas do MEC e Conselho Federal de Educação, para a viabilização de propostas em torno da Universidade Aberta. Esta comissão foi coordenada pelo conselheiro Arnaldo Niskier e produziu um documento denominado Ensino a Distância uma opção - proposta do Conselho Federal de Educação. (PRETI, 2007, p. 01).

A proposta da criação de um projeto de Universidade Aberta e da criação de consórcios das universidades públicas na modalidade a distância se fez devido à necessidade de ampliar e difundir essa modalidade para um número maior de instituições públicas que, por meio da metodologia da educação a distância, passariam a oferecer cursos de nível superior para camadas da população que têm maior dificuldade de acesso à formação universitária em nosso país.

Na realidade, a UAB não é uma nova instituição educacional, pois não tem sede ou endereço. O nome faz referência a uma rede nacional experimental voltada para a pesquisa e para a educação superior (compreendendo formação inicial e continuada), formada pelo conjunto de IES públicas em articulação e integração com o conjunto de pólos municipais de apoio presencial. (SEGENREICH, 2009, p. 211).

Trata-se de uma política pública de articulação entre a Secretaria de Educação a Distância - SEED/MEC e a Diretoria de Educação a Distância - DED/CAPES com vistas à expansão da educação superior, referendada pelo

Decreto nº. 5.800 de 8 de Junho de 2006 em seu Art. 1º. : Fica instituído o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB.

A Uab é uma parceria entre consórcios públicos nos três níveis governamentais: federal, estadual e municipal, e conta com a participação de universidades públicas e de outras organizações interessadas em ofertar vagas para estudantes no ensino superior a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País.

No discurso governamental, a EAD é apresentada, explicitamente, no Plano Nacional de Educação como uma forma de acelerar o cumprimento de dois compromissos desse Plano, em relação à Educação Superior: "prover até o final da década a oferta de educação para, pelo menos, 30% da faixa etária de 18 a 24 anos" e "estabelecer uma política de expansão que diminua as desigualdades de oferta existentes entre as diferentes regiões do país". (Brasil, 2001 citado por SEGENREICH, 2009, p. 206).

Esse programa, portanto, funciona como articulador entre as instituições de ensino superior e os governos estaduais e municipais, com vistas a atender às demandas locais por educação superior. Essa articulação estabelece qual instituição de ensino deve ser responsável por ministrar determinado curso em certo município ou certa microrregião por meio dos pólos de apoio presencial.

O Sistema UAB organiza-se de acordo com a biblioteca digital (BRASIL, 2006), em cinco eixos fundamentais:

- a) Expansão pública da educação superior, considerando os processos de democratização e acesso;
- b) Aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior, possibilitando sua expansão em consonância com as propostas educacionais dos estados e municípios;
- c) Avaliação da educação superior a distância tendo por base os processos de flexibilização e regulação implantados pelo MEC;
- d) Estímulo à investigação em educação superior a distância no País;
- e) Financiamento dos processos de implantação, execução e formação de recursos humanos em educação superior a distância.

Os primeiros cursos executados no âmbito do Sistema UAB, segundo Segenreich (2009), permitiram a concretização do Sistema UAB, por meio da seleção para integração e articulação das propostas de cursos, apresentadas exclusivamente por instituições federais de ensino superior e, nos anos seguintes,

passa a ocorrer a participação de todas as instituições públicas, inclusive as estaduais e municipais.

A atuação do Sistema UAB, de acordo com Preti (2007), após a abertura para todas essas instituições, permite a ampliação de seus horizontes, fomentando, assim, a criação de cursos na área de Administração, de Gestão Pública e outras áreas técnicas. Além de atuar diante do âmbito do Plano de Ações Articuladas, para equacionar a demanda e a oferta de formação de professores na rede pública da educação básica, apoiando a formação de professores com a oferta de vagas não-presenciais para o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação.

O portal da UAB, com acesso no ano de 2011 (BRASIL, 2006), destaca que a UAB conta hoje com 88 instituições de ensino superior participantes, 679 pólos, e oferece 441 cursos de graduação, 155 cursos de aperfeiçoamento e 213 cursos de especialização, tendo atingido cerca de 140.000 alunos em todas as modalidades. A meta da UAB era atingir 1.000 pólos e 300.000 alunos em 2010.

Devido a exigências da legislação brasileira do ensino superior cabe ressaltar que a UAB não é uma universidade “aberta” propriamente dita, pois existem requisitos e exames de ingresso (vestibular) para os cursos em nível de graduação, e processos seletivos para a maioria dos cursos de pós-graduação no país.

O sentido de ‘aberta’ que a Open University da Inglaterra difundiu pelo mundo no campo da EaD vai nessa direção. Não há pré-requisitos nem impedimentos legais para ingresso na universidade. Ela acolhe todo cidadão desejoso em se matricular em qualquer curso.

No caso da UAB, o sentido é mais restritivo, pois para ingressar na universidade o cidadão necessita passar por um exame, o Vestibular e ter concluído o Ensino Médio. Além de outras exigências das instituições como, por exemplo, ‘ser funcionário público’, ‘estar atuando na rede pública de ensino’, ‘ser funcionário do Banco do Brasil’.

É restritivo também quanto ao número de vagas. Oferece o número que as instituições envolvidas na parceria dão conta de atender, de acordo com recursos humanos e financeiros.

‘Aberta’ está aqui muito mais no sentido de que é a Universidade que sai do seu campus ou campi e vai onde o aluno estiver. É a Universidade que se ‘abre’, saindo de seus muros. (PRETI, 2007, p. 06).

Preti (2007), e Segenreich (2009), argumentam que o projeto da Universidade Aberta do Brasil é, sem dúvida, um grande passo que permite o acesso de muitos estudantes ao nível superior de ensino, além do reconhecimento do projeto diante dos órgãos federais que procuram desenvolver ferramentas capazes de avaliar o rendimento dos cursos e o desempenho dos alunos nos cursos

de graduação a distância, ingressantes e concluintes, em relação aos conteúdos programáticos em que estão matriculados.

A caminhada da educação a distância está apenas começando, e percebe-se que ela proporciona novos horizontes para a educação, na medida em que se propõe ao enfrentamento da desigualdade social e ao rompimento de antigos paradigmas educacionais, por meio das mudanças e reflexões que impõe diante de seu formato tão diferenciado do modelo presencial de ensino.

Assim, deve-se considerar o esforço dos primeiros desbravadores da educação a distância nas instituições de ensino superior do Brasil, e em especial o dos professores e pesquisadores da UFPR, que se destacaram como pioneiros nesta modalidade, em busca de uma educação de qualidade para todos. Essa coragem abriu as portas para que outras instituições promovessem a mesma modalidade, além de chamar a atenção dos órgãos responsáveis pela educação em nosso país para a possibilidade de uma educação preocupada com a “[...] democratização e o acesso ao saber escolarizado para atender à demanda imposta pela sociedade contemporânea, como uma das formas de superação dos processos de exclusão social” (MARTINS, 2005, p. 33).

Perceber o esforço e o trabalho desses professores, pesquisadores e instituições são de suma importância para a compreensão do percurso da educação a distância em nosso país; é necessário, porém, expandir essa realidade.

Assim, o próximo capítulo pretende demonstrar o avanço da educação a distância, por meio da efetivação do uso de recursos tecnológicos. Recursos estes que hoje fazem parte do cotidiano de uma grande maioria da população e que permitem a esta modalidade a ampliação de suas possibilidades educacionais.

3 A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA MODALIDADE A DISTÂNCIA

A virtualização do ambiente de aprendizagem vem agregar a educação maiores probabilidades de um ensino dinâmico, rápido e objetivo entre seus participantes.
Levy

O mundo encontra-se rodeado por tecnologia, telefones celulares, televisão, computadores de alta performance, comunidades virtuais e ambientes artificiais que hoje fazem parte da rotina da maioria dos cidadãos do planeta. Para Pretti (2002), as mudanças ocorrem em ritmo acelerado e estão provocando um avanço nas tecnologias da informação e da comunicação com repercussão nas estruturas dos sistemas da vida, da educação e da cultura.

Um novo paradigma se impõe à sociedade e aos meios educacionais: a era tecnológica, está se constituindo como uma exigência dos novos tempos em que a especificidade deve ser compreendida em sua totalidade e não em pequenos pedaços, pois ao se desmembrar essa modalidade, corre-se o risco de sucumbir a reflexões e suposições desencontradas.

Aliás, o próprio conceito de distância está se transformando, como as relações de tempo e espaço, em virtude das incríveis possibilidades de comunicação a distância que as tecnologias de telecomunicações oferecem. Também o conceito de interatividade carrega em si grande ambigüidade, oscilando entre um sentido mais preciso de virtualidade técnica e um sentido mais amplo de interação entre sujeitos, mediatizada pelas máquinas. Cabe perguntar que espécie de interação pode existir entre o sistema complexo que produz o jogo na internet e seus milhões de usuários jovens espalhados pelo mundo, ou mesmo entre estes últimos? (BELLONI, 2002, p.123).

A partir dessa compreensão, infere-se o percurso da educação a distância como um sistema que acompanha com maior agilidade os passos desse movimento histórico, compartilhando dos propósitos como um modelo educacional bastante adequado e desejável, tendo como ponto de referência as novas demandas educacionais, tecnológicas e as próprias relações de poder existentes.

A primeira dessas trajetórias parte do pressuposto de que a EAD, desde que tecnicamente bem elaborada, pode sustentar o desenvolvimento de 'programas de capacitação' economicamente mais viáveis do que os presenciais, permitindo o crescimento exponencial do número de formados, capacitados, qualificados, atualizados e/ou treinados. (BARRETO, 2006 p. 38).

Belloni (2001), traz em suas reflexões a compreensão de que a sociedade atual demanda por competências e habilidades científico-técnicas, sociais e metodológicas e de que nesse cenário, as transformações refletem-se em novos desafios para o sistema educacional. Dessa maneira considera-se a educação a distância um sistema que contribui para atingir os conhecimentos técnicos e

científicos que elevam a qualidade da produção e da integração social do indivíduo no trabalho e na sociedade.

Percebe-se, assim, que a formação exigida na fase tecnológica, não é apenas a de uma formação segmentada e ou técnica para o trabalho, mas considera-se uma nova cultura, a cultura de indivíduos reflexivos, críticos e com autonomia em que, de acordo com Lévy (2001), o trabalho linear segmentado, padronizado e repetitivo, característicos do padrão taylorista/fordista tem sido substituído por uma nova modalidade marcada pela integração, a flexibilidade e a necessidade de soluções imediatas e de iniciativas. Considera-se, portanto, um reconfiguramento para este novo milênio em que os indivíduos devem possuir a capacidade de liderar sua própria vida, tomar a iniciativa e assumir as responsabilidades.

Essa nova demarcação da sociedade moderna demonstra quanto o papel da educação é primordial e quanto a própria educação deve ser redimensionada, “[...] a educação é uma atualização da cultura, é a reprodução consciente do movimento da espécie”. (LEVY, 2001, p. 37).

Sendo assim, percebe-se que o mundo de hoje está “radicalmente moderno” na medida em que a tecnologia e a globalização estão em todas as esferas da sociedade e da educação, criando-se novos estilos de vida, de vivenciar o mundo e de aprender.

A educação a distância diante dessa realidade é um recurso de incalculável importância, que possibilita atender a grandes contingentes de alunos em tempos e espaços diferenciados além da capacidade de proporcionar acesso ao saber como meio apropriado à permanente atualização dos conhecimentos gerados pela ciência e cultura humana, como assinala Castells (1999, p. 24): “[...] há uma reorganização do tempo e da formação de uma nova cultura”.

Vale ressaltar que a educação a distância, conforme Martins (2005), não é uma modalidade educativa alternativa para a democratização do saber, mas uma prática educativa situada e compromissada em fazer educação e democratizar o conhecimento.

Assim, depreende-se a necessidade de caracterizar os elementos que permeiam a educação a distância, seus processos e possibilidades educacionais que são inúmeros e decorrem, dentre outros fatores, do avanço das tecnologias de informação e comunicação, da rapidez desses fluxos, do crescimento da rede de

informações, dos percursos a serem trilhados, das articulações que podem ser feitas, dos novos significados que podem ser produzidos.

As tecnologias permitem um novo encantamento na escola, ao abrir suas paredes e possibilitar que alunos conversem e pesquisem com outros alunos da mesma cidade, país ou do exterior, no seu próprio ritmo. O mesmo acontece com os professores. Os trabalhos de pesquisa podem ser compartilhados por outros alunos e divulgados instantaneamente na rede para quem quiser. Alunos e professores encontram inúmeras bibliotecas eletrônicas, revistas on line, com muitos textos, imagens e sons, que facilitam a tarefa de preparar as aulas, fazer trabalhos de pesquisa e ter materiais atraentes para apresentação. O professor pode estar mais próximo do aluno. Pode receber mensagens com dúvidas, pode passar informações complementares para determinados alunos. Pode adaptar a sua aula para o ritmo de cada aluno. Pode procurar ajuda em outros colegas sobre problemas que surgem, novos programas para a sua área de conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem pode ganhar assim um dinamismo, inovação e poder de comunicação inusitados. (MORAN, 1995, p. 25).

Nessa modalidade educacional, a utilização da tecnologia como ferramenta é uma perspectiva quase imprescindível e que pode ser útil, lembra Almeida (2003), tanto na tentativa de simular a educação presencial com o uso de uma nova mídia, como para criar novas possibilidades de aprendizagem por meio da exploração das características inerentes às tecnologias empregadas.

A educação a distância, portanto, insere-se como um compromisso para contribuir e não para fragmentar o sistema educacional. Esse compromisso implica rever valores e, para que isso aconteça, é necessário compreender suas características e elementos que lhe permitem esse formato arrojado, situado no ciberespaço, que desconhece as divisões dos espaços-tempo e das hierarquias convencionais. Para Almeida (2003, p. 335), “[...] a educação a distância em ambientes digitais e interativos de aprendizagem permitem romper com as distâncias espaço-temporais e viabilizam a recursividade, múltiplas interferências, conexões e trajetórias, não se restringindo à disseminação de informações e tarefas inteiramente definidas *a priori*”.

Sem dúvida, as características e os elementos dessa modalidade transformam a natureza e o modo de gestão do conhecimento, na medida em que permitem novas perspectivas por meio das ferramentas tecnológicas nos processos educacionais.

Pretende-se, assim, neste capítulo, abordar as características e os elementos que envolvem a modalidade a distância: sua flexibilidade metodológica

que adota novos espaços geográficos, imaginários e simbólicos e as mediações que realiza para os processos de aprendizagem, processos estes que consideram a aprendizagem como um processo dinâmico que possibilita transformações, estabelece diálogos e trocas entre os envolvidos no sistema.

Essa modalidade educacional, devido a sua flexibilidade metodológica, ao uso de ferramentas tecnológicas, encurta distâncias e possibilita estudos mais aprofundados e de qualidade; mesmo onde a falta de estrutura física é uma realidade. Para Moran (2000, p. 70), “[...] o novo desafio das universidades é instrumentalizar os alunos para um processo de educação continuada que deverá acompanhá-lo em toda sua vida”.

Essa modalidade, portanto, procura romper com as barreiras que dificultam o acesso à educação, partindo de um contexto de mudança de valores, em que a diversidade cultural está presente, além da contextualização de saberes e de conhecimentos tecnológicos, procurando assumir o seu papel em uma sociedade globalizada, ávida por qualificações, informações e comunicação.

Para Almeida (2003), a tecnologia utilizada na educação a distância é também a mediatizadora dos processos de aprendizagem, pois esta permite a comunicação entre os envolvidos e assume o papel de informação e comunicação.

Diante desse processo, Preti (2002, p. 68), faz uma ressalva, “[...] ainda que a comunicação multimídia favoreça a aprendizagem, ela não a garante”; compreende-se, assim, que não basta apenas o uso das tecnologias de comunicação para conceber os processos de ensino-aprendizagem na educação a distância. Essa ferramenta apenas permite a organização dos sistemas de educação a distância, mas não garante o estímulo e a aprendizagem; essa possibilidade, para Preti (2002), deve estar apoiada nos processos de mediação entre professor, tutor e aluno, além de contar com a ajuda das diferentes linguagens e dos processos tecnológicos, que oferecem suporte e estrutura que incentivam e viabilizam os processos de ensino-aprendizagem.

Os processos de aprendizagem na modalidade a distância não ocorrem ao acaso, mas é o resultado da comunicação e do diálogo dos diferentes processos que caracterizam a educação a distância: a concepção filosófica-política, a mediação, a tecnologia, a metodologia e a didática diferenciadas do modelo presencial de educação.

A educação a distância, portanto, encontra-se alicerçada na integração dos “multimeios” que pretendem assegurar a comunicação bidirecional, em que o aluno não é mero receptor de informações, mas alguém que estabelece uma relação de troca e de participação .

Assim, a educação a distância em ambientes digitais e interativos de aprendizagem permite romper com as distâncias espaço-temporais e viabiliza a recursividade, múltiplas interferências, conexões e trajetórias, não se restringindo à disseminação de informações e tarefas inteiramente definidas *a priori*. A EaD assim concebida torna-se um sistema aberto, “com mecanismos de participação e descentralização flexíveis, com regras de controle discutidas pela comunidade e decisões tomadas por grupos interdisciplinares”. (MORAES, 1997, p. 68).

Em linhas gerais, não existe educação sem troca e, portanto, é um fator indiscutível nessa modalidade, mesmo que, muitas vezes, ele se realize apenas virtualmente. Para Martins (2001), Pretti (2002), e Niskier (2009), o diálogo virtual entre professores, alunos e tutores é uma parte indissociável dessa modalidade, mas, sempre que possível e desejável, não é negada a presença física dos envolvidos nesse sistema educacional.

A flexibilidade didática e metodológica possibilita que o processo de aprendizagem não ocorra apenas “a distância” como sendo um objeto ou mercadoria, mas que o processo seja compartilhado em um movimento de ir e vir.

Nesse entendimento, as novas tecnologias e técnicas de ensino, bem como os diferentes processos de aprendizagem, fornecem recursos eficazes para atender e motivar os envolvidos na modalidade a distância, implicando em processos de aprendizagem que não se realizam de maneira “simplificada”, de um lado a tecnologia e do outro o aluno, mas que se faz na relação contínua dos processos de mediação estabelecidos pelos meios didáticos e pedagógicos presentes nas novas mídias.

Para Belloni (2001), é através de práticas didático-pedagógicas e metodológicas que a relação de aprendizagem é construída e reconstruída, estabelecendo-se novas possibilidades de conhecimento. Esse acesso ao conhecimento deve partir do princípio da atuação efetiva do sujeito envolvido no processo de ensino-aprendizagem considerando os recursos tecnológicos utilizados como meio de formação de um sujeito social, comprometido com o processo, ou seja, protagonista de sua própria caminhada em busca da aprendizagem.

Essa realidade dinâmica dos processos de aprendizagem e dos recursos tecnológicos remete à necessidade de apropriação e envolvimento com as Mídias e as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) de forma que elas contribuam na aprendizagem e no conhecimento, proporcionando aos alunos a liberdade responsável no seu uso, do aumento da autonomia e da responsabilidade, além do desenvolvimento de novas habilidades e da interação com diferentes comunidades.

Para Almeida (2003), a apropriação das TIC no processo da educação a distância reconstrói o que se entende por conhecimento. E é através dessas ferramentas tecnológicas e de mediações atuantes, realizadas por professores e tutores, que os processos de aprendizagem passam a se firmar, e as relações de tempo e espaço assumem um novo papel, não mais o de problema, mas o de uma educação sem distância, com flexibilidade de tempo em que o sistema educacional permita realizar o seu real papel: o papel de uma educação inclusiva, estimulante e motivadora. Barreto (2006), porém, pondera sobre a utilização das TIC na formação dos aprendentes, sugerindo que haja uma superação da razão instrumental tecnicista de sua utilização, destacando-se a necessidade do fortalecimento da dimensão didático-pedagógica, do redimensionamento do trabalho docente e de práticas sociais e escolares que apontem em direção oposta à substituição tecnológica.

As TIC propiciam uma nova linguagem no espaço educacional, facilitam a troca entre os protagonistas da modalidade e devem garantir uma postura dialética no processo de construção de uma práxis comprometida com os processos formativos inovadores e da superação de antigos paradigmas educacionais. Para pesquisadores como Martins (2001), Pretti (2002), e Niskier (2009), uma das características mais importantes dessa modalidade é o fato de este espaço virtual estar desvinculado da presença física do aluno. Essa desvinculação refere-se à condição de o aluno estudar em quaisquer regiões do mundo, evitando a necessidade do deslocamento provisório ou permanente desse sujeito. Nesse sentido, a utilização das TIC no sistema a distância não deve ser desconsiderada; pelo contrário, deve ser uma importante ferramenta que contribua para a ampliação e a expansão da modalidade a distância, oportunizando o contato com professores, tutores, além de outros estudantes de diferentes classes sociais e culturais, facilitando a integração de diferentes conhecimentos e culturas que podem

acrescentar novas perspectivas que, efetivamente, propiciam um acréscimo cultural e de saberes, tendo como consequência não só conhecimento, mas novas habilidades sociais, de comunicação e colaboração.

Compreender a especificidade e a utilização das ferramentas tecnológicas é apenas o início do percurso para o entendimento da complexa rede que integra esse sistema educacional. A educação a distância não se encontra permeada somente pela tecnologia; esse sistema conta com bases pedagógicas, metodológicas e didáticas que oferecem um conjunto de referenciais que dimensionam e promovem a modalidade em questão.

A organização da educação a distância, destacam Martins (2005), e Preti (2003), é bem mais complexa que o sistema da educação presencial, pois nessa modalidade conta-se com uma diversidade de conteúdos e procedimentos que asseguram a integração dos processos pedagógicos, didáticos e tecnológicos. Processos que devem assegurar qualidade e conhecimento ao estudante.

[...] o conhecimento é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação. É algo construído por cada um, muito próprio e impossível de ser passado para o outro – o que é passado é a informação que advém desse conhecimento, porém nunca o conhecimento em si. (VALENTE, 2003, p.140).

O conhecimento, na modalidade a distância não se dá *a priori*, mas se realiza na possibilidade de liberdade e autonomia do aluno, tanto no que diz respeito aos processos pedagógicos, quanto aos metodológicos e didáticos.

Os diferentes processos situam e criam caminhos para a modalidade a distância, além de possibilitar ao professor, tutor e aluno estabelecer e desenvolver suas identidades. Para Wachowicz (2009), esses caminhos se fundamentam na necessidade do envolvimento e do domínio sobre os métodos de ensino que serão transmitidos, procurando desenvolver e estabelecer interesses emancipatórios e reflexivos que se efetivem em ações e relações significantes de aprendizagem, para ambos os envolvidos na modalidade.

Litwin (2001), destaca ainda, que essa modalidade possui características específicas e diferenciadas do modelo presencial, em que a separação física entre o professor e o aluno, a metodologia diferenciada, a didática e a tecnologia são

apenas algumas de suas peculiaridades, o que provoca a necessidade de argumentação e construção de novos conceitos específicos para a modalidade.

As características diferenciadas da modalidade a distância promovem modificações substanciais nos paradigmas de educação vigentes, uma vez que oferecem aos envolvidos na modalidade inúmeras possibilidades de acesso à informação e ao conhecimento, em que novas formas de aprender e ensinar são requeridas nesse novo ambiente.

Com base nesses fatos, nossa compreensão é de que uma das características mais importantes da EAD é sua trajetória: ela flexibiliza metodologias, adota novos espaços geográficos, imaginários e simbólicos nos quais o aluno encontra consistência teórica e qualidade tanto pelas mediações que realiza, como pelas interfaces que ocorrem durante o processo de aprendizagem. (MARTINS, 2010, p. 92).

Essa visão parece coincidir com a perspectiva de Preti (2004), que considera que o processo pedagógico deve oferecer a qualidade e o suporte necessários para a mediação do processo ensino-aprendizagem, na medida em que eles possibilitam ao aluno questionar, classificar, processar e entender as diferentes informações a partir de suas múltiplas possibilidades cognitivas.

A aprendizagem, portanto, não é só conhecimento. Ela também se (re)constrói na habilidade emancipatória do ser humano, ela não se faz apenas da consagração da idéia de educação como ensino, instrução ou treinamento, mas sim, da relação dialética entre os sujeitos, que podem inverter os fatores de reprodução do conhecimento, para a (re)construção de um processo de aprendizagem, com base em pesquisa e elaboração do próprio aluno.

É nesse sentido que Freire (1996, p.14), destaca que: “[...] formar é muito mais do que treinar o educando no desempenho de destrezas”, salientando a importância de uma concepção de escola que sabe que: “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, garantindo, assim, o tempo de cada um, numa perspectiva de respeito às diversidades e singularidades de cada grupo ou indivíduo.

Assim, a educação a distância em seu processo acadêmico, necessita de diferentes ferramentas para ampliar a sua ação educativa e entre elas merece destaque o material didático.

O material didático na educação a distância deve ser dimensionado e desenvolvido com exclusividade para essa modalidade e, de acordo com Ferreira e

Silva (2010), o material deve ser desenvolvido mediante uma ação conjunta entre professores, tutores, alunos, designers, diagramadores, coordenadores pedagógicos, ilustradores e outros atores que participam direta ou indiretamente do contexto da educação a distância. Essa troca de conhecimento e saberes entre os participantes é requisito fundamental para a construção dos processos dialógicos do material didático.

Para Preti (2002, p. 67), o material didático é “[...] o elo de diálogo do estudante com o autor, com o professor, com as suas experiências, com a sua vida mediando seu processo de aprendizagem”.

Assim, aquele que acredita que educar é transmitir informações produzirá um material repleto de dados, comentários e explicações que pouco espaço oferecerá ao leitor para reflexões e questionamentos. O que ele apresenta é registrado como verdade absoluta em um texto inflexível e fechado em suas mensagens. (FERNANDES, 2009 p. 397).

A esse respeito, portanto, importa ressaltar que a construção do material didático, para Martins (2005), Preti (2002), e Fernandes (2009), deve visar a uma inserção crítica que provoque o diálogo e a reflexão. Pois um material didático de excelência, em forma e conteúdo, deve ser um elemento capaz de construir diferentes interpretações, na medida em que reconhece que é o leitor, partindo de suas vivências e conhecimentos adquiridos, que atribui significados ao material que lhe é oferecido.

Nessa perspectiva a elaboração do material didático deve ter como princípio o acesso aos conhecimentos científicos, além dos contextos sociais, políticos e culturais que devem estar apresentados de uma forma que possibilitem reflexões e questionamentos aos estudantes. Esse processo deve estimular o estudante, a fim de que ele explore o material a partir de suas necessidades, e seja levado a interpretar a realidade e o novo universo de conhecimentos que lhe são apresentados. Logo, a produção do material didático, para Martins (2005), Preti (2002), e Fernandes (2009), é um dos fatores decisórios na qualidade de um curso na modalidade a distância, já que cabe a esse recurso grande parte do aprendizado do aluno.

Mas, o material didático na educação a distância não se limita apenas a materiais impressos de qualidade, pois hoje, como já se mencionou, conta-se com a

tecnologia e as diferentes perspectivas de aprendizagem e comunicação que a modalidade oferece.

A grande rede é atraente e sedutora. Podemos entrar anonimamente no ciberespaço, sentir-nos donos das informações acessadas e, como *voyers*, apreciar conteúdos que pipocam daqui e dali, descartar o que não nos interessa e apropriar-nos do que julgamos interessante. Não há estrada principal, não há sinalização nos cruzamentos, as palavras têm múltiplos sentidos. Uma pluralidade de textos, vídeos, animações, jogos e sons nos encantam e nos fazem viajar e nos perguntar de vez em quando ‘O que eu estava pesquisando, mesmo? Como vim parar aqui?’. (PALANGE, 2009, p. 379).

Então, ao deparar-se no ciberespaço e na pluralidade de textos, vídeos, sons e informações que esse espaço oferece, o processo pedagógico e o próprio material didático devem adaptar-se às novas circunstâncias, considerando-se as possibilidades e limitações das tecnologias envolvidas no ambiente da educação a distância. Dessa maneira destaca-se como ferramenta o uso da tecnologia no modelo de ensino não presencial, em que o modelo de ensino/aprendizagem situa-se em um ambiente virtual, aproveitando o sistema para a comunicação e a criação de novas relações propiciadas pelas ferramentas digitais.

Para Passarelli (2009, p. 329), “[...] o universo da cibercultura nos permite transitar, simultaneamente, por diferentes instâncias da realidade”; dessa forma as possibilidades de informação e do conhecimento são ampliadas, permitindo sua democratização e incentivando a autonomia e a construção de diferentes formas de aprender.

Já não cabe considerar apenas leituras de livros, porque um novo modo de ler se impõe, orientado por arquitetura fluida, leve, volátil e hipertextual. A leitura torna-se nômade, pois perambula de uma lado para o outro, junta fragmentos e mapas; perde-se e encontra-se. É leitura topográfica, pois uma nova escritura vai sendo elaborada nos nexos encontrados e feitos pelo leitor-produtor. Pode ser instrucionista, mas pode ser criativa, se aparecerem pesquisa e elaboração em contexto de autonomia reconstrutiva. (DEMO, 2007, p. 44).

O ambiente das novas tecnologias mudou a educação e o modo como se interage e se vê o mundo; hoje conta-se com cenários de aulas virtuais que geram inúmeras possibilidades de interação, participação e aprendizagem. Muitos desses processos mediados pela tecnologia oportunizam ao estudante o contato imediato com o professor e com outros alunos, mesmo que eles se encontrem em diferentes e distantes lugares.

Esse formato de comunicação disponibilizado pela via digital permite um novo relacionamento e novas discussões sobre os processos de comunicação e ensino-aprendizagem. A flexibilidade do tempo e do espaço, ou seja, a separação física entre o aluno e o professor, permitem a essa modalidade, para Preti (2002), e Martins (2005), a democratização do ensino.

Deve-se, então, compreender que a educação a distância caracteriza-se por processos distintos de ensinar e aprender: síncronos e assíncronos.

O processo síncrono é estabelecido por Martins (2005), Preti (2002), e Litwin (2001), como toda comunicação que exige que os interlocutores estejam conectados (*on line*) no mesmo momento da troca de mensagens. Essa comunicação interativa relaciona-se através de ferramentas como telefone, televisão, chat, e-mail, fóruns, 'skipe', msn, que permitem a interação e a troca de informações entre os envolvidos na modalidade a distância.

As vantagens desse sistema estão na:

Interação dos participantes: - Os envolvidos nesse sistema interagem entre si em tempo real, através dos mecanismos de comunicação. Os momentos de encontro ocorrem virtualmente e a comunicação é estabelecida *on-line* (mesmo tempo) permitindo ao tutor e ou/professor e ao aluno a troca e a motivação necessárias para o auxílio no processo de aprendizagem.

As desvantagens estabelecidas nesse processo caracterizam-se pela exigência de sofisticados equipamentos tecnológicos que, muitas vezes, acabam aumentando os custos do sistema de ensino, fazendo com que algumas instituições optem por sistemas mais econômicos.

Mas o que se percebe, é que mesmo diante de algumas dificuldades de ordem financeira, a tecnologia veio para tornar possíveis as diferentes formas de comunicação e informação. Antes da educação a distância contava-se apenas com algumas formas de comunicação como a televisão, o rádio e o ensino por correspondência; hoje essa modalidade amplia-se por meio da era digital, com a possibilidade de diálogo e da participação ativa que envolve o universo a distância, oferecendo recursos diversos à comunicação humana que contribui para a revolução da educação, da informação e das diferentes formas de interação e autonomia do estudante.

A autonomia é uma das características marcantes da educação a distância que vem a ser, para Martins (2005), a independência e a flexibilidade, ou seja, o

sujeito capaz de gerir o seu processo de aprendizagem, de se auto-dirigir e auto-regular-se; segundo Preti (2002), eles objetivam promover a aprendizagem de um conteúdo, além de capacitar o "aprender a aprender" e o "aprender a fazer" de forma flexível, autônoma em relação ao tempo, espaço, ritmo de aprendizagem.

Meu bom senso me diz. Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre. (FREIRE, 1996, p. 62).

Aprender a distância, portanto, exige do aluno aprender em seu ritmo, utilizar-se de sua criatividade, relacionar-se com as diferentes ferramentas da modalidade a distância, além de ter a responsabilidade de agir com autonomia diante desse sistema aberto e diferenciado.

O mesmo ocorre com os diferentes protagonistas dessa modalidade: professores e/ou tutores que atuam no sistema, pois eles são desafiados ao uso efetivo das ferramentas tecnológicas e à seleção de técnicas e estratégias de ensino adequadas ao desenvolvimento de novas competências que os auxiliem no trabalho didático e pedagógico que irá pautar a construção da autonomia e da liberdade dos aprendentes.

Se persistirmos em trabalhar apenas com conceitos, como se eles fossem a própria realidade; se teirmos em ignorar o fantasma real do não saber o porquê das coisas, então será verdade que os alunos aprendem pouco na escola. Ao contrário, se entendermos a aprendizagem como sendo a reestruturação das nossas estruturas cognitivas, a ponto de sermos capazes de buscar explicações em situações novas, por mais complexas que estas sejam, então teremos que concordar que o trabalho da escola é formar atitudes de aprender, atitude esta que, uma vez consolidada, fará com que o aluno prossiga sua caminhada como um sujeito que faz história e não apenas é feito por ela. Ou melhor, será um sujeito da História, o que significa que faz enquanto se faz. (WACHOWICZ, 2009, p. 109).

Para Martins (2005), professores e tutores afirmam-se nessa modalidade por meio de uma nova forma de aprendizagem, de planejamento didático e pedagógico, em que o ambiente dinâmico e tecnológico favorece a exploração de diferentes perspectivas que exigem deles um esforço extra na atividade de planejamento e desenvolvimento de estratégias que minimizem as possíveis

limitações que possam comprometer a autonomia e a liberdade de aprendizagem do aluno.

Litwin (2001), traz uma concepção educativa semelhante à de Martins (2005), em que a eficiência de uma educação a distância é mais resultado da preparação que da inovação. Por essa razão, o planejamento e o desenvolvimento da ação didática e pedagógica, assumem uma importância vital para o sucesso de qualquer programa de educação a distância.

E, para que a mesma seja considerada adequada é preciso que satisfaça, pelo menos, dois critérios: a) deve ser clara e precisa; deve ser capaz de fazer tomar consciência das contradições e insuficiências dos velhos conceitos, de modo que crie as condições necessárias para iniciar um processo construtivo; e b) o professor precisa ter um conhecimento preciso, entre outras coisas, das relações entre linguagem e pensamento: da função de “regulador” do comportamento que exerce a linguagem; das técnicas de confronto de conceitos; das possíveis combinações entre comunicação verbal e comunicação visual e do grau de eficiência que corresponde a cada uma destas combinações.

Uma reflexão acerca destes critérios pode apontar caminhos para que a comunicação seja melhor aproveitada nos processos de ensino e aprendizagem na EAD e possa, de fato, contribuir para com o desenvolvimento cognitivo dos alunos. (GUTIERREZ, 1994, p.10-11).

Portanto, as ações fundamentadas na participação ativa de seus integrantes, mediadas pelas tecnologias de comunicação digital na modalidade a distância, devem propor práticas inovadoras que poderão levar a melhoria da qualidade dos processos de ensino-aprendizagem e do acesso a uma educação democrática, em que sua concepção poderá tornar a educação a distância “[...]um processo de formação humana, emancipatório, crítico ou restrito de treinamento, ou de adestramento” (Martins, 2005, p. 49). Essa modalidade se destaca como um novo compromisso com o sistema educacional fundamentando sua concepção na busca por um modelo de educação diferenciado e inovador. Cabe, assim, estabelecer uma nova consciência educacional, em que se conta com novas e diferentes formas de ensinar e de aprender, desvelados por uma nova didática em um espaço e tempo diferenciados.

Preti (2003), e Martins (2005), destacam que a educação a distância caracteriza-se por grandes desafios em que os novos recursos tecnológicos disponíveis deverão estar aliados às especificidades dessa modalidade, exigindo uma concepção pedagógica interativa, colaborativa e reflexiva, em que a comunicação docente/discente exige novos esquemas mentais e novas concepções

acerca do saber que envolve diálogos constantes, intercâmbios singulares, criatividade, disponibilidade para investigação, e competência da gestão dos tempos e da distância desse sistema de ensino.

A Educação a Distância não deve ser simplesmente confundida com o instrumental, com tecnologias a que recorre. Deve ser compreendida como uma prática educativa situada e mediatizada, uma modalidade de se fazer a educação, de se democratizar o conhecimento. É, portanto, uma alternativa pedagógica que se coloca hoje ao educador e que tem uns práticos fundamentados em fundamentos éticos, solidários e compromissados com as mudanças sociais. (PRETI, 2002, p. 27).

Nesse sentido deve-se buscar, através de estudos, elementos que possam contribuir e possibilitar avanços nas práticas didáticas, pedagógicas e políticas que possibilitem a transformação e construção de novos movimentos educacionais; isso por meio de processos educativos emancipatórios que permitam a autonomia, a criticidade, a consciência e a reflexão dos envolvidos no sistema, para que haja sempre mais possibilidades de aprendizagem e de conscientização do processo do qual fazemos parte; a crescente demanda pela educação e a constante necessidade de uma reciclagem pessoal nas diferentes instâncias do saber e da cultura, vêm sinalizado ao sistema de ensino presencial suas limitações quanto ao aumento da clientela, devido a sua grande amplitude, nos países em desenvolvimento.

O crescimento, expansão e barateamento do acesso às novas tecnologias fez com que organizações até então afastadas da EAD passassem a encará-la como um desafio a ser vencido, prevendo, em curto prazo incorporá-la às suas ações. Nesse caso está o mundo universitário em geral, que há cerca de cinco ou seis anos atrás, via a EAD como oferta exclusiva para levar ensino regular (cursos supletivos) à massa fora da faixa etária, com raras e honrosas exceções. (BLOIS, 2004, p. 102).

Esse fenômeno educativo, suas características e elementos constituintes devem ser mais bem investigados e compreendidos para que possam contribuir para produzir processos educativos que favoreçam a aprendizagem.

E é justamente, pensando nesses processos e no processo ativo da construção do saber, que compreende liberdade, democracia e conhecimento, que Martins (2005), Preti (2002), Moran (2004), Litwin (2001), e Belloni (1999), destacam o papel do protagonista dessa pesquisa: o tutor.

Para esses autores o tutor é considerado como um dos fatores fundamentais para o bom desempenho do aluno. Assim, o tutor será o objeto de

estudo do próximo capítulo que procura estabelecer relações e transitar por referenciais acadêmicos que possam apontar os caminhos que delimitam o seu papel na educação a distância.

4 O PAPEL DO TUTOR NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.

Com a expansão do ensino a distância, a importância do tutor cresce a cada dia no Brasil. Nos últimos três anos, segundo fontes do Censo EaD (BRASIL, 2010) da ABED, houve um aumento de 3.000 por cento no número de alunos nos cursos a distância, havendo, portanto, a necessidade de maior número de profissionais que atuem nessa modalidade. De acordo com a ABED, o tutor pode atuar, no máximo, com um grupo de 40 a 50 alunos no sistema a distância.

Para a Associação Brasileira de Ensino a Distância - ABED, a educação a distância deverá crescer em torno de 8% neste ano no Brasil. Ainda, de acordo com dados da SEED – Secretaria de Educação a Distância e do MEC – Ministério da Educação, o Brasil conta com 210 instituições de ensino superior com ensino a distância, das quais 91 estão no Sudeste, 43 no Sul, 42 no Nordeste, 19 no Centro-Oeste e 15 no Norte.

Apesar do crescimento da educação a distância, conforme fontes do MEC e da ANATED – Associação Nacional dos Tutores da Educação a Distância (BRASIL, 2011), o papel desse profissional no Brasil ainda é pouco valorizado, mesmo diante da constatação de sua importância para a educação. Sendo assim, a ANATED¹ luta para valorizar o profissional, seu trabalho, sua dedicação e o seu comprometimento com a atividade docente.

Reverter esse quadro, em nosso país, passa primeiramente pela necessidade de entender quem é o profissional, suas características, seu compromisso, função e perspectivas. Essa modalidade de educação se consolida mediante processos diferenciados de ensino-aprendizagem, que admitem novas possibilidades e características que a diferenciam da modalidade presencial.

A educação na modalidade a distância destaca, em seu âmago, a figura do tutor com concepções, hipóteses e novas interpretações de seu papel. E é nessa

¹ Em meados do ano de 2006 inicia-se o movimento dos tutores de educação a distância para a defesa dos alunos que se formavam nessa modalidade de ensino, pois havia uma forte resistência das diretorias de ensino em aceitar os alunos formados pela educação a distância – EAD. Esse movimento inicial torna-se mais forte com o enfrentamento de problemas, como a falta de definição do papel do tutor e a baixa qualificação para o exercício da função, entre outros. Em 2009 formaliza-se a ANATED - Associação Nacional dos Tutores da Educação a Distância, que procura defender e fortalecer a educação a distância, elevando a qualidade da educação, por meio de um profissional altamente selecionado e qualificado para os desafios que exige essa modalidade de ensino.

direção que se faz a necessidade de caracterizar e delimitar tal protagonista da educação a distância, para que se estabeleçam posturas e informações que possam garantir tanto o desempenho do trabalho dele, quanto a garantia de reconhecimento e valorização de sua atividade como tutor.

A palavra tutor, de acordo com o dicionário Larousse (2006), “[...] provém do latim *óris*, que significa guarda, defensor, protetor, curador, ou seja, aquele que exerce uma tutela, que ampara, defende, é o guardião”. Na Nova Enciclopédia Larousse (2006, p. 314) “[...] o tutor é aquele que orienta e aconselha sobre um determinado assunto ou matéria, além de ser o responsável por uma pessoa menor ou incapacitada”.

Em diferentes áreas acadêmicas utiliza-se o vocábulo tutor, e seu conceito passa a ter novas considerações de acordo com a área em que está sendo empregado. No Direito, por exemplo, tutor significa indivíduo que exerce uma tutela, aquele que ampara e protege. Na Administração, no entanto, tutor é aquele que supervisiona, dirige, governa. Tem-se também a idéia de tutor como aquele aluno a quem se delega a instrução de outros alunos. Além desses, tutor pode significar [...] “estaca ou vara que se enterra no solo para amparar uma planta de caule frágil, flexível ou volúvel, conceito este utilizado na agricultura”, de acordo com o dicionário (LAROUSSE, 2006, p. 314).

No campo da educação o uso do termo tutor “[...] significa a ação de ajudar, guiar aconselhar e orientar os alunos por parte de um professor” (BERNAL, 2008, p. 59).

A tutoria não é um processo recente, e muito menos se encontra restrita ao modelo de educação a distância como muitos imaginam. Sua origem, segundo alguns historiadores, remete às universidades da Idade Média. Para Bernal (2008), a tutoria era uma necessidade nos processos educativos daquela época, em que se desejava um sujeito que pudesse guiar e orientar a conduta moral, social e intelectual dos estudantes na busca pelo conhecimento.

Esse papel do tutor, portanto, no campo da educação daquela época era o de um sujeito inflexível, que detém o conhecimento e guia os passos de seu pupilo e o encaminha de acordo com sua vontade e suas expectativas, não oportunizando ao aluno a reflexão e a autonomia.

A partir do final do século XV, a figura do tutor no campo acadêmico passa por mudanças, em especial nas universidades inglesas de Oxford e Cambridge.

Para Bernal (2008), essas academias redimensionaram o termo tutor, favorecendo uma releitura de seu papel, concebendo, então, que esse sujeito passaria a desempenhar um papel de estreita e individual relação com o aluno, tendo como finalidade estimular a curiosidade permanente, em um ambiente de amizade e confiança mútuas.

Para Preti (2010), esse modelo de tutor presencial passa a influenciar a configuração da tutoria concebida pela primeira universidade a distância, a Open University e que serviu de “modelo” às mega universidades a distância que surgiram depois dela, como a UNED da Espanha, a Anadolu University da Turquia, a University of South Africa, a Indira Gandhi National Open University da Índia, entre outras academias.

Para Botti e Rego (2008), o termo tutor aparece no Brasil em meados do século XVIII, e define-se por guarda, proteção, defensor, curador. Além de significar aquele que mantém as pessoas sob sua vista, que olha, encara, examina e observa; ou seja, tutor é aquele que tem a função de amparar, proteger, defender e governar.

Na História brasileira destaca-se um grande exemplo do papel de tutor na figura de José Bonifácio de Andrade e Silva. De acordo com os pesquisadores Botti e Rego (2008), José Bonifácio fora então nomeado pelo imperador D. Pedro I como tutor de seu filho D. Pedro II, em função de sua necessidade de abdicar do trono em favor de seu filho para poder retornar à Europa. Sendo D. Pedro II menor de idade, o papel que José Bonifácio exerceu em sua formação, devido ao afastamento de seu pai, teve grande influência na formação de seu caráter, pois José Bonifácio, o tutor de D. Pedro II, era tido como um homem de caráter forte e dominador. Uma figura imponente e, embora seu tutorado tenha sido efêmero, sua figura inflexível, acentuada ainda mais pela velhice, exerceu importante influência sobre a vida e as ações de D. Pedro II.

O tutor, nesse cenário, apresentava-se como um sujeito experiente e competente, com a capacidade de ajudar, ensinar e estimular o desenvolvimento pessoal de seu pupilo, apesar da forma rígida e inflexível de agir.

Essa realidade dominadora do tutor também é demonstrada na história da educação brasileira por Azevedo (1963), em especial na formação da elite brasileira, que importava professores/tutores da Europa para ensinar poucos indivíduos privilegiados.

Para Azevedo (1963), o papel do tutor também aparece no cenário da escola presencial, em particular no trabalho realizado por alunos mais adiantados que ofereciam seus conhecimentos a outros alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem.

Diante desse contexto inicial do termo tutor, deve-se ter o cuidado para não analisar a palavra apenas no seu sentido original, além de compreender que o seu significado na educação se transformou e se redimensionou no decorrer da história, incorporando reflexões e conceitos mais amplos e mais criativos.

Se analisarmos a palavra em seu sentido original e sua passagem ao contexto da educação, significam que o aluno é uma pessoa que necessita de ajuda e é incapaz de autogovernar-se; portanto, a função tutorial diminui à medida que o sujeito, por seu próprio desenvolvimento, alcança sua independência. Se assumirmos o conceito em sua origem, estaremos, então, prolongando a concepção de um tutor que acompanha um estudante dependente, e que há de tomá-lo pela mão para conduzi-lo pelas trilhas do conhecimento, cuidar da forma como se transmite esse conhecimento e constatar que ele tenha aprendido. No entanto, se concebermos o tutor a partir de um aspecto mais criativo, como aquele que olha, observa, contempla e, ao mesmo tempo, vigia, cuida, defende e protege, estaremos diante de um tutor que desenvolve habilidades e competências para acompanhar um estudante que necessita de sua atenção. (BERNAL, 2008, p. 57-58).

O século XX, a era da Revolução Tecno-Científica (que compreende a aplicação de tecnologias em diferentes etapas produtivas da indústria, do comércio e da vida do ser humano) nos coloca frente a novas e diferentes perspectivas que invadem o século XXI. Essa revolução tecnológica invade o mundo no qual vivemos e hoje o homem precisa ensinar e aprender em uma sociedade globalizada e interconectada. Como aprender? Como contribuir no processo de ensino-aprendizagem característico desse momento histórico?

Nessa perspectiva, o papel do tutor se torna evidente e sua atuação na educação deverá atender a uma ação orientadora global, compreendendo um conjunto de ações educativas que possam contribuir para desenvolver e potencializar as capacidades básicas dos alunos, orientando-os no crescimento intelectual e da sua autonomia.

Evidencia-se, portanto, que a tutoria é um conjunto de ações dirigidas ao processo de formação do estudante, que “[...] motiva, incentiva, dá os primeiros passos para sensibilizar o aluno para o valor do que vai ser feito, para a importância

da participação do aluno nesse processo” (MORAN, 2000, p.47), e não apenas uma assessoria acadêmica para a resolução de dúvidas e problemas de aprendizagem.

A tutoria, nesse sentido, deverá compreender a relação entre tutor e aluno, ou seja, um caminhar juntos no processo de construção do conhecimento e do desenvolvimento humano, os quais não são transmitidos ou adquiridos como um objeto ou mercadoria, mas construídos na realidade e no sentido de nossa interação com o mundo e com o outro.

É possível constatar aqui o ponto de vista de Vygotsky: o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando o seu comportamento, mas sim através de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro. (REGO, 2009 p. 95).

Cabe considerar que o papel do tutor na educação a distância deverá estabelecer situações que impulsionem e promovam o desenvolvimento integral do sujeito, através da troca e do diálogo com o outro. Dessa forma são estabelecidos processos que envolvam aquele que ensina (educador), a quem se ensina (educando) e o que se ensina (conteúdo), assim Martins (2005), afirma que o papel do tutor deve ser compreendido como um dos elementos fundamentais do processo educativo na modalidade a distância. Essa prática educativa deverá promover atitudes orientadoras em relação ao estudante, reconhecer os processos de ensino-aprendizagem que considerem a capacidade do sujeito, e da sua necessidade de interpretação. Isso contribui para a construção de um sujeito ativo e capaz de produzir suas próprias modificações.

Para tal, este ‘novo educador’ deverá conhecer as características, necessidades e demandas do alunado, formar-se nas técnicas específicas da modalidade a distância, desenvolver atitudes orientadoras e de respeito à personalidade dos estudantes e dar-se conta de que sua função é formar alunos adultos para uma realidade cultural e técnica em constante transformação (PRETI, 2002, p. 31).

Caberá, portanto, ao tutor desenvolver condições que permitam o processo de ensino-aprendizagem em uma relação de respeito que considera o aluno como um sujeito ativo da construção do saber, na medida em que esse processo respeita a liberdade, a democracia e o conhecimento; que deve ser um bem adquirido por todos e legitimado por modelo de educação, que busque viabilizar e superar obstáculos; e, nessa contrapartida, o tutor irá se estabelecer e viabilizar sua

contribuição para a modalidade a distância. Para Alonso (2009, p. 91), “[...] nesta visão, o aluno não transfere, simplesmente, o saber que vem do mundo externo para sua memória; ele constrói interpretações, com base em suas interações”.

Ao tutor caberá não apenas deter o conhecimento a ser ensinado, mas se faz necessário que ele seja portador de conhecimentos, de técnicas e recursos adequados, que possam auxiliar na gerência dos processos de ensino-aprendizagem.

Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial. Aprendemos quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido. (MORAN, 2000, p. 23).

Nesse sentido, é necessário observar a necessidade de uma perspectiva educativa que esteja pautada em uma concepção consciente das contradições e da insuficiência dos velhos conceitos; deve possibilitar a criação de novas e diferentes condições, para que se iniciem processos construtivos que incorporem reflexões acerca dos caminhos que possam contribuir para o desenvolvimento e o conhecimento dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem da educação a distância. É através da influência do outro, da ação do sujeito no mundo, que ocorrem as modificações nas estruturas do pensamento do próprio indivíduo, provocando, assim, transformações do conhecimento e do desenvolvimento humano.

Meu bom senso me diz. Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre. (FREIRE, 1996, p. 62).

Pensar o papel do tutor, portanto, é estabelecer uma interlocução entre o aluno, professor e o tutor, e as possibilidades dessa relação; nessa dinâmica, os processos de diálogo e de troca podem permitir a construção de uma pedagogia fundamentada na ética, no respeito à dignidade e na própria autonomia do educando. Para Demo (2007, p. 32), “[...] o educador precisa saber descobrir o tipo de influência que, no outro lado, não implique submissão, mas reação autônoma”.

Esse papel, portanto, deverá estar pautado não apenas no domínio do conteúdo, que é imprescindível para o exercício desta função, mas também deverá estar aliado à necessidade do dinamismo, da reflexão, da criticidade e da responsabilidade de estimular a busca de conhecimentos e habilidades nos processos de ensino-aprendizagem. Conforme Preti (1996, p. 27), “[...] o tutor, respeitando a autonomia da aprendizagem de cada cursista, estará constantemente orientando, dirigindo e supervisionando o processo de ensino-aprendizagem” “[...] é por intermédio dele, também, que se garantirá a efetivação do curso em todos os níveis”.

O modelo a distância insere-se exatamente como uma proposta que oferece uma série de possibilidades pedagógicas, diferentes recursos didáticos, tecnológicos e de comunicação que podem favorecer o conhecimento e a aprendizagem do estudante. E para que esse sistema de educação possa desenvolver suas atribuições tão singulares de fazer educação e democratizar o conhecimento, a representatividade do tutor deverá se fazer presente e essencial, instituindo e desafiando uma nova ordem educativa.

Dessa maneira, admite-se que todo sistema de educação a distância deverá dispor de tutores, pois é este o profissional especializado que assiste e acompanha o estudante em todas as disciplinas durante o curso.

Preti (2010), destaca que as instituições de educação a distância estabelecem as figuras do “tutor presencial” e do “tutor a distância”, que demarcam funções diferenciadas e não apenas de terminologia, sobretudo em relação à atuação e dinâmica desenvolvidas na modalidade a distância.

Diante da perspectiva de que todo sistema de ensino a distância dispõe de tutores, faz-se necessário obter informações sobre como se caracteriza esse papel, não somente nas instituições brasileiras, mas também em algumas instituições internacionais, a fim de que os referenciais apresentados permitam, de alguma maneira, contribuir para a investigação pretendida nesta pesquisa sobre o papel do tutor na educação a distância.

A tutoria na UNED, através da visão da professora e pesquisadora Catalina Martinez Mediano, em seu livro: Os sistemas de educação superior a distância – A prática tutorial na UNED (1998), contribuiu para as reflexões na delimitação do perfil e da atuação do tutor nessa instituição.

Mediano (1998), relata que o papel do tutor é definido pela própria instituição (UNED) em seu estatuto, atribuindo a esse profissional um papel de

assessoramento diretivo e sistematizado, na medida em que destaca, ainda, esse sujeito como protagonista indispensável para a aprendizagem do estudante, “[...] a primeira função do tutor demonstrada nos Estatutos é o de orientar o aluno em seus estudos. E é esta a base de todo sistema”. (MEDIANO, 1988, p. 74).

Para Mediano (1998), a tutoria tem como função primordial ajudar os estudantes em relação às suas dúvidas e dificuldades de aprendizagem, além de garantir a compreensão do conteúdo trabalhado e a realização das atividades de estudo. Suas funções, portanto, consideram o ajudar, o orientar, o contribuir, além de possibilitar ao estudante o entendimento do conteúdo didático e dos processos pedagógicos que se desenrolam nessa modalidade, motivando e estimulando o aluno no aprofundamento de seus estudos; isso acontece na medida em que avalia e conhece a situação real de cada estudante, através do “material” produzido por esses sujeitos e também dos encontros tutor-aluno que vão sendo realizados no decorrer dos estudos.

A prática tutorial na UNED, de acordo com Mediano (1998), conta com tutores presenciais e tutores a distância. Essa prática tutorial presencial é desenvolvida através dos encontros semanais, com atendimento em grupo e, algumas vezes, individualmente. A tutoria a distância, por sua vez, realiza-se através do atendimento a partir de diferentes meios de comunicação, tais como: correio, correio eletrônico, telefone, rádio, videoconferência, videotexto, em que o tutor e o estudante encontram-se separados geograficamente.

Caberá, tanto ao tutor presencial, quanto ao tutor a distância, a tarefa de avaliar os trabalhos realizados no decorrer do curso, como função apenas auto-avaliativa para os estudantes, pois não influenciam no resultado final da avaliação, cabendo aos professores da UNED a realização da avaliação final do estudante.

Nesse sentido, Pretti (2010), e Mediano (1998), reconhecem que essa fragmentação no processo pedagógico de atuação do tutor pode afetar o desenvolvimento de seu trabalho, na medida em que sua atuação estaria prejudicada por uma visão tecnicista que viabilizaria apenas partes do processo. Essa visão fragmentada prejudicaria, portanto, a atuação do tutor em suas funções de orientação e mediação diante dos processos de ensino-aprendizagem que envolvem a mediação e a comunicação da modalidade a distância.

Sem a pretensão, no entanto, de que essa crítica seja conclusiva, Pretti (2010), e Mediano (1998), concebem a UNED como uma instituição de excelência, e

que desenvolve um trabalho educacional para a expansão, organização e investigação da educação a distância.

Destaca-se também como referencial internacional para essa pesquisa: a universidade da Colômbia, UNAD – Universidade Aberta e a Distância.

A UNAD se destaca nos meios acadêmicos pelos processos formativos estabelecidos e a inovação e qualidade com que são institucionalizados na modalidade a distância. Através dos estudos realizados pela Prof^a.Dr^a. Edith González Bernal, quando relata os conceitos de tutor e tutoria assumidos pelo modelo colombiano de educação a distância, têm-se novos parâmetros para se fundamentar a realidade do papel do tutor na modalidade de EaD.

Para Bernal (2008), o conceito de tutor foi definido pelo ICFES – Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior, e esse modelo sustenta a atuação do tutor concebida pela UNAD. Essa definição parte do princípio de que caberá ao tutor “[...] a ação de acompanhar o estudante em seu processo de aprendizagem, concretamente na educação a distância” (BERNAL, 2008 p. 56).

Estabelecendo-se uma relação direta entre a origem do termo tutor, dir-se-á que a definição estabelecida pelo ICFES nos remete ao entendimento original do significado de tutor, em que caberia a ele o simples papel de orientador, aquele que acompanha o estudante, ou seja, aquele que conduz o estudante pelas trilhas do conhecimento.

Mas, também se pode conceber o termo tutor sob uma outra ótica; a que contemple uma intenção de superação de seu significado, deixando de estar atrelado às condições milenares do uso deste vocábulo.

[...] se concebermos o tutor a partir de um aspecto mais criativo, como aquele que olha, observa, contempla e, ao mesmo tempo, vigia, cuida, defende e protege, estaremos diante de um tutor que desenvolve habilidades e competências para acompanhar um estudante que necessita de sua atenção. (BERNAL, 2008, p. 58).

Essa apreciação proporciona uma nova reflexão diante do termo tutor, em que se estabelece um processo em que ele passa a ser visto como um orientador capaz de mediar valores e princípios que respeitam e possibilitam o crescimento e a aprendizagem individual de cada estudante.

A UNAD, em seu percurso, vivencia essas duas visões do termo tutor. Para Bernal (2008), a primeira etapa dos trabalhos desenvolvidos por tutores naquela

universidade remete ao papel do tutor treinado e capacitado para atuar como um agente educativo que promove e favorece os processos de aprendizagem dos estudantes.

Nessa primeira fase do trabalho do tutor na UNAD, Bernal (2008), ressalta que esse profissional distingue-se em dois tipos: o pedagógico e o acadêmico. O tutor pedagógico é aquele que conhece a filosofia e a metodologia da educação a distância, além dos princípios, objetivos, estrutura, didática e conteúdos que dizem respeito aos programas das universidades aberta e a distância. Já o tutor acadêmico, além de exercer o papel de tutor pedagógico, participa e planeja os processos de pesquisa, seleção e capacitação que objetivam a formação, o treinamento e a avaliação dos tutores pedagógicos.

Para Bernal (2008), essa fase formaliza a figura do tutor como orientador do processo acadêmico dos estudantes, cumprindo a função de motivar, acompanhar e assessorar os alunos individual e coletivamente. Esse profissional, nessa fase, ainda é mantido distante dos processos de seleção de conteúdos e desenvolvimento de materiais para a educação a distância, sendo essa função atribuída aos docentes.

Essa concepção revela um tutor que não necessita pensar nos conteúdos de uma disciplina e nem na seleção de conteúdos essenciais a serem ensinados, ou seja, não participa, de acordo com Bernal (2008), dos processos pedagógicos e didáticos de ensinar a distância. Limita-se apenas a motivar e a corrigir avaliações pré-estabelecidas, convertendo-se, assim, em conselheiro que pode prevenir deserções e/ou emitir juízo acerca da aprendizagem dos estudantes.

Na medida em que o mundo passa por mudanças e o desafio da educação passa a ser o de construir uma sociedade democrática com princípios de igualdade e oportunidade para todos os cidadãos, a educação a distância necessitou rever o seu papel. E, diante desta nova visão, o papel do tutor necessitava ser revisto pela UNAD.

Para Bernal (2008), o século XX e XXI situam a educação a distância em um novo tempo; tempo esse que abre novas oportunidades educativas influenciadas por componentes pedagógicos e tecnológicos e que situa o tutor como mediador dos processos de ensino-aprendizagem.

[...] inclina-se pela capacitação do tutor para a revolução tecnológica, a virtualidade, o manejo das redes globais de comunicação telemática e a preparação para a sobrevivência em uma sociedade dominada pela

economia global. Ao mesmo tempo, deseja-se que ele se forme paulatinamente para liderar projetos de pesquisa que o convertam em um interlocutor válido nas inovações educativas. (BERNAL, 2008, p. 71).

Esse processo de requalificação do papel do tutor na UNAD, de acordo com Bernal (2008), encontra-se em processo de construção e superação e, diante da nova ordem social, política e científico-tecnológica do mundo, o tutor, além de orientar, ensinar, aprender e transmitir conhecimentos, é desafiado a mediar e assumir diferentes processos tecnológicos, que imprimem a construção de uma nova cultura e múltiplas competências inerentes.

As considerações descritas sobre a figura do tutor na educação a distância no âmbito internacional, até este momento, nos permitem considerar que esse processo de caracterização não se encontra pré-determinado. Persiste a necessidade de investigação e entendimento dos processos que determinam o papel desse protagonista no sistema a distância.

No Brasil, a realidade, no que no que se refere à educação a distância, seus elementos e características, parece indicar, também, a necessidade de investigações e reflexões. Nesse caso toma-se como base de investigação o papel do tutor descrito nos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007), que não possui força de lei, mas procura apontar caminhos que sirvam de orientação para as instituições que atuam com esse modelo educacional.

Esse documento é um ponto de referência que regulamenta o papel do tutor na modalidade a distância. Para Os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância - MEC (BRASIL, 2007, p. 21), o tutor “é compreendido como um dos sujeitos que participa ativamente da prática pedagógica, sendo que suas atividades podem ser desenvolvidas a distância e/ou presencialmente, devendo estar a cargo da instituição mantenedora estabelecer e prever estes papéis”.

Estabelece-se, ainda de acordo com os Referenciais de Qualidade da Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007, p. 21), “[...] que a tutoria a distância deverá atuar no processo pedagógico com os estudantes que se encontram geograficamente distantes, e referenciados aos pólos descentralizados de apoio presencial”. Cabe também a esse tutor a distância, segundo os Referenciais (BRASIL, 2007), o papel de intervir nos processos cognitivos do estudante, ajudando-o a superar dificuldades de aprendizagem, auxiliando-o na elaboração de guias de estudo e nas avaliações.

Será ainda de sua competência, de acordo com o texto dos Referenciais de Qualidade (BRASIL, 2007), a intervenção e o esclarecimento de dúvidas dos estudantes através de fóruns de discussão pela Internet, pelo telefone, participação em videoconferências, entre outros, de acordo com o projeto pedagógico da instituição; “[...] além da responsabilidade de promover espaços de construção coletiva de conhecimento, selecionar material de apoio e sustentação teórica aos conteúdos e, frequentemente, faz parte de suas atribuições participar dos processos avaliativos de ensino-aprendizagem, junto com os docentes” (BRASIL, 2007, p.21).

No que se refere à caracterização desse profissional que atua como tutor presencial, o documento, Referenciais de Qualidade da Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007, p. 21-22), considera que a tutoria presencial “[...] deverá atender os estudantes em lugares e horários pré-estabelecidos (pólos), sendo este o responsável pelo acompanhamento junto aos estudantes, atuando como um orientador de estudo que aguça a curiosidade, esclarece dúvidas e dá apoio e incentivo nos momentos de desânimo e dificuldade”.

O papel desse tutor presencial reflete na “[...] promoção da comunicação entre os alunos através da formação de grupos de estudo, do debate e da troca de idéias” (BRASIL, 2007, p. 22). Esse profissional deve conhecer o projeto pedagógico do curso, o material didático e os conteúdos específicos que são de sua responsabilidade, auxiliando os estudantes no desenvolvimento de suas atividades individuais e em grupo, oportunizando o hábito da pesquisa, esclarecendo dúvidas em relação a conteúdos específicos, bem como ao uso das tecnologias disponíveis, segundo os Referenciais de Qualidade (BRASIL, 2007).

Com base no exposto, a tutoria compreende a interação entre tutor e o aluno. Compete, então, ao tutor apoiar o estudante nas escolhas profissionais, ajudá-lo na organização dos planos de estudo e de trabalho em sua totalidade, assim como realizar um seguimento de seu processo de formação e socialização de conhecimentos. De igual maneira, o tutor propiciará a produção de novos saberes a partir da investigação e do fortalecimento das áreas em suas unidades acadêmicas ou nos programas nos quais está inscrito. (BERNAL, 2008, p. 60-61).

Ao tutor caberá, ainda, (BRASIL, 2007, p. 22), “[...] participar dos encontros presenciais, tais como avaliações, aulas práticas em laboratórios e estágios supervisionados, quando se aplicam, mantendo uma permanente comunicação tanto com os estudantes quanto com a equipe pedagógica do curso”.

Tutores a distância e presenciais, portanto, são parceiros e deverão trabalhar em colaboração mútua, estabelecendo elementos facilitadores da aprendizagem do estudante que reflitam um objetivo comum: apoiar e ajudar o aluno na construção da autonomia e do conhecimento.

Nesse sentido, na busca de referenciais que possam colaborar para delimitar o perfil do tutor na educação a distância, destaca-se também, no cenário nacional, o trabalho realizado pela UAB – Universidade Aberta do Brasil, criada pelo MEC para atender à demanda por essa modalidade de ensino e ampliar o acesso à educação superior às pessoas que não puderam ou não tiveram acesso a esse nível escolar.

Esse consórcio conta com a assessoria da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que lhe confere apoio a pesquisas em metodologias inovadoras de ensino superior, respaldadas em tecnologias de informação e comunicação.

A UAB formou-se da necessidade de expansão do ensino superior no Brasil e esse desafio lhe confere uma condição diferenciada, na medida em que o panorama resulta em novas experimentações tecnológicas aliadas à qualidade e ao conhecimento para atender a demanda educacional da sociedade brasileira.

[...] como se pode observar, trata-se de um projeto de grande envergadura e que se torna, de acordo com as pretensões governamentais, decisivo para que seja atingida a meta de que 30% dos estudantes brasileiros tenham acesso à formação superior até o ano de 2011. É notória a importância do aumento do índice de estudantes universitários em um país, sobretudo quando se considera o real significado do processo educacional/formativo universitário e seus desdobramentos na produção do conhecimento tecnológico. Em meio à miríade de políticas educacionais patrocinadas pelo governo brasileiro, as quais se coadunam no objetivo de que seja arrefecida nossa defasagem universitária em relação a outros países, o programa Universidade Aberta do Brasil se diferencia não só pelos consórcios estabelecidos entre os três níveis governamentais, mas principalmente por se caracterizar como um programa de formação universitária na modalidade de educação a distância (EaD). (ZUIN, 2006, p. 944).

Para Mendes (2009), a UAB objetiva promover e ampliar o número de vagas no ensino superior a distância e, para tanto, a proposta deve contar com recursos e métodos que estimulem, viabilizem e promovam a autogestão do estudante na educação a distância.

Nessa direção, a tecnologia é apresentada como ferramenta que possibilita a expansão do número de vagas no ensino superior a distância, ao mesmo tempo

em que diminui as distâncias geográficas. Esses recursos tecnológicos são apresentados por meio das TICs - Tecnologias da Informação e da Comunicação que possibilitam o acesso ao conhecimento e ao diálogo por pessoas que estão geograficamente distantes, em tempos e espaços diferenciados.

Considerando a importância da tecnologia para a viabilização do programa da UAB, Mendes (2009), identifica a relevância do papel do tutor no projeto que relaciona esse profissional com as múltiplas funções dos processos pedagógicos, educacionais e tecnológicos.

Para Mendes (2009), o tutor que atua na UAB pode ser de dois tipos: tutor a distância ou tutor presencial.

O tutor presencial, de acordo com Mendes (2009), no modelo estabelecido pela UAB, possui a função de desenvolver atendimento direto aos alunos, procurando sempre manter contato permanente com os discentes, esclarecendo dúvidas, dando suporte para a teoria e as práticas, além de auxílio nos aspectos acadêmico-administrativos e tecnológicos, cabendo ainda a motivação, a orientação e acompanhamento ao acesso e ao cumprimento das atividades do aluno no ambiente de aprendizagem do curso. Além dessas, tem a função de intermediar a comunicação aluno-universidade e vice-versa.

Ao tutor a distância, da proposta da UAB, cabe, segundo Mendes (2009), a função de atuar sobre os processos de ensino-aprendizagem dos alunos no ambiente virtual de aprendizagem “moodle”, interagindo virtualmente com o aluno em diversas oportunidades de comunicação, a fim de motivá-lo e ajudá-lo, facilitando suas atividades. Ainda, de acordo com Mendes (2009), os tutores a distância que atuam na UAB são professores com formação na área de conhecimento da disciplina ofertada.

Dessa forma, o papel do tutor no sistema da UAB procura acompanhar, monitorar, orientar e avaliar os percursos dos estudantes em seu processo de formação ao longo das disciplinas. Para Preti (1996), o tutor deve mediar a aprendizagem e a autonomia do aluno, sendo ele o responsável pela supervisão e orientação do processo de ensino-aprendizagem do aluno.

No anseio de buscar soluções para o problema da educação no Brasil, Zuin (2006), destaca que o programa lançado pela UAB deve ter o cuidado de não incrementar apenas os índices do ensino universitário brasileiro, mas realmente lançar propostas e condições para mudar a realidade da educação superior no

Brasil. Para esse pesquisador, o papel dos tutores, sejam presenciais ou a distância na UAB, deverá sempre privilegiar uma proposta consciente e criativa de atuação pedagógica.

O tutor não pode simplesmente absorver os conhecimentos transmitidos pelos professores, quer seja nos encontros presenciais esporádicos entre ambos, quer seja no sortilégio que as imagens de tais mestres 'virtuais' possam exercer. Ele deve se permitir, cada vez mais, ousar saber, o que implica não a aceitação passiva dos conhecimentos obtidos, mas sim o questionamento destes mesmos conhecimentos (ZUIN, 2006, p. 949).

Nesse sentido, a atuação do tutor, sua formação, conhecimentos e expectativas irão colaborar para aprimorar os processos de ensino-aprendizagem. Para Martins (2005, p. 54), "[...] é imprescindível a todos os profissionais de educação que irão assumir projetos de EAD a necessidade de fazer uma opção por um quadro de referências acerca das concepções de aprendizagem a fim de subsidiar sua ação pedagógica".

Então, a compreensão das concepções de ensino-aprendizagem na Educação a Distância será apenas mais um dos desafios significativos para o tutor, que irá se deparar com a preocupação de educar para a vida e não apenas ensinar.

Para Moran (2000), ensinar é uma condição que se organiza socialmente (normas, tradições, leis) através de uma série de atividades didáticas, que compreendem ajudar os alunos em determinadas áreas específicas (ciências, matemática, história). E no que tange à preocupação com a educação, o foco encontra-se em "[...] ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos". (MORAN, 2000, p. 12).

Por meio da perspectiva de Moran (2000), o papel do tutor propicia ao aluno uma relação pedagógica capaz de promover o prazer pelo estudo e a motivação do estudante. O tutor, nessa vertente, propõe-se a contribuir para a construção do conhecimento na perspectiva das oportunidades, do crescimento e do desenvolvimento pessoal e profissional de cada aluno, realizado por meio da comunicação e da relação tutor-aluno.

Para Martins (2005), o papel do tutor destaca-se como "imprescindível", sendo depositado neste profissional o crédito de mediador dos processos de aprendizagem. Cabe a esse protagonista o papel de acompanhar os alunos, observar, assessorar, sendo ele um facilitador que ajuda o estudante a

compreender; agindo como um suporte ao aprendizado dele, atuando tanto no campo motivacional, afetivo, quanto no cognitivo, através de método de trabalho, organização e planejamento.

Não se pode esquecer que, além destas exigências múltiplas, o tutor irá se deparar com a didática e as ferramentas metodológicas diferenciadas do sistema presencial que requerem desse profissional um novo posicionamento frente à cultura virtual hoje estabelecida. Para Maggio (2001), cabe ao tutor a função de orientador dos processos de ensino-aprendizagem na relação tutor-aluno, propondo atividades e auxiliando na resolução destas, além de estimular e sugerir ao aluno fontes adicionais de informação. Incorpora-se a essa compreensão o entendimento de Litwin (2001, p.104), que aponta a necessidade de uma “[...] formação teórica, disciplinar e pedagógico-didática que deverá ser atualizada com a formação na prática dos espaços tutoriais, aspecto que não deve ser deixado ao acaso”.

Essas exigências e desafios sobre o papel do tutor na modalidade a distância destacam-se nessa investigação como uma perspectiva que confere ao protagonista, o tutor, a figura de mediador dos processos de aprendizagem, “[...] processos estes tidos como uma atividade inerentemente social, na qual o diálogo cooperativo permite que os participantes experimentem similaridades e diferenças entre vários pontos de vista” (FILANTRO, 2009, p. 98). Portanto, o tutor, diante das perspectivas apontadas, deve estar amparado sob uma ótica que possibilite a formação humana, a responsabilidade e o respeito aos limites do outro, na medida em que os desafios possam ser transformados em trocas e conquistas de novos saberes.

Defende-se neste trabalho uma perspectiva histórico-cultural de mediação como condição que oportuniza a troca e a reflexão para o desenvolvimento da autonomia intelectual do aluno, elemento fundamental do processo pedagógico da educação a distância.

Nesse ponto busca-se a compreensão do papel do tutor na modalidade a distância a partir da perspectiva vygotskyana e que se o entenda como “[...] dotado de conhecimento científico e espírito humanizador no que se dispõe a mediar e busca promover autonomia e realização humana, cumprindo em sua função social de educador-professor, o seu papel de cidadania, ou seja, como dever de todos profissionais colaboradores sociais”. (MENEGUETTI, 2009, p. 10).

É importante destacar os trabalhos desenvolvidos pelas universidades da UNED (Universidade Nacional de Educação a Distância – Espanha), UNAD (Universidade Aberta e a Distância – Colômbia) e da UAB (Universidade Aberta do Brasil) por seu entendimento diferenciado do papel do tutor. Essas instituições estão comprometidas com programas de educação superior a distância que destacam o trabalho do tutor na modalidade a distância como um dos importantes protagonistas dessa modalidade.

A contribuição dessas universidades, portanto, não se configura apenas em propiciar educação superior para todos com qualidade e democracia, mas se faz por meio de uma iniciativa ímpar de compartilhar experiências e conhecimentos comprometidos com as transformações sociais, educacionais e tecnológicas de toda uma sociedade. E assim possibilitar diferentes perspectivas, que possam se interpor e complementar novos caminhos que caracterizem o papel do tutor na modalidade a distância.

O capítulo a seguir busca caracterizar o papel do tutor por meio de uma perspectiva histórico-cultural, procurando discutir o seu papel como mediador do conhecimento na modalidade a distância.

5 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

[...] deixe inteiramente a condição de estojo e desenvolva todos os aspectos que respiram dinamismo e vida. Em todo trabalho docente do velho tipo formavam-se forçosamente um certo bolor e ranço, como em água parada e estagnada. E aqui de nada servia a costumeira doutrina segundo a qual o mestre tem uma missão sagrada e consciência de seus objetivos ideais.
Vygotsky

A Educação a Distância é percebida na sociedade de hoje como uma modalidade capaz e importante que viabiliza a democratização do saber, a expansão e a difusão do conhecimento. Essa modalidade, afirma Litwin (2001), possui um papel significativo na educação pública na medida em que permite a ampliação da oferta de vagas para atender às necessidades de qualificação e re-qualificação da população.

Nesse cenário discute-se a importância do papel do tutor como mediador do processo de ensino-aprendizagem na educação a distância, na medida em que ela se estabelece tanto por meio da relação presencial (tutor presencial), quanto pelo uso de tecnologias de comunicação, na relação virtual (tutor a distância). Conforme Martins (2005 p. 33), “[...] o papel do tutor é despertar no aluno o desejo de aprender”.

Esse despertar do “desejo” de aprender é alimentado por uma relação pedagógica, na qual o tutor tem o papel didático-pedagógico de acompanhar, motivar, orientar e estimular o aprendizado do aluno. Cabe, ainda, a esse protagonista o papel de apoio ao trabalho docente, esclarecendo dúvidas e gerenciando atividades. A figura do tutor na modalidade a distância, de acordo com Bentes (2009), deve oferecer um caminho que viabilize e incentive a autonomia do estudante e dos processos de aprendizagem, favorecendo a comunicação e a mediação do conhecimento.

O tutor. Pois, é esta figura quem lida diretamente com o estudante, seja para prestar esclarecimentos administrativos, seja no processo de ensino e aprendizagem, na avaliação do processo formativo do estudante ou simplesmente na monitoria das atividades dos estudantes e, por isso, é considerado o ‘fator humanizador’ do sistema de ensino na modalidade a distância. (OLIVEIRA, 2006, p. 02).

Essa concepção é defendida também por Preti (1996), que complementa que o papel do tutor deve respeitar e orientar a individualidade da aprendizagem e da autonomia de cada indivíduo, estabelecendo e buscando processos que permitam compartilhar a construção do conhecimento.

As considerações de Preti (1996), Oliveira (2006), Bentes (2009), e Martins (2005), destacam, portanto, o tutor como mediador do conhecimento. Por essa razão, da dimensão de “mediador”, busca-se na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky o referencial que possibilite compreender o papel do tutor na educação a distância.

A perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2001), e de seus colaboradores Luria (2001), e Leontiev (2001), tem como foco a “dimensão psicológica do ser humano” que busca compreender o homem por meio de sua condição histórica, do lugar que ocupa nesse contexto, bem como do que ele significa e de como é significado pelos demais sujeitos com os quais se relaciona o que se configura em expressão não de um sujeito em si, mas da própria história humana.

Assim, considera-se que a tutoria privilegia os processos da mediação, cerne da teoria de Vygotsky, que percebe o desenvolvimento cognitivo, especificamente humano, por meio das formas de interação social e cultural.

[...] não pode existir nem na natureza, nem na sociedade, nenhum objeto que neste sentido [...] não seja mediado, não seja resultado de mediações. Desse ponto de vista a mediação é uma categoria objetiva, ontológica, que tem que estar presente em qualquer realidade, independente do sujeito. (LUKACS, 1979, p. 90).

Para Rego (2009), a aprendizagem vista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky é um processo de construção determinado por condições socioculturais e históricas, na medida em que a ação do outro sobre cada sujeito que aprende é fundamental, não só como incentivadora, mas como uma ponte indispensável entre este e a realidade.

Stoltz (2007), em suas reflexões sobre a teoria vygotskiana aponta essa perspectiva como instrumental, histórica e cultural. É instrumental, por se referir à natureza mediada pelas funções psicológicas superiores², é histórica e cultural por propor a compreensão do ser humano inserido em uma cultura determinada, com suas ferramentas inventadas e aperfeiçoadas no curso da história social da humanidade.

Assim, delimita-se, a partir dessa teoria, a relação tutor-aluno, que deve se estabelecer a partir das características socioculturais e individuais da realidade do

² Funções psicológicas superiores ou funções superiores da consciência são estruturas cerebrais tipicamente humanas: memória seletiva, pensamento abstrato, atenção concentrada, vivência emocional e intencionalidade da ação.

próprio aluno, propiciando o sentimento de pertença como aspecto fundamental para que o estudante supere as possíveis dificuldades quanto aos processos de aprendizagem, conhecimento e autonomia.

Vygotsky (1996), destaca em seus estudos que a aprendizagem se realiza por diferentes níveis de desenvolvimento, tanto real quanto potencial, devendo, em situação de interação³ possibilitar que cada um seja agente de aprendizagem do outro. Se, em um momento, o aluno aprende, em outro, ele ensina, pois o desenvolvimento não é linear; é dinâmico e sofre modificações qualitativas.

Ao ser estimulado pela realidade objetiva, ele se apropria dos estímulos provenientes da mesma, internalizando conceitos, valores, significados, enfim, o conhecimento construído pelos homens ao longo da história. Neste sentido, a prática do sujeito está sempre relacionada à prática social acumulada historicamente. (MEIER; GARCIA, 2007, p. 56).

Nesse caso, o mediador, deve estar atento, de modo a que todos se apropriem do conhecimento e, conseqüentemente, alcancem as funções superiores da consciência, pois é a aprendizagem que vai determinar o desenvolvimento. O mediador, portanto, atua na zona de desenvolvimento proximal do sujeito em que, por meio de intervenções intencionais, possibilita a aquisição dos conhecimentos sistematizados.

Vygotsky (1988), e seus colaboradores Luria e Leontiev apontam dois elementos básicos responsáveis pela mediação⁴: o instrumento, que tem a função de regular as ações sobre os objetos, e o signo, que regula as ações sobre o psiquismo das pessoas. Nesse caso, o instrumento é o objeto em si (a mamadeira, o lápis...) e o signo é a representação social desse objeto. Essa capacidade de mediação simbólica representa um novo comportamento, que envolve as atividades denominadas funções psicológicas superiores, em que o indivíduo deixa de necessitar de marcas externas e passa a utilizar signos internos, isto é, representações mentais que substituem os objetos do mundo real.

Já o processo de internalização, para Vygotsky (1996), tem início por meio dos processos sociais que se transformam em processos internos, interiores do

³ Processo fundamental para a interiorização do conhecimento e ou transformação dos conceitos espontâneos em científicos, por meio do processo de tornar intrapsíquico o que antes era interpsíquico.

⁴ O conceito de mediação está no cerne de todas as ações intencionais e voluntárias do ser humano.

sujeito, e, por meio da linguagem⁵, chega-se ao pensamento. Esse processo, segundo Rego (2009), não é o de uma transferência (ou cópia) dos conteúdos da realidade objetiva para o interior da consciência, mas é o próprio processo criador da consciência, que ocorre a partir da atividade do sujeito, com a ajuda de instrumentos socioculturais, que são os conteúdos externos, da realidade objetiva.

O processo pelo qual o indivíduo internaliza a matéria-prima fornecida pela cultura não é, pois, um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese. Esse processo é, para Vygotsky, um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano. É como se, ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo “tomasse pose” das formas de comportamento fornecidas pela cultura, num processo em que as atividades externas e as funções interpessoais transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas. (OLIVEIRA, 1997, p. 38).

Segundo Vygotsky (1984), é por conta da necessidade de comunicação entre seus semelhantes que o homem cria e utiliza a linguagem. Nesse sentido, o intercâmbio social é a principal função da linguagem em uma sociedade que de acordo com Lane (1997, p.34) “[...] a palavra, a língua, a cultura relacionam-se com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo”.

Portanto, na concepção de Vygotsky (1984), ampliada por seus colaboradores Luria (2001) e Leontiev (2001), o aprendizado da linguagem escrita representa um novo e considerável salto no desenvolvimento da pessoa, na medida em que o domínio do sistema complexo de signos fornece novos instrumentos de pensamento e amplia a capacidade de memória e registro de informações do sujeito, “[...] enfim, promove modos diferentes e ainda mais abstratos de as pessoas se relacionarem com outras e com o conhecimento” (VYGOTSKY, 1994, p. 143).

Para Vygotsky (1994), a educação tem como objetivo intervir na realidade do aluno e, a partir da apropriação de novos conceitos, possibilita uma nova compreensão dessa mesma realidade. Cabe à escola, portanto, possibilitar uma outra forma de entender a realidade que nos rodeia.

A escola, nesse sentido, é compreendida por Castorina (1995), como aquela que se organiza diferentemente do aprendizado realizado em outros contextos da vida humana; que tem como objetivo principal a produção de um trabalho planejado, sistematizado e intencional, que permite ao indivíduo desenvolver a consciência e a apropriação do saber historicamente construído pela sociedade.

⁵ A linguagem tem um papel importante na teoria de Vygotsky sobre a formação da consciência, compreendida na relação de síntese entre organismo e ambiente.

A escola aparece como elemento mediador na apropriação, pelo indivíduo, do saber historicamente acumulado ao longo do desenvolvimento da humanidade. Nessa perspectiva teórica, assume um papel primordial, pois 'a instituição escolar foi criada para desempenhar uma função: a de comunicar às novas gerações os saberes socialmente produzidos, aqueles que são considerados, em um determinado momento histórico, válidos e relevantes'. (LERNER, 1996, p. 95 *apud* CORREIA E LIMA, 2001, p. 559).

Nesse processo dinâmico, ativo e singular, Martins (2010, p.135), entende que “[...] fundamentar a educação no sujeito que aprende é condição básica para a construção de uma nova cultura sobre o ato educativo”. Esse raciocínio constitui-se da aprendizagem das situações específicas da vida social e cultural que levam ao desenvolvimento. Para Vygotsky (1998), a aprendizagem explica o desenvolvimento, e é nesse contexto da aprendizagem que se iniciam as regulações que as outras pessoas exercem sobre nós.

O homem aprende desde o momento de seu nascimento. E essa aprendizagem ocorre mediante as trocas recíprocas que realiza com o meio e com o outro, pois é só através das trocas que o homem se transforma e intervém no mundo que o cerca, “[...] nesse sentido, as características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir das inúmeras e constantes interações do indivíduo com o meio, compreendido como contexto físico e social, que inclui as dimensões interpessoal e cultural” (MARTINS, 2010, p. 55).

A educação a distância, enquanto fenômeno educativo imerso nesse contexto sócio-histórico poderá contribuir para construir um processo educativo de formação ou até de alienação e de desalienação com vistas a conceber uma visão civilizatória que promova a humanidade, garantindo a democratização e o acesso aos bens materiais e culturais edificados pelos conjuntos das populações. (MARTINS, 2005, p. 18).

Essa concepção de educar, segundo Oliveira (1997), possibilita o acesso a conhecimentos e instrumentos que permitem a inserção consciente do indivíduo na sociedade, na medida em que este a compreende e passa a modificá-la. A prática educativa, nesse sentido pode ser entendida como atividade por meio da teoria de Leontiev (teoria da atividade) que considera o conjunto de ações destinadas a criar oportunidades de aprendizagem.

A escola, portanto, é um ambiente organizado para promover essas oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos, professores e tutores, através das

interações estabelecidas entre si (fontes materiais e simbólicas do ambiente). Castorina (1995), no entanto, adverte que a aprendizagem depende do comprometimento do estudante com a realização das atividades, do seu interesse no que está sendo feito, do motivo que o impulsiona a participar e até mesmo do que ele espera ao passar por aquele processo.

Dessa maneira Lampreia (1999), considerando as reflexões de Leontiev destaca a necessidade de que toda atividade deve se constituir de uma razão, de um motivo para que a ela aconteça. Toda atividade, portanto, está intrinsecamente ligada a um motivo, e essa necessidade cria a atividade, que acontece através de ações, cada uma com seu objetivo próprio.

Assim, para Lampreia (1999), o sujeito busca na situação em que ele se encontra todos os pré-requisitos para que a atividade aconteça. Ele pode não ter consciência da necessidade que o leva a realizar determinada ação, mas é necessário que ele seja consciente do objetivo dela, “[...] a sociedade produz a atividade que forma seus indivíduos” (LEONTIEV, 1981, p. 67 *apud* PONTELO e MOREIRA, 2008, p. 04).

Esse conjunto de ações destinadas a criar oportunidades de aprendizagem, destaca Castorina (1995), possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento do nível potencial do indivíduo. Esse desenvolvimento potencial é situado por Luria (1991) pelo conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que se configura como: “[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1994, p. 112).

A discussão de Vygotsky (1994), sobre as ZDPs pressupõe o papel de um mediador do conhecimento, que não deve ser entendido como um supervisor ou um simples organizador de conteúdos e/ou espaços, mas de um protagonista responsável pelo que o aluno vai aprender e se ele vai aprender. Para Stoltz (2008) é a figura do docente que principalmente contribui para avanços nos alunos, e isso só se torna possível por meio de sua interferência na zona proximal do discente.

Vygotsky superou a comparação do trabalho do professor com a atividade realizada pelo jardineiro ou como simplesmente organizador do meio social, como apregoam a Escola Nova e o Construtivismo, no qual a própria criança se auto-educa. Nos estudos posteriores desenvolvidos na escola de Vygotsky fica evidente que a transmissão e apropriação da experiência

sócio-histórica tornam-se fundamentais para o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, ou seja, para o próprio processo de humanização dos indivíduos, residindo aí, o grande e importante trabalho a ser realizado pelo professor na sala de aula. (FACCI, 2009, p. 102).

Cabe, então, a esse docente, o importante papel capaz de ampliar as possibilidades de conhecimento do aluno, à medida que considera necessária a articulação dos conceitos espontâneos (conhecimentos prévios) com os conhecimentos que se deseja levar o aluno a construir (conhecimentos científicos), privilegiando, assim, as diferentes ZDPs. A idéia de desenvolvimento dos processos psicológicos a partir da atividade e da linguagem no contexto histórico-cultural está intrinsicamente relacionada com a apropriação dos conceitos científicos, que possibilitam ao indivíduo conhecer a sua realidade de forma crítica, desviando-se das amarras da alienação.

A Zona de Desenvolvimento Proximal, portanto, refere-se ao caminho que o indivíduo percorrerá para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que, no futuro, se tornarão funções consolidadas no seu nível de desenvolvimento real. Para Luria (1991), a ZDP é um domínio psicológico em constante transformação, ou seja, um processo de aprendizagem que desperta os processos de desenvolvimento que, aos poucos, tornam-se parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo; “[...] é, portanto na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se liberta”. (REGO, 2009, p. 94).

De fato, Vygotsky (1994), possibilita ao ensino, por meio das Zonas de Desenvolvimento Proximal, uma nova dimensão para o aprendizado que se adianta ao desenvolvimento, na medida em que se pode estimular uma série de processos internos que ainda não se encontram amadurecidos. Possibilita-se ao docente um instrumento significativo para a orientação de seu trabalho. O trabalho desenvolvido na dimensão das ZDPs permite uma relação direta com o entendimento do caráter social do desenvolvimento humano e das situações de ensino escolar, levando-se em conta as mediações histórico-culturais possíveis nesse contexto. Para Castorina (1995), partindo da visão de Vygotsky, é importante que o estudante possa contar com a orientação e a ajuda de outro indivíduo que esteja mais adiantado que ele, estabelecendo-se, assim, uma relação capaz de construir e estabelecer novas capacidades e habilidades potenciais.

Essas capacidades e habilidades, para Rego (2009), uma vez que são internalizadas, tornam-se parte das conquistas independentes do indivíduo. O trabalho do tutor, nesse sentido, voltado para a “exploração” das ZDPs e para a construção de conhecimentos, irá possibilitar o entendimento e a atuação desse protagonista na complexidade do processo de construção do aluno, que envolve as múltiplas influências sociais e do mundo, ou seja, a mediação escolar e as relações com o outro.

Na perspectiva vygotskyana, embora os conceitos não sejam assimilados prontos, o ensino escolar desempenha um papel importante na formação de conceitos de um modo geral e dos científicos em particular. A escola propicia às crianças um conhecimento sistemático sobre os aspectos que não estão associados ao seu campo de visão ou vivência direta (como no caso dos conceitos espontâneos). Possibilita que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento científico construído e acumulado pela humanidade. Por envolver operações que exigem consciência e controle deliberado, permite ainda que as crianças se conscientizem dos seus próprios processos mentais (processo metacognitivo). (REGO, 2009, p. 79).

Rego (2009), ressalta ainda, que a escola é importante meio de mediação para o desenvolvimento do indivíduo, seja este uma criança, um adolescente ou um adulto, salientando, no processo educativo, o papel do docente.

Para Castorina (1995), através desses processos de troca entre docente-discente, ocorre a construção do conhecimento, que se realiza de forma conjunta. Esses processos devem ser olhados não como momentos de ações isoladas, mas como momentos convergentes entre si, em que todo o desencadear das trocas colabora para que se alcancem os objetivos traçados e planejados pelo sistema educativo.

Rego (2009), no entanto, alerta para o fato de que essas relações que ocorrem no âmbito educativo nem sempre são produtivas.

O ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante à de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo. (VYGOTSKY, 1987 *apud* REGO, 2005, p. 78).

A mediação, na visão de Vygotsky (1994), contrapõe-se a esse verbalismo vazio exposto na citação de Rego (2005), pois diante da perspectiva sócio-interacionista percebe-se uma outra dinâmica, em que a ação ou o discurso do professor e ou tutor causam modificações na forma de pensar e agir do aluno,

interferindo, desse modo, na elaboração e na apropriação do conhecimento do estudante. O conhecimento, assim, deixa de ser consumido, assimilado passivamente e passa a ser produto de processos de elaboração e construção.

A mediação é uma idéia central para a compreensão das concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico: enquanto sujeito do conhecimento, o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe. A construção do conhecimento se dá através da interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, assim, como no construtivismo e, sim, pela mediação feita pelos outros sujeitos. O outro social pode apresentar-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo. (DIAS e LEITE, 2010, p. 56).

A mediação, portanto, caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens. E é através dessa relação que desafia e estimula os conceitos cotidianos e os conceitos científicos, que ocorre o desenvolvimento dos processos psicológicos do indivíduo.

Cabe, então, ao professor sistematizar conteúdos que, por ventura, propiciem a relação entre os conceitos nos processos educativos. Diante da modalidade a distância, no entanto, que coloca novas questões e exige um reposicionamento da educação, o papel de mediação se reflete principalmente na figura do tutor que personaliza a missão primordial de “[...] prover orientação sistemática ao estudante, realizando-a ao longo do processo formativo para acompanhá-lo na tomada de decisões sobre os caminhos da aprendizagem e da construção do conhecimento”. (BERNAL, 2008, p.59).

Para Preti (2002), a mediação realizada pela figura do tutor no âmbito a distância acompanha o estudante em seus esforços de aprender, provocando o desenvolvimento e a autonomia do indivíduo.

Assim, a educação a distância destaca-se no processo de mediação do conhecimento pelo tutor. Sendo protagonista, ele se distingue do papel de professor tradicional, mas não deixa de ser concebido como um docente, por alguns estudiosos que o consideram como uma extensão do papel do professor que orienta, sistematiza e conceitua os caminhos da aprendizagem e da construção do conhecimento “[...] o sistema professor-tutor da EaD e este imaginado por Comenius guardam uma certa semelhança, sendo que o professor da EaD desempenharia um

papel análogo ao do pedagogo comeniano e os tutores atuariam como os professores da escola”. (SARAIVA, 2010, p.163).

No entanto, autores como Preti (2002), Martins (2005) e Bernal (2008) defendem o tutor com o papel de um docente especialista, na medida em que ele possui características distintas para o desenvolvimento de suas atividades de orientação e mediação pedagógica na modalidade a distância.

Atualmente, a formação do tutor se caracteriza por dar maior ênfase na formação de um profissional comprometido com a educação a distância, mediante o desenvolvimento de sua autonomia pessoal e profissional, entendida a partir do domínio de conhecimentos, habilidades e técnicas articuladas a sua prática educativa. Assim mesmo, pretende-se que o tutor possua ampla formação cultural, com nível de compreensão de seu tempo e de seu contexto de maneira que possa enfrentar os desafios culturais e os fatos que apresentam os novos paradigmas pedagógicos. (BERNAL, 2008, p. 71).

Essas considerações caracterizam o papel do tutor e as diferentes habilidades que esse profissional deve desenvolver como mediador nos processos de aprendizagem na educação a distância, além das exigências de sua atuação, que viabilizem a comunicação, a autonomia e a construção do conhecimento. Entende-se, portanto, que a relação tutor-aluno só se realiza mediante o conhecimento dos processos pedagógicos que envolvem essa modalidade.

[...] nesse processo de construção do conhecimento, que envolve diferentes atores e tem no tutor um personagem fundamental, é necessário entender a aprendizagem como pessoal, potencializada pelo grupo, com interferência da ação dos orientadores acadêmicos, visando a obter objetivos bem marcados e definidos. (AZEVEDO, 2008, p. 25).

Assim, o tutor deve ser compreendido como um mediador do conhecimento e, por essa razão, deve estar inteiramente consciente e integrado quanto aos conteúdos, metodologias, disciplinas e atividades. Deve evidenciar, sobretudo, o contexto em que seu aluno está inserido, sua realidade, suas limitações e principalmente, seu potencial.

Para Castorina (1995), a educação, nesse sentido, traz no seu bojo a dualidade representada pela sistematização de conteúdos elaborados e, ao mesmo tempo, se atualiza, em função das mudanças geradas pelos modos de produção, avanços tecnológicos, alta competitividade e globalização. A teoria da atividade enaltece, assim, a importância do aprendizado através da ação e das relações com

o meio sócio-cultural, possibilitando o desenvolvimento do homem e de sua própria atividade.

Nessa perspectiva, o papel do tutor se delineia como mediador dos processos científicos, processos que se configuram para o estudante como possibilidade de ampliação de seu potencial de desenvolvimento cognitivo e psicológico, determinando uma outra realidade, realidade que descortina novas conceituações, pensamentos, autonomia e transformação de sua vida.

Em síntese, as contribuições de Vygotsky para a educação e, em particular, para a educação a distância incrementam as discussões e representam novas contribuições na expansão de práticas pedagógicas que promovam diferentes possibilidades para a educação.

A análise crítica dessa concepção e do papel do tutor por meio do entendimento da mediação na perspectiva vygotskyana, vislumbra apenas uma parcela dos desafios da formação desse especialista, mas “[...] é importante não começar pelos problemas, pelos erros, não começar pelo negativo, pelos limites. E, sim, começar pelo positivo, pelo incentivo, pela esperança, pelo apoio na nossa capacidade de aprender e mudar” (MORAN, 2000, p.30). Dessa maneira novas condições e relações poderão se apresentar e possibilitar novos patamares de análise, compreensão e intervenção na formação do aluno e do também cidadão; bem sabemos que essas condições têm implicado numa contradição social de proporção globalizada.

É preciso, portanto, conceber uma visão que compreenda o fenômeno educativo e os processos que envolvem a tutoria, estabelecendo parâmetros que caracterizem e delimitem o papel do tutor e a sua práxis pedagógica.

Assim, esta pesquisa busca por meio de sua metodologia o pressuposto orientador que esteja intrinsecamente vinculado à concepção de realidade deste tutor, ou seja, à concepção da relação homem-mundo. Mais especificamente, a ênfase se coloca na busca por compreender o que se passa com as pessoas em seus cotidianos psicossociais, tendo o contexto social e histórico como síntese de múltiplas determinações em suas vidas.

6 METODOLOGIA DA PESQUISA

6.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características, mas tampouco serve de intérprete da voz do autor. Ela possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis.
Bakhtin, 1981, p. 03.

Esta pesquisa desenvolve-se motivada pelas discussões que giram em torno do papel do tutor na Educação a Distância. Entende-se que a capacitação e atuação pedagógica desses profissionais são aspectos relevantes nos processos de aprendizagem e da autonomia do aluno na modalidade a distância.

Desde o início da pesquisa teve-se a consciência da dificuldade e da complexidade que envolve a natureza da educação a distância, suas ferramentas, processos pedagógicos, professor, tutor e aluno. Esse fato determinou o interesse em observar e organizar questões que pudessem direcionar o melhor caminho de compreensão dos fatos que parecem ser relevantes no processo de investigação que se pretende.

O pressuposto teórico-metodológico que norteia esta pesquisa está fundamentado em uma abordagem histórico-cultural. “A estratégia utilizada em qualquer pesquisa científica fundamenta-se em uma rede de pressupostos ontológicos e da natureza humana que definem o ponto de vista que o pesquisador tem do mundo que o rodeia”. (RICHARSON, 1999, p. 32).

A exemplo de Köche (1997), compreende-se o método como um procedimento regulado por normas que prescrevem o percurso que o investigador deve seguir para a construção de seu objeto de estudo.

Segundo Kude (1997), o método é a justificativa para o enfoque da pesquisa (quantitativo ou qualitativo) e a metodologia é o conjunto dos procedimentos utilizados para a realização do estudo. Esta pesquisa tem um enfoque qualitativo descritivo e exploratório, que considera a necessidade de familiarização com o objeto dela: o tutor em instituição pública, protagonista este ainda, pouco explorado no universo acadêmico.

A intenção é conhecer o papel do tutor por meio de sua formação, de seu discurso, de seu ambiente e de como ele próprio se reconhece dentro da função que

realiza, pois o “significado” que as pessoas dão durante o processo de investigação do objeto estudado deve ser o foco de atenção especial do pesquisador. Não se pode deixar escapar “detalhes” durante todo o processo de investigação. Por isso, a compreensão da realidade do entrevistado deve ser uma preocupação durante a pesquisa.

A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa. Tal compreensão poderá contribuir para um número de diferentes empenhos de pesquisa. Poderá ser um fim em si mesmo o fornecimento de uma ‘descrição detalhada’ de um meio social específico; pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica. (BAUER e GASKEL, 2010, p. 65).

Por meio da análise da realidade observada, das respostas às entrevistas, das experiências e da linguagem dos tutores, este trabalho buscará compreender e desenvolver estudos que forneçam informações valiosas para o processo da pesquisa. Lembre-se aqui que, para Spink (2004), a perspectiva do pesquisador é limitada pela sua própria visão de mundo. Pois, para ele, o pesquisador nunca está completamente abstraído de seu conteúdo dogmático.

Ao abordar a entrevista inicial como prática discursiva, estamos, antes de mais nada, entendendo-a como ação, ou melhor dizendo, como interação. Esta interação se dá em um certo contexto, numa relação constantemente negociada. Numa conversa o locutor posiciona-se e posiciona o outro, ou seja, quando falamos, selecionamos o tom, as figuras, os trechos de histórias, os personagens que correspondem ao posicionamento assumido diante do outro que é posicionado por ele. As posições não são irrevogáveis, mas continuamente negociadas. (SPINK, 2004, p. 186).

Nesse sentido, o pesquisador deve criar métodos e estratégias que minimizem sua interferência durante o trabalho; “[...] é impossível considerar uma técnica em abstrato, pois é um elemento de um conjunto mais amplo: a postura e a metodologia decididos pelo pesquisador”. (RICHARDSON, 1999, p. 209).

Esta pesquisa, portanto, recorre ao referencial de pesquisa qualitativa de observação e entrevista, no sentido de poder compreender da melhor maneira possível o fenômeno que pretende estudar. Os métodos qualitativos consideram o todo da investigação, sem reduzi-lo a partes; investigam os sujeitos e tentam conhecê-los como pessoas, não reduzem a palavra e os atos a equações

estatísticas. Para Sampieri (2006), a pesquisa qualitativa dá profundidade aos dados, oferece um ponto de vista recente, natural e holístico do fenômeno investigado.

Pesquisas qualitativas tipicamente geram um enorme volume de dados que precisam ser organizados e compreendidos. Isto se faz através de um processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado. Este é um processo complexo, não-linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados, e que se inicia já na fase exploratória, acompanhando toda a investigação em uma relação interativa com dados empíricos: à medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando tentativamente identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de 'sintonia fina' que vai até a análise final. (ALVES, 1991, p. 60).

A pesquisa qualitativa estimula o entrevistado a pensar livremente sobre o tema, objeto ou conceito que está sendo abordado. Esse modelo de pesquisa exploratória faz emergir tanto aspectos subjetivos quanto conscientes no entrevistado. Oportuniza ao pesquisador a possibilidade de buscar, por meio de suas próprias percepções e entendimento, a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a sua interpretação.

Essa alternativa, para Bauer e Gaskell (2010), amplia a compreensão a respeito do campo de conhecimento da pesquisa, apresentando uma compreensão mais detalhada dos significados e das características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar de uma produção meramente quantitativa de características e comportamentos. Revela áreas de consenso (positivos ou negativos), além de situações que envolvem o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de novas idéias.

Percebe-se que a metodologia, portanto, é a principal responsável pelas inovações, na medida em que propõe questionamentos e possibilidades sobre um determinado ponto de vista, buscando, por meio deste, compreender o objeto de estudo e possibilitando o avanço do conhecimento.

Assim, por meio de um enfoque qualitativo, à luz de uma visão histórico-cultural que privilegia o sentido e o significado do discurso dos participantes irá se estabelecer o percurso desta pesquisa.

6.2 CONTEXTO DO ESTUDO

Esta pesquisa desenvolve-se motivada pelas inúmeras críticas e qualidades que predominam o universo da modalidade de educação a distância.

A EAD surge como uma possibilidade apropriada para atender a grandes contingentes de alunos. Segundo Martins (2005, p. 15), “[...] o sistema educacional brasileiro, por sua vez, encontra-se em descompasso com a demanda de pessoas presentes na sociedade, tendo em vista que os direitos de cidadania estão sendo negados, pois grande parte da população não tem acesso ao sistema educacional”, e essa capacidade que aparenta ser uma qualidade, surge como uma de suas maiores críticas de sistema, “educação para quantidade sem qualidade”.

Conforme o MEC, o número de alunos matriculados no ano de 2000 era de 5.287 matrículas, e passou, em 2009, para 838.125 mil estudantes matriculados nos cursos de graduação em EAD, números que se multiplicaram 158 vezes em uma década (dados do INEP, autarquia vinculada ao MEC). O número de profissionais que atuam como tutores na educação a distância, não passa de 35 mil, ou seja, uma relação de 40 a 50 alunos por profissional, segundo fontes da ABED (2009).

Além de considerar essa relação numérica, significativa para esta pesquisa, toma-se o fato de que esse profissional, de acordo com a ANATED, não é valorizado, sendo seu trabalho muitas vezes considerado um “bico” ou uma “renda extra”, fatores que podem comprometer e descaracterizar o trabalho, afetando, assim, a qualidade da educação que está sendo oferecida.

Esta pesquisa busca, portanto, estabelecer o tutor na instituição pública no curso superior de pedagogia. Para Pinto (1993), a instituição pública deve “[...] possibilitar o acesso de todos à educação e à cultura”. E esta via educativa, deve ter o apoio do Estado, pois se isto não ocorrer, este fato produzirá uma inconstitucionalidade, que fere os princípios de toda a sociedade e que poderá se refletir em uma não ação educativa.

Partindo dessa premissa, pretende-se considerar para esta investigação uma instituição pública de educação superior, com curso de Pedagogia a distância, que promove a educação por meio dos recursos oferecidos pelo Estado e do controle que este exerce sobre as ideologias do setor. Portanto, as instituições públicas devem promover a igualdade de oportunidades em um mundo em que o trabalho e a participação social dependem da capacitação e do conhecimento.

Assim, compreender e mapear a presença desse profissional, o tutor, é fator primordial para inferir confiabilidade e qualidade da modalidade de EAD.

6.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

A escolha dos sujeitos pesquisados teve como critério a necessidade de formação e atuação como tutor na educação a distância nos cursos de graduação de Pedagogia, em universidade pública do estado do Paraná.

Contou-se no total com 12 tutores, no estudo principal, sendo que desses, 06 exercem suas funções como tutor presencial em instituição pública de ensino superior e em curso de Pedagogia a distância e 06 de tutor a distância em instituição pública de ensino superior e de curso de Pedagogia a distância. Destaca-se que outras 03 entrevistas foram realizadas com tutores no sentido de realizar o estudo piloto; este foi desenvolvido em uma instituição pública de ensino superior com curso de Pedagogia a distância, e verificou-se que o instrumento utilizado seria adequado para a coleta de informações que norteia esta pesquisa.

Seguiu-se, nessa investigação, o critério aleatório de escolha dos tutores, sendo apenas considerado necessário que eles exercessem suas funções em uma instituição pública de ensino superior e do curso de Pedagogia a distância.

Os tutores que participaram dessa pesquisa inserem-se tanto no contexto de atuação de tutor a distância de ensino, quanto no contexto de atuação como tutor presencial de ensino.

6.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A ênfase deste trabalho será no conteúdo da fala dos tutores e, para tanto, o caminho escolhido para esta investigação será o da técnica de entrevista semi estruturada (TRIVINOS, 1987; SAMPIERI, 2006), pois ela parte de certos questionamentos que se encontram apoiados em teorias e hipóteses, e ainda irão oferecer um amplo caminho de interrogativas e novas suposições, calcadas nas respostas dos informantes, em que o pesquisador tem a liberdade de manifestar-se

sobre as questões que complementam as informações com maior precisão, obtendo, dessa maneira, as respostas necessárias para a investigação.

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVINOS, 1987 p. 146).

Sendo o objetivo desta pesquisa, caracterizar o papel do tutor na educação a distância em uma instituição pública, pretende-se utilizar como método para esta pesquisa, além da entrevista semi-estruturada, a observação. Recurso este que possibilita novos parâmetros de investigação.

A observação qualitativa não é mera contemplação ('sentar e ver o mundo e fazer anotações'), nada disso. Implica entrar a fundo em situações sociais e manter um papel ativo, assim como uma reflexão permanente, e estar atento aos detalhes (não às coisas superficiais) gerar hipóteses para futuros estudos (SAMPLERI, 2006, p. 383).

Por meio da análise das entrevistas e da observação dos tutores que atuam na educação a distância, os resultados da pesquisa serão delineados.

A primeira etapa desta pesquisa fez-se por meio do estudo piloto, que permitiu conferir a viabilidade e a confiabilidade do método. Então a partir dos resultados apresentados e das variantes inseridas, deu-se prosseguimento à investigação.

A coleta de dados realizou-se com o auxílio da coordenação das instituições envolvidas, no sentido de permitir o acesso ao quadro dos profissionais que exercem a função de tutor. Após a autorização da instituição, a pesquisadora fez contato com os tutores. Realizou-se primeiramente, o procedimento de coleta da autorização dos participantes (tutores), por meio do termo de consentimento livre esclarecido (TCLE), assegurado a eles, o entendimento sobre os procedimentos e conteúdo da pesquisa que está sendo realizada.

Os dados foram coletados por meio de observação e de entrevistas semi-estruturadas e em diferentes momentos (manhã/tarde/noite), conforme o tempo disponível dos participantes desta investigação. O registro ocorreu por meio de

anotações desta pesquisadora, além da gravação e da mediação realizada por esta pesquisadora, sendo a abordagem efetivada através do contato direto com os pesquisados.

As observações desta pesquisadora foram realizadas *in loco* e com a autorização da instituição. Essas observações foram realizadas nos espaços de trabalho desses tutores, presenciais e a distância, do curso de Pedagogia em instituição pública de educação a distância. Procurou-se não alterar o cotidiano desses profissionais, e a observação foi realizada durante o exercício de suas funções. Destaca-se ainda, que a observação foi realizada com diferentes grupos de tutores presenciais e a distância.

Após a realização das observações, deu-se início às entrevistas com os tutores. As entrevistas foram gravadas pela pesquisadora e tiveram a duração média de 15 a 25 minutos, constituindo-se de questões semi-abertas⁶ que procuraram explorar a realidade e o cotidiano destes tutores.

Consideraram-se, também, para essa investigação, os seguintes referenciais: Nome, profissão, instituição em que trabalha o tutor, a função como tutor presencial ou a distância, o tempo de tutoria, a formação de graduação (licenciatura) e da pós-graduação (se houver) desses tutores.

É importante destacar que as informações colhidas durante as entrevistas com os tutores foram transcritas, e um código foi atribuído a cada tutor participante. Dessa forma, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, não aparecerão os nomes verdadeiros dos entrevistados, preservando a confidencialidade dos participantes.

6.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Para dar conta do compromisso da análise do material coletado durante as observações e as entrevistas, buscou-se na abordagem de Aguiar e Ozella (2006), cujo aporte teórico é a psicologia sócio-histórica, um dos referenciais que norteiam este trabalho.

Aguiar e Ozella (2006), ao tomar como base o método da psicologia sócio-histórica, afirmam que não existe método separado de uma concepção de homem.

⁶ Entrevistas em anexo, com as perguntas e respostas das tutoras envolvidas nesta investigação.

Essa base teórica determina a necessidade de se estudar o homem constituído a partir de uma relação dialética com o social e a história, um homem que é, ao mesmo tempo, único, singular e histórico, um homem que se distingue da realidade social, mas, ao mesmo tempo, não se dilui nela, pois são diferentes.

Dessa maneira, apoiando-se nos estudos de Vygotsky (2001), Aguiar e Ozella (2006) estabelecem um importante referencial constituído pela unidade contraditória do simbólico e do emocional, que se refere à distinção entre significado e sentido.

O significado, para Aguiar e Ozella (2006), remete às produções históricas e sociais que permitem a comunicação e a socialização de nossas experiências, “[...] aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades”. (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 226).

Já o sentido, segundo Aguiar e Ozella (2006), é muito mais complexo que o significado, pois este se destaca na singularidade historicamente construída que considera a totalidade humana: cognitiva e afetiva, ou seja, refere-se “[...] a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade”. (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 227).

Essas categorias destacadas por Aguiar e Ozella (2006) encontram respaldo nas reflexões de Namura (2004) a respeito da dimensão de ‘sentido’, ao considerar todas as instâncias envolvidas nesse processo: a razão e a emoção, e não apenas reducionismos científicos, pois, “[...] só quando compreendemos a possibilidade do todo, é que este poderá contribuir para a compreensão da produção de sentido com sua concepção histórica e social da linguagem trazendo a cultura, a ideologia, a ética e a estética”. (NAMURA, 2004, p. 111).

Partindo dessa compreensão sócio-histórica, considera-se, portanto, relevante a análise dos dados desta pesquisa por meio do método de identificação dos núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2006).

Os núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2006) constituem importante ferramenta metodológica para a apreensão e constituição dos sentidos das falas dos tutores, pois o compromisso desse referencial está pautado em uma análise da realidade do discurso dos sujeitos participantes.

O primeiro passo para a obtenção de uma análise comprometida com a realidade do discurso dos sujeitos participantes inicia-se por meio de várias leituras denominadas “leituras flutuantes”, “que são a primeira unidade do momento empírico da pesquisa; partimos dela sem a intenção de fazer mera análise das construções narrativas, mas com a intenção de fazer uma análise do sujeito” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 230). Essas leituras permitirão que o material coletado destaque os temas que emergiram com mais frequência, caracterizando, por meio dessas repetições, a fala dos informantes, a carga emocional presente, as contradições e as possíveis insinuações não concretizadas. Esses indicativos, de acordo com Aguiar e Ozella (2006), irão destacar e se organizar como pré-indicadores para a construção dos núcleos futuros.

Por meio da leitura “flutuante” e dos pré-indicadores se manifestará o processo de aglutinação do conteúdo coletado, que se estabelece pelo conjunto de indicadores e seus conteúdos. “Critérios estes que não são isolados entre si, mas são complementares pela semelhança do mesmo modo que pela contraposição” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 230).

É nesse momento da pesquisa, já de posse do conjunto de indicadores e seus conteúdos, que para Aguiar e Ozella (2006, p. 231), se inicia o “processo de articulação que resultará na organização dos núcleos de significação através de sua nomeação”, e representa o processo que possibilita a análise dos núcleos de significação. Essa fase de análise para a pesquisa à luz da perspectiva histórico-cultural por meio dos núcleos de significação, irá apreender, não apenas o conteúdo da fala dos informantes, mas articulá-la com o processo interpretativo do investigador, revelando-se um movimento do empírico para o interpretativo.

Assim só avançaremos na compreensão dos sentidos quando os conteúdos dos núcleos forem articulados. Nesse momento, temos a realização de um momento da análise mais complexo, completo e sintetizador, ou seja, quando os núcleos são integrados no seu movimento, analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto sócio-histórico, à luz da teoria. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 232).

Essa visão dos núcleos de significação corrobora, portanto, a realidade que se pretende investigar neste trabalho, na medida em que se realizam articulações da história do sujeito, de sua realidade, dos conhecimentos científicos e da própria visão do investigador. Esses fatores imprimem uma nova realidade, reveladora das

contradições e desses movimentos dialéticos fundamentais para a apreensão da constituição dos sentidos em uma pesquisa qualitativa.

Para Brandão (2004), seguindo esse princípio, no sentido de captar e tentar interpretar a(s) categoria(s) dos discursos dos sujeitos da presente amostra ao nível de suas respectivas práxis, deve-se ter o cuidado de não destacar apenas a homogeneização do discurso do sujeito, mas que se percebam também as contradições, “várias linguagens em uma única e não ao contrário”. (BRANDÃO, 2004, p. 88).

[...] o diferente que subjaz o discurso, que não exclua a noção de heterogeneidade como elemento constitutivo de práticas discursivas que se dominam, se aliam ou se afrontam em um certo estado de luta ideológica e política, no seio de uma formação social em uma conjuntura histórica determinada. (BRANDÃO, 2004, p. 88).

Essa forma de abordar o discurso permite compreender a questão dos significados na relação que se estabelece entre o homem e a realidade; segundo Palmer (1969, p. 230), “a compreensão é o meio pelo qual o mundo se coloca face ao homem; a compreensão é sempre a posição a partir da qual vemos aquilo que vemos”. A análise do discurso, portanto, [...] não deve buscar a unidade de todas as formações discursivas de uma conjuntura, definindo uma invariante universal, nem a multiplicação ao infinito e sem hierarquia das relações entre os campos (BRANDÃO, 2004, p. 94).

Não existe receita pronta para fazer uma análise do discurso, assim como uma receita de bolo que se pode seguir passo a passo. O que se encontra são caminhos que orientam e indicam possíveis enfoques para a análise dos discursos.

[...] o pesquisador está interpretando o sentido de cada unidade de análise. Embora as interpretações estejam restringidas tanto pela teoria quanto pelo referencial de codificação, faz sentido perguntar se outros codificadores teriam chegado à mesma conclusão. (BAUER E GASKELL, 2010, p. 356).

A intenção desta pesquisa é conhecer esse “outro”, o tutor, por meio das representações que utiliza, de seu discurso e das práticas sociais e pedagógicas que desenvolve. Valorizam-se como suporte de entendimento desta investigação os vários indicadores que estruturam a pesquisa qualitativa e que permitem construir novos olhares e novos enfoques à luz da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.1 CONSTITUINDO OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DO(S) DISCURSO(S) DOS TUTORES PRESENCIAIS E A DISTÂNCIA

A investigação e a justificação têm vários objetivos locais, mas nenhum objetivo geral chamado verdade... Só haveria um objetivo 'mais elevado' da investigação se houvesse algo como a justificação última – justificação diante de Deus, ou diante do tribunal da razão, ao invés de justificação diante de meras e finitas audiências humanas.
Rorty

O discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo “[...] é o ponto de articulação dos processos ideológicos⁷ e dos fenômenos linguísticos⁸ e [...] um modo de produção social, “[...] é o elemento necessário de mediação entre o homem e a realidade, uma vez que os processos que a constituem são históricos-sociais”. (BRANDÃO, 2004, p. 11).

Esse trabalho busca, portanto, na análise do(s) discurso(s) dos sujeitos, constituir elementos que possam contribuir para compreender o papel do tutor na educação a distância: sua realidade e atribuições.

Desta maneira, busca-se por meio dos núcleos de significação o instrumento de análise do(s) discursos dos tutores presenciais e a distância de instituição pública de educação a distância do curso de pedagogia. A análise apresentada aqui resulta da articulação dos dados coletados durante as observações realizadas e das entrevistas coletadas para justificar, ampliar e contextualizar as considerações apresentadas “[...] esse procedimento explicitará semelhanças e/ou contradições que vão novamente revelar o movimento do sujeito”. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 231).

A partir da organização das entrevistas das 12 tutoras⁹ (06 presenciais e 06 a distância), tomam-se como ponto de partida os núcleos de significação, que objetivam investigar os significados e os sentidos que os tutores atribuem ao “papel do tutor”, na busca de articular o significado e o sentido nos muitos conteúdos das

⁷ Concepção de mundo de uma determinada comunidade social numa determinada circunstância histórica.

⁸ Um fenômeno linguístico se caracteriza por um determinado acontecimento que ocorre na história de determinada língua, criando uma nova forma de comunicação e modificando a língua como um todo.

⁹ Esta pesquisa faz uma relação feminina a classe de tutores, por destacar que na totalidade das entrevistas realizadas naquela instituição, somente participaram tutoras do sexo feminino.

sua(s) fala(s), que reúnem pensamentos, palavras e emoções. Assim, busca-se neste instrumento a compreensão da subjetividade deste sujeito, que considera “todas as expressões humanas sejam cognitivas e afetivas”. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 227).

Na perspectiva adotada, portanto, a separação entre pensamento e afeto jamais poderá ser feita, sob o risco de fechar-se definitivamente o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, pois a análise do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades e interesses que orientam o seu movimento. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 227).

Constituíram-se assim os núcleos de significados e sua relação com os indicadores finais, conforme a organização que se pode verificar no Quadro 1 a seguir.

NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO	INDICADORES FINAIS
REPARAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA TUTORIA	- formação inicial e pós-graduação - a formação continuada
EU TUTOR	- as diferentes atividades - a função - a rotina - o reconhecimento profissional
RELAÇÃO TUTOR - ALUNO	- as ações pedagógicas - autorregulação do aluno - os processos de mediação

QUADRO 1 – NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

No que se refere a esta pesquisa, têm-se consciência da necessidade de prudência no trato dos dados, buscando-se assim uma visibilidade maior dos procedimentos de análise formulados, a fim de que permitam inferências sobre todo o processo do(s) discurso(s). Desta maneira utiliza-se o cruzamento de todas as informações obtidas, procurando estabelecer um aprofundamento da visão que estes tutores têm acerca de seu papel na educação a distância.

Seguindo no processo de análise, importa considerar que ele começou no interior de cada núcleo e foi avançando para o estabelecimento de relações entre os núcleos, evidenciando-se semelhanças e contradições, seja no discurso de um tutor ou no(s) discurso(s) entre si. Para o início desta análise os núcleos primeiramente

são destacados para depois serem reintegrados ao contexto social e histórico, conforme os procedimentos propostos por Aguiar e Ozella (2006).

Cabe evidenciar, que a análise não se restringe exclusivamente ao depoimento das participantes. Mas, busca-se articulação com o contexto do discurso ampliado em sua dimensão sócio-histórica como se pretende evidenciar no próximo capítulo da análise e discussão do(s) discurso(s) dos tutores presenciais e a distância.

7.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO DISCURSO DOS TUTORES PRESENCIAIS E A DISTÂNCIA

A Perspectiva Histórico-Cultural contribuiu, a partir de seu método e de suas categorias teóricas, para a compreensão da relação homem/mundo. Nesta perspectiva, destaca Vygotsky (1998), cada sujeito é único em sua singularidade, ao vivenciar determinadas situações particulares, sociais e históricas, que são mediadoras da sua subjetividade.

Então, por meio da análise das entrevistas das doze tutoras de instituição pública superior de educação a distância do curso de Pedagogia, que se dispuseram a participar deste trabalho, optou-se pelo método dos núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2006).

Este caminho se justifica por se constituir em um procedimento de análise que visa “[...] apreender os sentidos que constituem o conteúdo do discurso dos sujeitos informantes”. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 223).

Nessa análise, buscam-se uma síntese do(s) discurso(s) das doze tutoras acerca da realidade que percebem de seu papel como tutoras na educação a distância. Papel este que por meio dos procedimentos de análise do(s) discurso(s) resultaram na apreensão de três núcleos de significação, conforme a proposta de Aguiar e Ozella (2006).

Os núcleos são:

- a) Preparação para o exercício da tutoria;
- b) Eu tutor;
- c) A relação tutor-aluno.

Estes núcleos, refletidos por meio da visão do pesquisador, procuram na aparência do discurso(s) do(s) informante(s) articular “[...] o contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso à compreensão do sujeito em sua totalidade”. (AGUAR E OZELLA, 2006, p. 231).

Ao investigar o papel dos tutores na educação a distância, parte-se do pressuposto de que a dimensão sociopolítica está sempre presente nas práticas educacionais, apontando para um determinado tipo de sociedade; incentivando determinado tipo de sujeito, de cidadão. Ou seja, o tutor, ao desenvolver seu trabalho, sempre estará compreendido em uma ação social; seu trabalho estará sempre vinculado a um dos projetos sociais existentes e em disputa na sociedade.

Evidencia-se, desse modo, a complexidade desse processo, em que este sujeito pode ou não ter clareza desta relação e desta presença, tornando-se um profissional acrítico, que sem perceber reforça as concepções dominantes¹⁰ da sociedade.

Então, por meio da identificação dos núcleos de significação constrói-se o caminho desta investigação, “[...] que não se revela facilmente, não está na aparência; muitas vezes, o próprio sujeito o desconhece, não se apropria da totalidade de suas vivências, não as articula”. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 228).

Desta maneira, procura-se retomar o objetivo da pesquisa, a abordagem teórica construída nos capítulos anteriores e as análises individuais de cada sujeito; e do cruzamento desses dados, apresentam-se nos próximos tópicos as análises e articulações realizadas por esta pesquisadora.

7.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: PREPARAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA TUTORIA

A sociedade na qual vivemos atravessa um momento único, determinado por uma visão singular da realidade, em que questionamentos inserem-se de maneira vertiginosa, nesta nova ordem social e política permeada pelas novas tecnologias, a universalização e a transformação da informação.

¹⁰ A pedagogia do dominante de acordo com a concepção de Paulo Freire é um educação bancária, em que predomina o discurso e uma prática totalmente verbalista, em que o saber é dado, fornecido de cima para baixo; é autoritário, pois manda quem sabe. Nesta concepção o sujeito da educação é o educador, sendo os educandos como vasilhas a serem cheias pelo conhecimento depositado pelo educador.

Para Martins (2007), “[...] trata-se de um desafio que exige deixar um método de domínio para aprender o novo”, e neste momento de tantas transformações, outras posturas devem ser construídas, na medida em que o avanço tecnológico e as exigências sócio-econômico-culturais, impostas pela sociedade, provocam grandes mudanças, tanto nas estruturas dos empregos, quanto na forma de trabalhar.

O mundo do trabalho é outro ponto crítico a demandar um enorme esforço, tanto dos governos, quanto de órgãos de classe e das próprias organizações, para atender a necessidade premente de preparação de pessoal, que responda, nos postos de trabalho, às exigências de um mercado cada vez mais competitivo em todos os aspectos. Poder contar com pessoal que possa dar respostas rápidas às mudanças cotidianas, refletir sobre essas mudanças, saber interagir com as novas tecnologias, fazendo delas um diferencial a seu favor e a favor da organização, é o que as empresas procuram nos colaboradores já contratados e a contratar. (BLOIS, 2004, p. 98).

Desta maneira insere-se na modalidade a distância o papel do tutor, trabalhador este que deve articular uma nova significação, frente às mudanças e reflexões do modo como construímos o conhecimento.

Esta pesquisa, portanto, busca colaborar na pretensão de compreender o papel do tutor na educação a distância. Papel este que procura se adaptar e desenvolver processos que possibilitem uma proposta de educação preocupada com a formação do cidadão.

Neste sentido busca-se no núcleo: preparação para o exercício da tutoria, o início das reflexões que irão delimitar o papel do tutor nesta instituição pública de educação a distância.

Assim, dispuseram-se duas categorias de tutores: presenciais e a distância que caracterizam e dão suporte para a compreensão do primeiro indicador: a formação inicial e pós-graduação, quadros 2 e 3.

TUTORES PRESENCIAIS			
Nome	Tempo de tutoria (aproximadamente)	Formação Inicial	Pós-Graduação
LAURA	05 anos	Pedagogia	Especialização em Interdisciplinariedade e atualmente PDE ¹¹ do Estado
MARIA	02 anos	Pedagogia	Filosofia
ANA LUIZA	08 meses	Pedagogia	Pedagogia empresarial e Educação inclusiva
LÍDIA	03 anos	Normal Superior	Orientação Educacional
LUANA	06 meses	História	Especialização em Educação a Distância
MARIA HELENA	02 anos e 07 meses	Pedagogia	Organização do trabalho pedagógico

QUADRO 2 – CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO INICIAL, PÓS-GRADUAÇÃO E TEMPO DE TUTORIA DAS TUTORAS PRESENCIAIS¹²

TUTORES A DISTÂNCIA			
Nome	Tempo de tutoria (aproximadamente)	Formação Inicial	Pós-Graduação
CLARA	05 anos e 06 meses	Pedagogia	Magistério Superior
BEATRIZ	03 anos	Serviço Social	Gestão de Políticas Públicas e Mestrado em Educação
LUCIANA	03 anos	Pedagogia	Especialização em Inovações de Projetos Educativos, Especialização em Tecnologia Educacional e Educação à Distância e Mestrado em Educação
FRANCIELI	03 anos	Comunicação Social	Mestrado em Educação, Especialização em Marketing
AMANDA	03 anos	Psicologia	Psicopedagogia e Mestrado em Educação
EDUARDA	02 anos e 06 meses	Física	Especialização em Física

QUADRO 3 – CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO INICIAL, PÓS-GRADUAÇÃO E TEMPO DE TUTORIA DAS TUTORAS A DISTÂNCIA

¹¹ PDE - Plano de desenvolvimento da educação, que é uma política pública que estabelece o diálogo entre os professores da Educação Superior e os da Educação Básica, através de atividades teórico-práticas orientadas, tendo como resultado a produção de conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense (BRASIL, 2011).

¹² Cabe evidenciar que os nomes das tutoras foram alterados por nomes fictícios para que a confidencialidade dos participantes fosse mantida, nos quadros 2 e 3.

Estes elementos: relação tempo de atuação, formação inicial e pós-graduação dos quadros 1 e 2, se fazem importantes meios que caracterizam o papel do tutor na educação a distância em instituição pública, pois estes estabelecem aspectos importantes, que relacionados ao conteúdo do(s) discurso(s) dos tutores visam apreender a significação do(s) discurso(s) dos tutores envolvidos nesta investigação “[...] mesmo considerando que uma boa entrevista possa contemplar material suficiente para uma análise, se houver condições, alguns outros instrumentos podem permitir o aprimoramento e refinamento analítico”. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 229).

A universidade é uma instituição social que aspira à universalidade e que tem a sociedade como seu princípio e sua referência normativa e valorativa, a qual se percebe inserida na divisão social e política e busca definir uma universalidade (imaginada ou desejada) que lhe permita responder às contradições impostas por esta divisão. Logo, a universidade é um devenir, uma construção constante que está amparada numa concepção de possibilidade de destruir os fins capitalistas pelo que até agora ela atuou e de construir uma nova história como resultante de ações de seres humanos conscientes. (CHAUÍ, 2001, p. 216).

Todas as doze tutoras participantes desta pesquisa, presenciais e a distância, contemplam formação inicial de nível superior (conforme quadros 1 e 2), sendo 06 tutoras presenciais e 06 tutoras a distância.

As tutoras presenciais em relação a sua formação inicial se dispõem: 04 (quatro) formadas em pedagogia, 01 (uma) em normal superior e 01(uma) em história. Já, em relação à análise dos dados da formação inicial das tutoras a distância, percebe-se que a pedagogia deixa de ser a graduação mais evidenciada, observando-se uma variedade de graduações iniciais: 02 de pedagogia, 01 de serviço social, 01 de comunicação social, 01 de psicologia, 01 de física.

Estes dados supõem, a princípio, que o papel de tutor não exige especificidade em termos de formação (inicial), apontando para um ecletismo no que tange a esta condição, contemplando-se assim, o indicador “capacitação”.

De acordo com Maggio (2001), Preti (2001) e Blois (2003), não há indicadores oficiais que discorram sobre a necessidade de uma formação inicial específica que evidencie o papel do tutor na educação a distância. Já Martins (2010), enfatiza a necessidade de cursos de pós-graduação e/ou extensão para capacitação deste profissional, e Leal (2005, p.04), de que o tutor “[...] deve ter uma

formação acadêmica definida por sua experiência acadêmica, seu conhecimento didático-pedagógico”, “[...] além, talvez de uma experiência no ensino presencial”.

Estas considerações acerca do ecletismo da formação inicial do tutor, no entanto, se contrapõe às regulamentações do ofício circular 20/2011 – DED/CAPES, onde se estabelece que o tutor deve “possuir formação na área da disciplina ou do curso em que atuam”, garantindo assim a qualidade da formação em nível superior oferecida no âmbito do Sistema UAB. Neste sentido, cabe ponderar que a universidade em questão, deveria estar se organizando para atender a estas regulamentações, e que, talvez, nem todos tutores entrevistados tenham tido contato com estas informações, deixando uma lacuna de possibilidades e interpretações no que tange a este indicador.

Nota-se, novamente, a repetição de que a diversidade das formações iniciais das tutoras entrevistadas, não é um obstáculo para a condição da tutoria na educação a distância no curso de Pedagogia. No entanto, estas tutoras referem-se à falta de uma disciplina que aborde o contexto da modalidade a distância, em suas graduações. Para Luciana, tutora a distância, sua percepção e a de que “[...] a minha formação específica na graduação, ela não contribuiu de uma maneira muito efetiva pra essa prática da tutoria”, Luana, tutora presencial, também discorre sobre este ponto de vista de que a formação inicial não contemplou a relação educação a distância e muito menos temas sobre o papel do tutor “[...] então, na verdade, assim, na questão da tutoria em si, assim, o que é ser tutor, eu acho que não contemplou”.

A tutora a distância Camila relata que apesar de sua formação inicial ser a de Comunicação Social, este fato não a desqualificou para o exercício da tutoria para o curso de Pedagogia a distância, “[...] a minha área é comunicação social”, “[...] ela foi muito importante, nesse sentido de pessoas, de estudo, de abrir a sua cabeça em relação a pessoas mesmo, esse contato, essa coisa de você ser o professor, mas ao mesmo tempo ser o orientador”.

Da mesma maneira relata Eduarda (tutora a distância), que possui a formação inicial em Física, “[...] eu acredito que o curso de licenciatura me abriu muito os horizontes e muita coisa que eu aprendi lá na licenciatura eu estou usando agora”.

[...] antes de eu fazer o curso de Física eu fiz o curso normal e o curso normal me deu muito subsídio pra dar aula pra crianças e eu a vida inteira dei aula para o ensino fundamental. Então, se eu tenho algum conhecimento que eu posso passar para os meus alunos, é dessa minha experiência profissional do curso de magistério e da licenciatura de Física e, ainda, eu dei aula dois anos aqui na instituição como professora na disciplina de Metodologia do ensino de Física e Prática do ensino de Física. Então, eu acredito que o curso de licenciatura me abriu muito os horizontes e muita coisa que eu aprendi lá na licenciatura eu estou usando agora (EDUARDA, tutora a distância).

[...] agora, essa coisa da formação, qualquer formação que você tenha, eu fiz normal, né, eu fiz colegial e normal, então, com o normal eu já tive uma formação pra professor, o meu curso de Comunicação é como qualquer outro curso, você lê muito, você estuda muito, quando você entra numa tutoria você tem que ter leitura porque senão, é como qualquer outro professor, se você não tem leitura, você não sabe como se comunicar com os seus alunos (CAMILA, tutora a distância).

[...] eu fiz magistério no nível médio, então isso que me ajuda bastante na tutoria e por eu trabalhar com as séries iniciais também, né, 20 horas semanais, também ajuda, mas em relação ao curso mesmo, assim, acredito que não muito assim (LUANA, tutora presencial).

[...] eu acho que esse conhecimento prévio que eu já tinha, tem ajudado no trabalho da tutoria e também a minha prática como professora, principalmente nas disciplinas de metodologia e tal, então, a minha prática do dia-a-dia como professora também contribui (MARIA HELENA, tutora presencial).

Para a tutora Clara (tutora a distância), também não importa a formação inicial, mas ela destaca que é importante o tutor compreender os processos pedagógicos da modalidade a distância: “[...] os conhecimentos pedagógicos são fundamentais pra questão da tutoria, mas, eu penso que na formação em relação à EaD achei que faltou”.

No entanto, esta não representa a totalidade das impressões sobre a formação inicial, como se pode perceber nesta fala, “[...] se eu tivesse uma outra formação que não fosse a Pedagogia, eu acredito que eu não conseguiria dar conta da tutoria “.(MARIA HELENA, tutora presencial).

Estes discursos destacam que a discussão sobre este referencial: formação inicial, ainda não é bastante polêmica as tutoras da educação a distância e carece de muita discussão para se efetivar um posicionamento efetivo.

Compreende-se, portanto, por meio da análise dos sentidos e significados das falas das tutoras sobre a formação inicial, que o papel do tutor não está atrelado a uma “determinada graduação”, mas que deve, sim, estar comprometido com uma

práxis educativa que possibilite o entendimento das dificuldades e possibilidades pedagógicas da educação a distância.

Nesta vertente, percebe-se que o papel do tutor não se encontra regulamentado. O que se encontra é a providência de ações solitárias que buscam um caminho “para dar certo” o trabalho do tutor na educação a distância. Para Martins (2010) e Litwin (2001), o papel do tutor necessita de qualificação profissional que o capacite para compreender as relações pedagógicas, relações estas que contribuem para o desenvolvimento dos processos de ensino aprendizagem e autonomia do aluno no ensino a distância.

Arguindo nesta sequência, procurou-se perceber a relevância de cursos de extensão entre as tutoras entrevistadas, e percebeu-se que todas as 12 tutoras têm o nível de pós-graduação, sendo que destas 03 possuem mestrado em educação, 01 pós-graduação em filosofia e 08 pós-graduação em diferentes áreas da educação.

A pós-graduação nesta universidade pública, entre os tutores entrevistados desta pesquisa, se revelou uma constante. Desta maneira, concebe-se que todos os tutores desta amostra que desenvolvem atividades nesta universidade detêm alguma especialização.

Quando indagadas sobre a pós-graduação, a(s) tutora(s) destacam que a especialização acresce as condições de conhecimento em geral e também permite uma melhor compreensão da dinâmica da educação a distância, principalmente quando voltada para a área tecnológica.

Para Beatriz (tutora a distância), “[...] a formação inicial, ela desvincula realmente essa possibilidade de produção da educação à distância. Agora, na especialização, daí você já escuta alguma coisa”. A tutora a distância Luciana, relata que a sua especialização na área tecnológica, lhe conferiu maiores habilidades para lidar com os elementos da tutoria, “[...] durante as minhas especializações e até por conta delas, eu escolhi essas especializações em tecnologia educacional, em educação à distância, justamente pela necessidade que eu senti de uma formação complementar, que seria específica pra ta me ajudando nessa prática de tutoria, de trabalho com educação à distância”. Já, para Lídia (tutora presencial), a sua pós-graduação em orientação educacional, é que lhe permitiu compreender melhor a relação do trabalho em grupo, “[...] por ter feito gestão, a questão de administrar de

trabalhar com o grupo, facilitou bastante”. “[...] eu não vejo dificuldades de estar trabalhando com o grupo”.

[...] durante as minhas especializações e até por conta delas eu escolhi essas especializações em tecnologia educacional, em educação à distância, justamente pela necessidade que eu senti de uma formação complementar que seria específica pra tá me ajudando nessa prática de tutoria, de trabalho com educação à distância, de escrita de material didático pra educação à distância, que tem que ter esta especificidade que é diferente de escrever um material didático para um curso presencial, então eu penso que essas disciplinas e o próprio curso de graduação, de especialização, ele me formou pra isso, ele me ajudou nas disciplinas a tá refletindo, a tá construindo um referencial teórico, uma base teórica que me auxilie nessa prática com a educação à distância hoje em dia (LUCIANA, a distância).

A pós-graduação pode-se dizer, não é uma necessidade que se impõe apenas em relação ao papel do tutor na educação a distância, mas uma exigência desta nova sociedade, que têm o dever de estar sempre adquirindo novos conhecimentos, a fim de capacitar profissionais críticos de sua práxis.

Em uma dimensão de mudança social na direção de uma sociedade mais justa e igualitária, pode-se afirmar que a extensão universitária apresenta como principais vantagens: a difusão e socialização do conhecimento detido por uma determinada área de ensino e dos novos conhecimentos produzidos pela área de pesquisa; o conhecimento da realidade da comunidade em que a universidade está inserida; a possibilidade de diagnosticar necessidades de pesquisas acadêmicas; a prestação de serviços e assistência à comunidade; o fornecimento de subsídios para o aprimoramento curricular e criação de novos cursos, bem como da estrutura e diretrizes da própria universidade na busca da qualidade educacional; a possibilidade de a comunidade universitária conhecer a real problemática nacional e atuar de modo efetivo na busca de soluções plausíveis entre outras. (SANTOS, 2010, p. 14).

Para Belloni (1999), Landim (1997), Litwin (2001) e Maggio (2001), o papel do tutor ocupa cada vez mais uma posição de destaque no cenário educacional, em face da grande expansão no ensino superior a distância no Brasil nos últimos anos.

As especificidades desta modalidade demandam ao tutor uma série de novas aprendizagens e atividades, muitas das quais ele não foi preparado, trazendo consigo desafios desde a sua formação inicial universitária. E diante desta constatação, a universidade vislumbrou a necessidade de ofertar cursos para a formação de tutores em EaD.

O curso de formação de tutores para educação a distância desta universidade pública, é promovido por meio de uma resolução do Conselho

Universitário¹³, que é uma unidade vinculada a Pró-Reitoria de Graduação, com competência para implementar políticas e diretrizes para a Educação a Distância (EAD). Essas diretrizes compreendem o interesse em democratizar o conhecimento científico para as diferentes camadas sociais; propiciar a emancipação coletiva e oportunidade de acesso ao saber acadêmico, visando a redução das desigualdades sociais; acelerar o desenvolvimento humano, individual e coletivo, buscando reduzir o nível de desqualificação profissional e favorecendo a melhoria de qualidade de vida a uma maior parcela da população, além de formar pessoal com qualidade educativa para atuar com educação a distância.

A partir destas considerações, buscou-se estabelecer determinações que atendam à demanda desta universidade pública, por meio da oferta de curso de capacitação de tutores em EAD, que compreende módulos de 30 horas, de unidades realizadas a distância, em que estes tutores são avaliados semanalmente, por meio de tarefas e da participação em fóruns virtuais. Os módulos deste curso de capacitação procuram abranger os diferentes contextos que se inserem na modalidade a distância, tais como os fundamentos e políticas de EaD, os diferentes ambientes de aprendizagem e colaboração, avaliação da aprendizagem em EaD, além de caracterizar as atividades inerentes ao tutor presencial e a distância. Estas unidades se dividem em seis módulos que totalizam 180 horas de curso a distância, que são:

- a) Fundamentos e políticas em EaD – 30h
- b) Gestão, estrutura e funcionamento em EaD – 30h
- c) Teoria e prática tutorial em EaD – 30h
- d) Comunicação e informação em EaD – 30h
- e) Ambientes de aprendizagem e colaboração em EaD – 30h
- f) Avaliação da Aprendizagem em EaD - 30h

A educação a distância é estabelecida por esta universidade pública como uma modalidade complexa, composta de muitos sub-sistemas (tutoria, avaliação, gestão, comunicação e informação) conectados e não triviais que provocam uma nova organização dos processos de ensino-aprendizagem.

¹³ Órgão máximo deliberativo para traçar a política universitária e instância recursal. É resultante da reunião dos membros do Conselho de Planejamento e Administração com os do Conselho de Ensino, pesquisa e Extensão e é presidido pelo Reitor.

Apesar da pretensão exemplar desta universidade pública de busca por definições e qualificações essenciais ao papel do tutor na educação a distância, o que se percebe, no entanto, por meio das falas de algumas tutoras é a falta de definições, apoio organizacional e diálogo para estabelecer o entendimento da realidade do papel do tutor.

A tutora Amanda (a distância) estabelece como sentido deste curso de formação de tutores, uma breve introdução ao exercício da tutoria, uma capacitação que deveria ser continuada, que a princípio parece realizar algumas contribuições para o exercício da tutoria, mas que no decorrer das ações tutoriais vai deixando muitas lacunas a serem preenchidas, “[...] o aprendizado, isso é mais no dia-a-dia eu acho que sempre deveria ter, sabe assim, palestras”. “[...] eu senti no decorrer, assim, da minha atividade, necessidade, assim, de trocar, de conversar, de ampliar, mas eu acho que o curso inicial ajuda bastante”. (AMANDA, a distância).

A fala da tutora Maria Helena (presencial), também revela esta postura da reduzida contribuição do curso de formação de tutores, “[...] eu fiz o curso oferecido aqui pela universidade pra tutores, mas é uma coisa muito teórica, digamos assim, a prática você aprende no dia-a-dia”. Beatriz, tutora a distância, também relata que esta capacitação é muito básica, que não prepara o tutor para as suas atribuições “[...] como tutora eu tive essa formação aqui na instituição mesmo, mas eu vou lhes dizer uma coisa, o curso de aperfeiçoamento de tutor que a instituição aqui dispõe ele é muito simplório”. A tutora Eduarda (a distância), quando indagada sobre qual a contribuição do curso de formação de tutores, para as suas atividades tutoriais, responde um sonoro “não” a esta questão, revelando seu descontentamento e ansiedade frente a esta situação. No entanto, podem-se destacar algumas contradições nas falas das tutoras que no decorrer da conversa parecem refletir que talvez o curso não prepare “tão bem”, mas que diante dos recursos tecnológicos “até” que o curso de formação de tutores “ajudou”. Amanda (tutora a distância) refere-se, assim, o seu curso de tutoria, “[...] ele foi, assim, fundamental pro manejo, as questões mais técnicas, né, de como postar atividades.” “[...] mas o aprendizado, isso, é mais no dia-a-dia”.

[...] aqui na Universidade a gente tem o curso de capacitação de tutores, né? Fiz este curso, gostei bastante, né, pra atuar como tutora à distância utilizando a plataforma moodle que é o que nós utilizamos dentro do curso da Pedagogia EaD foi fundamental, né, que foi através desse curso que a gente teve, assim, um primeiro contato. (CLARA, tutora a distância).

Assim, destaca-se por meio das observações e considerações acerca do(s) discurso(s) das tutoras envolvidas nesta investigação, a dificuldade que se estabelece nestas interpretações, que se revelam preenchidas de emoções e expectativas. O tutor investigado nesta pesquisa busca o seu espaço e ainda sente dificuldades diante dos diferentes processos pedagógicos e tecnológicos que envolvem a dinâmica do universo a distância.

Prosseguindo nesta caminhada para compreender o papel do tutor, destaca-se o indicador “formação continuada”. Pois, ao se fazer uma pequena prévia dos indicadores até o momento apresentados, pode-se aferir o quanto estas tutoras “gostariam” de ações, que lhes permitissem desenvolver o papel do tutor com mais “segurança”, diante das inúmeras possibilidades pedagógicas e tecnológicas que provocam diferentes situações e ações inéditas na tutoria.

Nas duas últimas décadas, formação e trabalho configuram um binômio interactivo e mutuamente condicionado: se as situações de trabalho apelam à formação, também esta última influencia os contextos de trabalho, sendo visível a crescente e proliferada procura e oferta de formação nos mais diversos grupos profissionais e contextos organizacionais. (SILVA, 2000, p. 90).

É importante frisar que esta universidade oferece cursos de formação continuada para toda a comunidade, por meio dos recursos do PAC¹⁴. Cursos estes que de acordo com informações do setor responsável desta universidade, abrangeriam a formação continuada dos tutores, não como curso de formação continuada exclusiva para estes, mas um curso genérico, que segundo a universidade poderia prover “tal” condição.

Portanto, neste indicador “formação continuada” emergem as representações das dificuldades e frustrações que estes tutores expressam ao se depararem com esta questão: “[...] acredito que é importante uma formação continuada porque tem questões, assim, que você só no dia-a-dia você vai sentindo as dificuldades” (AMANDA, tutora a distância). A grande maioria destas tutoras representa este indicador de forma dissimulada em seu discurso, associando os diferentes contextos que demonstram a falta de suporte continuado para desenvolver as suas atividades.

¹⁴ Programa do Governo Federal de Aceleração do Crescimento.

[...] então assim, participar desse novo formato da Pedagogia EaD dentro da ---- com a utilização da plataforma moodle foi complicado, né? Porque o início, né, de um curso, então assim, há todas as questões administrativas, coisas que não são função do tutor acabam ficando pro tutor, né, mas assim, como a gente tem que ter bom senso, né, e acredita que a educação à distância, né, realmente ela tem uma função e é capaz realmente de formar mesmo sendo um curso de formação inicial, aí a gente acaba relevando algumas coisas, mas isso acaba sobrecarregando o trabalho do tutor, então assim, eu acho que a dificuldade maior é por ter sido essa nova edição do curso (CLARA, tutora a distância).

[...] então, eu lhes afirmo que a minha formação de tutor foram consolidadas com segurança através das minhas colegas, das trocas inter tutorial, e interessante isso, essa relação inter profissional porque nós estávamos além do curso (BEATRIZ, tutora a distância).

Esta pesquisa busca destacar a necessidade de ampliar e compreender a realidade que se apresenta no núcleo: preparação para o exercício da tutoria, que vislumbrou a diversidade de formações iniciais e de pós-graduações, por meio das falas das tutoras envolvidas nesta pesquisa.

O que se destacou por meio das narrativas das tutoras, em síntese, é que a diversidade de formações e pós-graduações não imprimiram um caráter representativo de impedimento e/ou comprometimento de suas atividades como tutoras.

No entanto, é válido refletir, que esta é apenas uma pequena amostra do universo que se insere o tutor a distância, ou seja, uma pequena parcela de tutores de uma instituição pública. E que esta modalidade, ainda necessita de muitas pesquisas e regulamentações, pois ela se estabeleceu apenas em 1996, ao ser incluída como uma das alternativas de diversificação do sistema de ensino no Art. 80 da Lei n. 9.394, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB/1996, provocando a curiosidade de diversas universidades que, então, passaram a desenvolver projetos de cursos e/ou graduação a distância.

Para Lima (2006), esta modalidade tem transgredido a sua impressão inicial de “aligeiramento” e expansão desenfreada da oferta de vagas na educação superior, denotando-se, hoje, o reconhecimento de que a educação a distância não se resume a uma estratégia de mercantilização e privatização do ensino, e sim, que deve ser reconhecida em termos de sua utilização como política de Estado e em termos das novas questões de ordem institucional e pedagógica que suscita.

Os elementos, até este momento aqui expostos, apontam para a riqueza da relação sentido e significados das falas das tutoras, que discutidos por meio dos

referenciais acadêmicos contribuem para caracterizar o papel do tutor na educação a distância em instituição pública do curso de Pedagogia. Percebe-se, no entanto, que outros indicadores são necessários para compreender e ampliar esta reflexão. Desta maneira, cria-se uma expectativa para o próximo segmento que busca no núcleo: eu tutor, a ampliação da análise desta pesquisa, para que se possa melhor compreender o papel do tutor na educação a distância.

7.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: EU TUTOR

Este núcleo é fundamental porque revela como as tutoras constituem os significados e sentidos que atribuem ao papel que desempenham na educação a distância, por meio de suas experiências e percepções que trazem significações a esse fato.

Para Stotz (2007) o papel da cultura na construção teórica de Vygotsky é a base da explicação sobre o funcionamento mental humano e da mediação semiótica. Para esta autora, a cultura tem a ver com a existência concreta dos homens em processo sociais, é produto da vida social e da atividade social.

Este núcleo, portanto, procura reunir indicadores constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional da construção humana que compreendem, de acordo com Aguiar e Ozella (2006), a subjetividade do sujeito que é dada pelos sentidos, que são o resultado da vivência do sujeito com o significado contextualizado.

Queremos apropriar-nos daquilo que diz respeito ao sujeito, daquilo que representa o novo, que, mesmo quando não colocado explícita ou intencionalmente, é expressão do sujeito, configurado pela unicidade histórica e social do sujeito, revelação das suas possibilidades de criação. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 227).

Então, é por meio da relação dialética entre o aspecto afetivo e simbólico que se constitui a noção de “[...] compreensão do sujeito e, assim, dos sentidos” (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 227), apontando para a complexidade do processo que conduzirá esta investigação.

Não podemos esquecer que o pensamento, sempre emocionado, não pode ser entendido como algo linear, fácil de ser captado; não é algo pronto, acabado. É interessante quando Vigotski afirma que o pensamento muitas vezes termina em fracasso, não se converte em palavras. Com essa afirmação, podemos entender que vivências ocorrem, que um processo está ocorrendo, mas que não se expressa claramente, ou nem é significado claramente, objetivamente, e, assim, podemos concluir que as vivências são muito mais complexas e ricas do que parecem. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 229).

Diante desta constatação, procura-se não fazer uma mera análise da narrativa do(s) sujeitos desta pesquisa, mas leva-se em conta as condições, observações e o olhar do pesquisador que procura refletir por meio de destas narrativas do papel do tutor presencial e a distância desta modalidade de educação a distância.

A tutoria presencial desta instituição compreende os processos pedagógicos, por meio do contato direto com os estudantes, ou seja, o atendimento do aluno é realizado de forma presencial. Além, de que este profissional tem sob sua responsabilidade o dever de contribuir com os estudantes no desenvolvimento de seu conhecimento por meio de orientações, esclarecimentos de suas atividades, e do uso das tecnologias de informação.

A modalidade presencial, que se realiza por contatos presenciais com os alunos, individualmente ou em grupos, visa a elucidar questões referentes às dificuldades de conteúdo e dúvidas quanto à metodologia ou aos aspectos estruturais do curso, tais como provas, trabalhos acadêmicos, etc. (BARBOSA E REZENDE, 2006, p. 476).

Cabe ressaltar, neste sentido, a percepção a que se remete a tutora presencial Maria, que percebe que sua presença é necessária em diferentes momentos do processo de ensino-aprendizagem do aluno: “[...] ajudamos em todas as atividades que o aluno não entendeu, a gente tá disponível no pólo para todas as dúvidas do que o aluno não entendeu. Para Ana Luíza, tutora presencial, o contato direto com o aluno é necessário, “[...] cabe ao tutor presencial receber este aluno, que tem a necessidade de um contato e a gente acaba fazendo esse papel de humanizar mesmo”.

O tutor presencial desenvolve um contato mais direto, contato este necessário para estimular e incentivar os estudantes, “[...] o que eu faço como tutora presencial é estar sempre avaliando o aluno com algumas atividades e isto requer mais da nossa dedicação, por que tem que levar mais material, colocar o aluno a par

das atividades e dos trabalhos” (LÍDIA, tutora presencial). Pode-se perceber também que estas tutoras remetem a uma diferenciação de seus trabalhos, por meio de seu discurso, ressaltando-se uma divisão de atividades e ou maior e menor importância de suas funções, “[...] o tutor a distância é aquela relação de máquina, e de atividades” (ANA LUIZA, tutora presencial).

A fala da tutora Ana Luiza (presencial), revela uma apropriação de (des)valorização da relação mediada pelo tutor a distância. Esta consideração pode estar atrelada à educação presencial e à crença de que a comunicação só se faz “olho no olho,” pela proximidade entre as pessoas.

O problema reside na natureza da comunicação humana. Pensamo-la como um produto do espírito, mas é feita por corpos: movimentos faciais, tons de voz, movimentos corporais, gestos de mão (...) Na Internet, o espírito está presente, mas o corpo está ausente. (J. L. LOCKE, 2000 *apud* GIDDENS, 2004, p. 101).

Apoiando-se nesta perspectiva, percebe-se que a relação mediada pelas ferramentas tecnológicas, ainda tende a ser considerada uma forma de comunicação impessoal e limitada, até mesmo por aqueles que se encontram inseridos no contexto da educação a distância.

A supremacia da comunicação secundária sobre a primária não pode ser analisada, caso se desconsidere a forma como as relações de produção contemporâneas determinam as condições nas quais ocorre tal heteronomia. De acordo com esta premissa, a análise das características dos programas de educação a distância deve se pautar pelo exame dos contextos históricos nos quais tais programas são aplicados. (ZUIN, 2006, p. 942).

No entanto, cabe ressaltar, que esta percepção não é compartilhada pela grande maioria das tutoras desta pesquisa, sejam estas tutoras presenciais e a distância. Pois, para Clara (tutora a distância), esta relação se dá de forma completamente diferente, até mesmo ao questionar que talvez o trabalho do tutor a distância ofereça uma maior possibilidade ao aluno de comunicação, troca e desenvolvimento, “[...] há um crescimento do aluno ao longo do tempo com essas orientações e é uma orientação muito individualizada porque a gente faz o atendimento individualizado” “[...] se fôssemos comparar com o presencial, esse acompanhamento individual direto é muito importante e que, muitas vezes, no presencial não acontece”.

Então, este não é um ponto pacífico, mas vale refletir, que não se pode mais voltar no tempo, pois as inúmeras possibilidades e potencialidades das ferramentas tecnológicas de comunicação proporcionam a sociedade e a educação, um novo tempo, um novo espaço.

[...] um novo conceito que não se assente numa dicotomia rígida entre os processos de educação presencial daqueles da legítima Educação à Distância, pois as possibilidades cada vez mais intensas de conectividade e de interação propiciadas pela *Internet* e pelo desenvolvimento das telecomunicações em geral, tornam a noção de presença e distância bastante discutíveis. (MARTINS, 2007, p. 07).

Cabe destacar, neste momento, o trabalho dos tutores a distância, sendo que ao tutor a distância atribui-se o papel de contribuir junto aos processos pedagógicos dos estudantes, com o apoio e o esclarecimento de dúvidas por meio de aportes tecnológicos e alguns poucos encontros presenciais que ocorrem nesta instituição pública. No entanto, as diferenças pungentes entre dois modelos de tutoria se evidenciam diante da constatação de que nesta instituição pública os tutores a distância avaliam as atividades e o desenvolvimento dos alunos desta modalidade, cabendo ao tutor presencial apenas o acompanhamento e a orientação das atividades e do desenvolvimento destes alunos.

Este profissional, na grande maioria das vezes, interage com seus alunos por meio de encontros virtuais, além de participar ativamente dos processos avaliativos de ensino-aprendizagem. Para a tutora a distância Amanda, apesar de a comunicação ser virtual, o vínculo entre tutor-aluno se estabelece, “[...] mesmo sendo à distância, quando estamos juntos, assim, existe uma proximidade porque semanalmente nós estamos interagindo, né, são os contatos, as mensagens e o skype”. A visão de Clara de tutora a distância é a de que seu trabalho se encontra bastante centrado na plataforma moodle, “[...] o trabalho de tutor à distância, no curso de Pedagogia EAD, ele tá bem centrado no uso da plataforma”.

Na verdade, na base de muitas das resistências à educação online estavam, e estão, muitos mal-entendidos quanto à natureza da comunicação mediada por computador. Esta percepção tem vindo aos poucos a alterar-se; dado que quer a investigação, quer a prática corrente de intensas trocas sociais através da internet que mostram que a comunicação mediada por computador pode promover comportamentos de proximidade e afiliação, relacionamentos interpessoais positivos e relações sociais intensas que podem constituir um solo fértil para ambientes educacionais muito ricos. (MENDES; MORGADO; AMANTE, 2010, p. 20).

Ao buscar o indicador “função” compreende-se, neste sentido, que este possa acrescentar considerações relevantes para a caracterização do núcleo: “Eu Tutor”.

Maria Helena, Lídia e Beatriz aparentam certa ansiedade ao descrever suas funções como tutoras, “[...] eu não me vejo ser professor, ser tutor, separado, digamos só com o olhar pedagógico” (BEATRIZ), pois segundo elas a dinâmica da tutoria se confunde com as funções de um professor, de um cuidador, incentivador e/ ou talvez auxiliar de turma. Para Maria, tutora presencial, o tutor é, basicamente, uma pessoa “[...] ativa, dinâmica, que pensa pra frente, que deve ter uma visão totalmente aberta e que também passe aquela segurança para os alunos”. Ou seja, ela percebe o tutor como um incentivador do aluno, aquele que mobiliza intenções para despertar neste aluno a motivação que se encontra nele próprio.

[...] eu não tinha a mínima ideia do que era ser tutor, né? Eu sabia que acompanhava os alunos e tal, mas como se desenvolvia na verdade esse trabalho com os alunos eu não tinha a mínima ideia, né? Eu fiz o curso oferecido aqui pela universidade pra tutores, mas é uma coisa muito teórica, digamos assim, a prática você aprende no dia-a-dia e, assim, eu percebo que esse trabalho que nós fazemos com os alunos é diferente do trabalho do ser professor, de você estar lá pra você transmitir aquele conhecimento, do ensinar porque não é só isso, não é só a questão “ah, eu tenho dúvida em tal conteúdo” e você vai tentar sanar essa dúvida do aluno, não é só isso. É um trabalho, principalmente eu que sou tutora presencial, que tenho esse contato mais direto com os alunos todas as semanas porque nós nos vemos todos os finais de semana, fora durante a semana que alguns ligam, ou mandam mensagem ou vão ao pólo, muito raro os meus alunos irem ao pólo, mas eles vão quando precisam, eles sentem no tutor um apoio e eu tento fazer o máximo possível pra estar ali pra dar este apoio, mesmo aqueles que vão bem, que não precisam tanto de você, eles gostam de sentir que tem alguém ali “se eu precisar o tutor tá aqui pra me ajudar”. Então, eu, assim, faço o máximo possível pra mostrar pra eles que eu estou à disposição, que o meu papel é esse, seja o de auxiliar, seja o de elogiar, seja o de dar uns puxões de orelha quando é necessário pra que eles sintam que eles não estão sozinhos porque eles não têm um professor na sala de aula, né? Eles têm a mim, que estou ali com eles mais diretamente (MARIA HELENA, tutora presencial).

[...] como disse, a gente tem que ajudar eles bastante, eles estudam e nós também... mas eu acredito que na medida que o curso vai chegando ao fim e eles percebem que não estaremos mais lá, eles aos poucos vão se soltando da gente (LÍDIA, tutora presencial).

Litwin (2001) destaca que todo bom tutor também é um bom professor, e vice-versa e destaca que não há como separar estas funções, “[...] guiar, orientar, apoiar’ devem se referir à promoção de uma compreensão profunda, e estes atos são responsabilidade tanto do docente no ambiente presencial como do tutor na

modalidade a distância” (LITWIN, 2001, p.99). No entanto, Preti (2010) destaca que a função do tutor, não é a de professor, mas de um profissional diferenciado que atua como suporte à aprendizagem dos alunos.

[...] o tutor não é visto com a função de um professor. Seu papel consiste, sobretudo, em entrar em comunicação com cada estudante, individualmente, e agir como guia, como suporte à aprendizagem dos estudantes, atuando no campo cognitivo, metacognitivo, social, motivacional e afetivo. (PRETI, 2010, p. 05).

Como se pode verificar em seu depoimento, Maria Helena (tutora presencial), aponta para uma multi-função do papel do tutor na educação a distância, que difere do papel de professor presencial: “[...]eu percebo que esse trabalho que nós fazemos com os alunos é diferente do trabalho do ser professor. Revelando a dificuldade em descrever o “real” papel do tutor, pois os referenciais de seu(s) discurso(s) demonstram a carência da definição desta função, seja por parte dos órgãos públicos responsáveis, seja pelas próprias instituições que não delimitam corretamente a função do tutor, deixando ao cargo do próprio tutor estabelecer qual o seu papel na educação a distância.

A consideração de “ser tutor” para Luciana (tutora a distância), revela um outro ponto de vista, o de que o tutor não é um professor, “[...] o tutor, hoje, ele é um mediador desse conhecimento, então, ele vai trabalhar basicamente junto com o professor da disciplina, mas tendo funções diferentes da do professor da disciplina”.

Cabe considerar que as tutoras desta investigação não são ingênuas em relação à falta de parâmetros e definições de sua função. No entanto necessitam se submeter a estas condições, muitos por necessidade e outros tantas por acreditarem no pragmatismo da educação a distância.

Destaca-se assim, que o tutor como qualquer outro sujeito da sociedade precisa sobreviver e ingressar no mercado de trabalho, e acaba por se submeter aos “conflitos”¹⁵ e a “imposição” do outro “[...] educar por meios formais e convencionais, satisfazendo as múltiplas demandas da sociedade parece ser hoje praticamente inviável”, “[...] é comprometer as possibilidades de atualização profissional e de progresso social da maioria”. (MARTINS, 2007, p. 86).

¹⁵ O conflito para Vygotsky (2001) se insere como uma ajuda ao sujeito no sentido de refletir sobre suas ações e as situações em que se encontra. “Assim, o conflito não está ligado a um confronto de concepções, mas sim, na maior parte das vezes, a oposições ligadas às próprias ações e operações (Garnier et al, 2003, p. 23).”

Avançando na compreensão deste núcleo, percebe-se que os indicadores “rotina” e “reconhecimento profissional” estão intrinsecamente unidos ao indicador “função”, como se pode perceber na fala da tutora Luana (presencial), que expressa sua condição de tutora por meio das necessidades, impulsos, interesses e emoções que se configuram sentidos particulares. Verifica-se no indicador “função” do tutor uma carga emocional carregada de contradições e/ ou suposições por parte das tutoras desta pesquisa.

Neste contexto Luana (tutora presencial) descreve que para ela ser tutor é ser o orientador, o mediador do conhecimento, pois cabe a este aluno o papel de principal desta modalidade, na medida em que a intervenção educativa deve levar o aluno a uma nova leitura da realidade. Há aqui a consideração de Vygotsky (1994) que destaca a educação como instrumento que objetiva a auto-regulação, a qual implica no desenvolvimento da consciência. Sendo que este processo de auto-regulação só é possível por meio do processo de internalização, que seria a passagem do social para o individual, por meio da regulação pelos outros. Este processo de internalização promove a negociação com a cultura e concebe a criação de um sentido por meio de significados. Como já foi dito, para Vygotsky (1994), o sentido é individual e resultado da atividade do sujeito com o significado.

Em um segundo momento, a tutora presencial Luana expressa sua subjetividade em relação à falta de reconhecimento de seu papel como tutora, na medida em que destaca juízos de desilusão e tristeza por esta falta de reconhecimento de seu trabalho.

[...] ser tutor pra mim é aquele, aquela pessoa que o aluno tem contato, né, pra resolver os seus problemas, digamos assim, porque, queira ou não, na educação à distância o aluno ele é muito [...] agora que eu tô há seis meses, agora que eu to, assim, mais sabendo, assim, qual é minha função mesmo [...] eu acho assim muito triste ser uma bolsa, né, que vem do MEC, eu acredito assim que teria que ter mesmo a função, a profissão, não sei se ainda existe isso, né, a profissão do tutor, mas, assim, que fosse uma coisa mais fundamentada assim, ter direitos porque, queira ou não, você tá trabalhando com uma instituição, né, pública ou particular, né, uma responsabilidade você tá ali. (LUANA, tutora presencial).

Já a tutora a distância Camila, faz referência a enorme quantidade de trabalho do tutor (horas necessárias para a organização e o apoio aos estudantes) e relaciona este fato à quantia aviltante que recebe de “salário”, que na verdade são

bolsas¹⁶ que denotam nenhum vínculo empregatício e a completa “desvalia” deste profissional, “[...] eu faço meu trabalho porque eu gosto, ganho só R\$750,00, sei lá, acho que é isso, pra trabalhar de madrugada, o dia inteiro às vezes, corrigir atividades, porque tenho que corrigir atividade, ler a atividade do aluno, ler a atividade de 60 alunos”. (CAMILA, tutora a distância).

[...] nós tutores não temos nenhum reconhecimento do MEC nesse sentido, mas o tutor deste curso de Pedagogia da X é um professor que responde aos alunos a todas as suas dificuldades o tempo todo e em tempo real, ele pergunta você responde, ele faz atividade você responde, como? Corrigindo, corrigindo, corrigindo[...] o papel do tutor é totalmente fundamental para o aluno crescer no decorrer do curso, é como um professor mesmo, pelo menos pra mim. Os alunos me vêem na rua “oi professora!” eles nunca me chamam de tutora [...] o MEC acha que o tutor, vou usar aquele termo que eu já usei em conversa com você, é o lixo da EaD, ou seja, ele não tem nenhum tipo de reconhecimento. Se o tutor fosse um desmotivado que dependesse de feedback pra trabalhar, não teria nenhum aluno saído pedagogo desse curso porque não tem reconhecimento, não existe, eles não sabem... Eles sabem que existe um tutor que eles acham que o tutor não faz nada, que olha só pra ver se o aluno fez a tarefa, nem sabe se olha, ele não sabe como funciona aqui a nossa relação de tutor com o aluno, ele só sabe que ele tem porque além de nós eles têm n cursos de tutoria que a OAB dirige e hoje passou o pagamento pro MEC, pelo menos isso porque a gente fez, eu encabecei isso, a gente fez muitas cartas direcionadas ao FNDE, ao coordenador disso, ao coordenador de tutoria do MEC não sei o que, mostrando pra eles que nós somos profissionais, nós somos pessoas sérias, nós temos alunos na nossa mão que dependem da gente e que o curso EaD não vai pra lugar nenhum se não tiver o papel do tutor. A gente cansou de mandar esse tipo de carta, o efeito que fez não interessa contanto que hoje o pagamento não é mais atrasado, o MEC assumiu isso, talvez, pelo número de reclamações, não sei quem mais reclamou ou não, mas assim, eu particularmente não dependendo de que me dêem feedback ou me reconheçam pelo meu trabalho. (CAMILA, tutora a distância).

Beatriz (tutora a distância), ao se expressar sobre a sua função, rotina e reconhecimento profissional, evidencia um emaranhado de emoções, considerando o tutor como peça indispensável para a qualidade e formação dos alunos da modalidade a distância e, mesmo assim, não recebendo o devido reconhecimento de seu trabalho.

¹⁶ O valor da bolsa pago pela CAPES para os tutores é de R\$765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais) ; para os professores conteudistas, pesquisadores e revisores o valor da bolsa é de R\$ 1.300,00 (um mil e trezentos reais).

[...] uma das maiores dificuldades que eu percebo é a dificuldade de reconhecimento do trabalho e da importância desse trabalho de tutor porque nós não somos somente tutores, nós ocupamos talvez uma bolsa de tutoria, mas nós somos profissionais altamente qualificados a maioria dos profissionais, dos tutores que nós temos aqui no mínimo têm mestrado e no mínimo têm uma experiência no campo pedagógico a maioria dos meus colegas, pelo menos nos terceiros anos, que é o que eu posso falar, estamos num nivelamento muito elevado. Claro que isso reflete na qualidade dessa formação desse aluno, mas o que falta por parte da instituição UAB e desta instituição, é o reconhecimento desse papel e da importância desses sujeitos, desses atores que fazem esse processo de tutoria. Nós até nos reconhecemos assim como uma peça fundamental porque não adianta o professor dar aula se ele não tem o processo do acompanhamento. Infelizmente é transferido de forma até equivocada esse trabalho do professor pro tutor, entra até numa questão ética. (BEATRIZ, tutora a distância).

A tutora Clara (a distância) associa-se a este sentimento, ao destacar que não é reconhecida pelo trabalho que presta na instituição, “[...] não somos reconhecidos, a gente percebe dentro da própria universidade, professores que não reconhecem o valor e o significado da tutoria para um curso à distância. Então, às vezes, a gente percebe isso em alguns comentários, em alguns ambientes, conversas de professores”.

Todas as tutoras, mesmo as que não revelaram explicitamente seu “descontentamento” pela falta de reconhecimento e de parâmetros de seu papel na educação a distância, acreditam na necessidade de ações efetivas para mudar este quadro e para que o seu trabalho seja compreendido e respeitado no sistema educacional.

Toda compreensão representa a confrontação de um texto com outros textos [...]. Um texto vive unicamente se está em contato com outro texto. Unicamente no ponto deste contato é que surge uma luz que ilumina atrás e adiante e que insere o texto dado no diálogo. (BAKHTIN, 1985, p. 384).

O papel do tutor, portanto, de acordo com o significado construído por estas tutoras, revela a o aspecto que o tutor desenvolve e contribui nas diferentes frentes do processo de aprendizagem da educação a distância, tais como a pedagógica, a tecnológica, a cognitiva e a avaliativa. Destaca-se, ainda, que este tutor, aqui investigado, possui formação superior, em nível *lacto-sensu e stricto-sensu* e não é reconhecido pelo seu trabalho em prol da construção de nossa sociedade.

Para Martins (2010), Preti (2010), Sá (2007), a educação brasileira não tem mais como se afastar das novas perspectivas que se imprimem com as possibilidades da modalidade a distância. Modalidade esta que se insere como

importante meio para reduzir espaços e distâncias, por meio da utilização de inúmeros recursos didáticos e tecnológicos que permitem o acesso a educação, a milhões de pessoas, antes excluídas do processo educacional. Sendo que esta responsabilidade de conduzir as atividades de ensino-aprendizagem, se realizam na educação a distância por meio do tutor. Protagonista este que permite uma relação interativa de troca de saberes e de diálogo, que tem por meta a mediação da aprendizagem e que deve ser tratado e reconhecido como profissional da educação.

Para além desta visão, cabe considerar que os referenciais de qualidade para educação superior a distância (BRASIL, 2007) apresentam algumas definições generalizantes a este respeito, e a UAB (BRASIL, 2006) trata o tutor, não como profissional da educação, mas apenas como um bolsista, e a universidade pública apenas acolhe toda esta generalização e descaso no que se refere a esta profissionalização.

O tutor deve ser compreendido como um dos sujeitos que participa ativamente da prática pedagógica. Suas atividades desenvolvidas a distância e/ou presencialmente devem contribuir para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem e para o acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico. (BRASIL, 2006, p. 21).

Tutor é o profissional selecionado pela IPES vinculada ao Sistema UAB para o exercício das atividades descritas a seguir. No entanto, cabe às instituições de ensino determinar, nos processos seletivos de tutores, as atividades a serem desenvolvidas para a execução dos Projetos Pedagógicos, de acordo com as especificidades das áreas e dos cursos. (BRASIL, 2007).

Sem dúvida, são inúmeros os fatores que estão envolvidos na construção deste núcleo e das posições aqui expressas: a falta de referenciais consistentes sobre a função do tutor, sua rotina de trabalho e seu reconhecimento profissional, a julgar pela análise do(s) discurso(s) e observação referentes a(s) tutora(s) entrevistada(s) que destacaram o seu descontentamento e a banalização de seus serviços.

Para autores como Preti (2010), Martins (2010), Litwin (2001) e Bernal (2008), o papel do tutor é fundamental como garantia da inter-relação personalizada e contínua do aluno na educação a distância, pois viabiliza a articulação necessária entre os elementos do processo e execução dos objetivos propostos desta modalidade.

As políticas atuais de EAD sob influência das novas tecnologias de informação no âmbito das redes estão exigindo mudanças radicais na formação de profissionais, especialistas e de tutores em novas formas de gestão, de organização, estrutura e funcionamento do espaço e tempo das referidas instituições de ensino superior. (MARTINS, 2007, p. 10).

O tutor é, portanto, uma das engrenagens deste mecanismo educacional que deve ser compreendido e reconhecido como uma das peças fundamentais que significam e caracterizam a modalidade à distância. Desta maneira busca-se no indicador “reconhecimento profissional” elementos que possam contribuir para organizar este núcleo.

Assim, esse conjunto de reflexões, das narrativas das tutoras investigadas nesta pesquisa, procura compreender por meio da análise dos sentidos e significados a partir da perspectiva de Aguiar e Ozella, as tensões e impasses que não aparecem devidamente assinaladas e/ou debatidas, seja na literatura acadêmico-científica, nos documentos oficiais da UAB, de responsabilidade do MEC e/ou da própria universidade em que estas tutoras realizam o seu trabalho.

Assim, falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a História, sendo, ao mesmo tempo, único, singular e histórico. Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela - em todas as suas expressões -, a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos. Indivíduo e sociedade vivem uma relação na qual se incluem e se excluem ao mesmo tempo. (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 224).

O conjunto de sentidos e significados encontrado nas falas das tutoras destaca essas consideram o fato da educação a distância ser uma forma nova e inovadora de educação, mas também alertam sobre as dificuldades, a falta de qualificação e de reconhecimento necessário para exercer suas atividades.

O percurso desta análise revela múltiplos indicadores que estão relacionados entre si. Considera-se que esta análise não se encerra aqui, mas que suscita maiores discussões, e aponta que, devido à amplitude do contexto social, político e econômico nas quais se inserem, são difíceis de serem explicadas.

No Brasil, as políticas sociais, econômicas e educacionais continuam se delineando de acordo com as propostas do mercado mundial. “É preciso fazer os ajustes necessários para que o país se desenvolva em sintonia com as outras nações!”, este é o tom dos discursos do governo. Modernização na educação (assim como na indústria), diversificação, produtividade, eficácia e competência, são as palavras de ordem. De certo modo, esta mentalidade tende a se cristalizar, o que representa um grande perigo para o campo educacional: ao se regular segundo a lógica da competição, não estaria a escola esvaziando seu sentido, ou contradizendo seu papel? (ANDRIOLLI e SANTOS, 2005, p. 04).

É preciso destacar que a educação em nosso país, frente às nossas políticas educacionais, tem sido tratada por meio de um discurso de banalização e descaso, em que o seu real compromisso, que é o de preparar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, fica a margem de vontades políticas. A questão que se coloca, portanto, para o sistema de educação, remete a falta de compromisso e de responsabilidade social perante seus cidadãos.

Nesse momento de tantas transformações no mundo, o que se percebe, não é um compromisso com o desenvolvimento consciente deste sujeito, mas a necessidade imperativa de formar mão de obra que se insira nos processos produtivos do capitalismo. Se em tese, é esta realidade que emerge das políticas públicas e educacionais, cabe nesse momento buscar elementos que por ventura possam diminuir este abismo que se realiza entre as necessidades educacionais da população e a elite política.

É preciso romper este círculo vicioso, e propor ações que permitam construir uma educação projetada em posturas que valorizem a formação de indivíduos qualificados e conscientes de seu papel na sociedade: “[...] assim, a singularidade de cada indivíduo não resulta de fatores isolados, mas da multiplicidade de influências que recaem sobre o sujeito no curso do seu desenvolvimento”. (REGO, 2002, p. 50).

Estes são alguns dos compromissos que se refletem no próximo segmento que irá investigar o papel do tutor, por meio da relação tutor-aluno. Núcleo este que compreende a articulação de novos indicadores que irão se unir a estes, para traçar o objetivo desta pesquisa, que é o de caracterizar o papel do tutor na educação a distância em instituição pública.

7.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: A RELAÇÃO TUTOR-ALUNO

A educação da sociedade moderna passa por uma crise cultural. De acordo com Martins (2007, p. 86), “[...] não é possível pensar a educação como mero repasse de conhecimentos depositados numa tradição cultural”. Busca-se hoje, novas formas de educação, que compartilhem responsabilidades solidárias na construção do conhecimento e do desenvolvimento humano.

Para Moll (1996); Oiveira (1997); Van der Veer; Valsiner (1999), a perspectiva de Vygotsky possibilita a compreensão do processo de apropriação do conhecimento que se realiza nas relações do sujeito com o mundo, por meio das interações sociais e dos processos deliberados da instrução escolar. O sujeito é, em essência, social em sua origem.

A partir destas considerações destaca-se o núcleo: a relação tutor-aluno, que revela como as tutoras constituem os significados e os sentidos que atribuem aos processos pedagógicos que determinam a sua prática. Neste núcleo estão reunidos três indicadores: as ações pedagógicas, a autorregulação do aluno e a mediação. Estes núcleos se encontram entrelaçados, e quase impossibilitam a intenção de deslembrá-los, na medida em que um complementa o outro.

As ações pedagógicas se referem ao processo de aprendizagem, na qual o tutor acompanha, orienta e ajuda o seu aluno. Este processo, portanto, se realiza por meio de vínculos de proximidade, sem abandono do profissionalismo, de maneira a quebrar as barreiras da distância, incentivando, encorajando e construindo vínculos afetivos com o estudante.

O vínculo afetivo, para Oliveira (1997), estabelece relações necessárias para que alunos e tutores percebam que ambos têm algo a oferecer, destacando-se, nesta perspectiva, que a aprendizagem se realiza por intermédio das interações¹⁷ que são realizadas.

Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional nesse alunado. (VYGOTSKY, 2001, p. 143).

¹⁷ Para Vygotsky o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações interpessoais, de troca com o meio, e de relações intrapessoais.

Esta condição revela uma incógnita na possibilidade de uma educação “a distância”, no entanto pondera-se esta limitação contextual, pois o conhecimento é construído por meio da vivência, e esta não se restringe apenas ao contato físico. Para Vygotsky (1998), a interação que se estabelece entre as partes envolvidas contempla todos os atos comunicativos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, que afetam as relações e, conseqüentemente, os processos de aprendizagem.

Desta maneira é importante que o tutor perceba o seu aluno como um ser intelectual e afetivo, que pensa, elabora e constrói conhecimento, não se restringindo apenas à dimensão cognitiva do processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, destaca-se o sentido que as tutoras remetem às suas ações pedagógicas: “[...] é preciso motivar o aluno, dizer parabéns para ele. Eles precisam disso, acho que isso é normal de toda pessoa, né” (MARIA, tutora presencial). Esta postura da tutora Maria, revela a dimensão emocional que estabelece vínculos e se realiza por meio da motivação que o tutor procura despertar no aluno. Pois, a motivação não está no tutor, o papel do tutor, neste sentido, é o de “mobilizador” da motivação que se encontra no próprio aluno.

A tutora a distância Luciana, reflete que a tutoria se realiza por meio das trocas e interações aluno-tutor, o sentido que ela destaca desta relação tutor-aluno, é o de construção do conhecimento “[...] é na interação com os outros que a gente vai construir esses conhecimentos”. Para Maria Luiza, tutora presencial, o tutor, “[...] auxilia os alunos nas atividades, tem os encontros no pólo em que os alunos acabam mostrando os projetos, nos contando”... “faz aquela participação toda, uma interação”. Depreende-se desta consideração que, para Maria Luiza, sua relação pedagógica deve revestir-se de “sensibilidade”, a mediação do conhecimento deve estar pautada na orientação e nas relações de afetividade.

Eduarda (tutora a distância) também considera que a afetividade interfere nos processos de aprendizagem e desenvolvimento deste aluno: “[...] ter sensibilidade, perceber quando o aluno é capaz de agir sozinho ou não, perceber até que ponto vai a autorregulação do aluno”.

Então, por meio da fala(s) da(s) tutora(s) concebe-se que o significado da ação pedagógica para essas tutoras se encontra pautado em atividades que buscam promover a interação, a orientação e o auxílio aos estudantes nos processos de

ensino-aprendizagem. Pois, na modalidade de educação a distância, observa-se que a atividade do estudante é muito mais exigida que no ensino tradicional.

Neste modelo, portanto, o tutor que concebe sua ação pedagógica, por meio de uma perspectiva histórico-cultural, irá reconhecer o aluno como um ser pensante, e com capacidade de superar as suas limitações. Sendo que neste sentido o papel do tutor nesta relação será o de mediador do conhecimento. Para Vygotsky (1994), é por meio da mediação de outro mais adiantado, que o sujeito constrói o conhecimento, que sozinho ele não seria capaz de alcançar, mas que por meio de orientação é capaz de alcançar.

Esta condição de avanço no desenvolvimento por meio da aprendizagem remete ao conceito de ZDP (zona de desenvolvimento proximal), que de acordo com Vygotsky (1994), é a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de uma pessoa mais experiente.

Desta maneira compreende-se que o papel do tutor na educação a distância constitui-se em um conjunto de vivências contextualizadas, como apoiar os alunos nas diferentes atividades, orientar, refletir sobre as ações pedagógicas, dialogar, estabelecer vínculos que permitam a construção do conhecimento e da autorregulação do estudante.

[...] ser tutor pra mim é um conjunto de atribuições, é uma somatória de toda a tua experiência, de todas as tuas vivências e teu histórico e que eu beneficio a instituição, na verdade, eu empresto a minha formação, toda essa minha carga pra instituição dizer que tem um tutor... Ser tutor é além da prática de tutoria. (BEATRIZ, a distância).

[...] eu acho que tutor é um mediador, ele é o que media, leva o conhecimento que esclarece que está ali para apoiar. De repente a gente vê que tem alunos que requerem uma explicação um acompanhamento, até mesmo um estímulo. Que vc seja participativo, ativo. O que eu faço como tutora presencial é estar sempre avaliando ao aluno com algumas atividades e isto requer mais da nossa dedicação, por que tem que levar mais material, colocar o aluno a par das atividades e dos trabalhos. (LÍDIA, tutora presencial).

[...] a tutoria pra mim, ela é assim, ela é mais que uma mediação, eu acho que é estar junto, né, é você medir a todo trabalho que o aluno faz, as atividades, faz os links, os contatos com os professores, com os orientadores, com nós que estamos no último ano que é de TCC, então, é estar presente, assim, é acompanhá-los, é estabelecer vínculo e a gente tem uma turma, assim, muito participativa, muito inteligente, então nós temos um bom contato. Então, a tutoria, ela tem sido, assim, um grande aprendizado. (AMANDA, tutora a distância).

Os elementos até este momento elencados, agregam considerações que destacam os indicadores: autorregulação e mediação. Indicadores estes que se fazem presentes nas ações pedagógicas destes tutores.

A autorregulação, na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1998), é entendida como o resultado de um processo de internalização que envolve a negociação do sujeito com as regulações presentes no contexto sócio-histórico. Implica em consciência, criatividade e emoção, portanto, vivência. É um processo intrapsicológico que tem sua origem em processos interpsicológicos.

Esta prerrogativa denota que o papel do tutor na relação tutor-aluno, se estabelece por meio das relações de respeito mútuo entre aluno-tutor e que respeitem e possibilitem a construção de vínculos e de novos valores intelectuais, a partir de discussões e de ações que consideram a opinião e a capacidade deste aluno. Na verdade, o desenvolvimento da autorregulação é um dos pressupostos desejáveis na modalidade a distância, pois como já foi observado, o aluno nesta modalidade é muito mais exigido que no ensino presencial.

Para dar conta deste compromisso, o tutor deve substituir a postura tradicional de ensino, que remete muito mais à cópia, à repetição de um saber que se encontra pronto e acabado, e do qual o aluno é mero espectador. Deve substituí-la por uma postura de reciprocidade e de orientação, em que o próprio aluno constrói o seu saber, a sua autorregulação, a partir das relações interpessoais. E isto tudo por meio da apropriação das ferramentas tecnológicas desta modalidade, que enriquecem o processo de ensino-aprendizagem.

Em síntese, nessa abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. (REGO, 2009, p. 98).

Diante destes elementos, faz-se necessário perceber o quanto se concebe por meio dos discursos destas tutoras as relações de autorregulação e de mediação do conhecimento. A tutora presencial Luana, por meio de seu discurso reflete que o seu papel busca nos processos de mediação a possibilidade da aprendizagem e da construção do conhecimento, na medida em que ela procura orientar e acompanhar o desenvolvimento intelectual de seus alunos: “[...] percebo isso através das leituras dos trabalhos, mas até nas conversas informal e formal na sala” “[...] e nos trabalhos, então, você vai vendo, né, que eles vão se desenvolvendo” “[...] esse

mediar que eu acredito que é o mais importante”. Eduarda (tutora a distância) compreende sua relação tutor-aluno como a de um orientador que deve ter sensibilidade para compreender e permitir aos alunos desta modalidade o desenvolvimento crescente de seus conhecimentos, por meio das relações que se estabelecem entre tutor-aluno: “[...] a gente tem que ter sensibilidade, pra saber quando eles estão errando porque não sabem fazer e quando eles não souberam o que fazer, como fazer”. Para Maria (tutora presencial), a relação tutor-aluno permite a construção da autonomia do aluno, a partir do envolvimento e da percepção que este tutor tem de seu aluno: “[...] eu acho, assim... que eles precisam do tutor para aprender... quando os trabalhos são postados, eles falam com a gente, tem muitas dúvidas... mas aos poucos eles vão aprendendo e precisando menos da gente”.

As reflexões acima remetem a exemplificar os diferentes indicadores que foram propostos neste segmento. Indicadores estes que revelam as ações pedagógicas, a mediação e a autorregulação como partes que constituem o papel do tutor na modalidade a distância. Esta perspectiva que percebe o tutor como o mediador do conhecimento e que procura contribuir para a autonomia do aluno por meio de suas ações pedagógicas, está presente na maioria dos discursos das tutoras desta instituição.

[...] vê as potencialidades, acompanha o processo de construção daquele aluno, as fragilidades, as dificuldades que este aluno te demanda e você é a ponte de fazer melhor esse aluno processar aquelas informações que se julga necessárias ele ter pra que ele construa a sua própria formação sem desmerecer todo o conhecimento dele, e a história dele [...] quer dizer que essa consolidação desse conteúdo vai depender da qualidade desse tutor, das condições que esse tutor tem de dar as respostas necessárias pra que se consolide de fato o processo e a formação pedagógica, a construção e o desenvolvimento desse aluno [...] eu me coloco como instrumento para que ele construa o seu processo de desenvolvimento, apenas intervindo naquilo que ele não pode intervir. (BEATRIZ, tutora a distância).

[...] a partir do momento em que nós passamos a realizar o contato com este aluno e ele não compreende... e então nós mostramos um outro ponto de vista... e daí ele começa a entender e fazer sozinho o seu trabalho, pra mim esta é a nossa contribuição... que permite a autonomia deste aluno. (MARIA LUÍZA, tutora presencial).

[...] a gente vai orientando de como fazer, né, vai chegar o momento em que ele vai ter que caminhar com as próprias pernas, né, no sentido de ele estar buscando, né, então a gente dá a orientação de como fazer, né, pra que ele possa fazer isso sem ajuda só que a gente também não pode ficar enganado que isso é automático, que isso acontece com facilidade que na verdade é todo um processo, assim como no presencial [...] é ser um mediador, mas também é uma mediação que não é uma mediação simples. (CLARA, A DISTÂNCIA).

Os discursos apresentados refletem as percepções das tutoras a respeito do papel que exercem na modalidade a distância. Papel este que está intrinsecamente ligado à concepção histórico-cultural de Vygotsky, que reconhece o tutor como um mediador do conhecimento, ou seja, aquele que orienta e organiza o trabalho pedagógico para atender da melhor maneira possível às exigências do acesso ao conhecimento deste aluno da educação a distância. Busca-se, assim, por meio da relação tutor-aluno o envolvimento e o fortalecimento de ações compartilhadas que permitam o acesso crítico e reflexivo ao saber elaborado.

A rigor, do ponto de vista científico, não se pode educar a outrem [diretamente]. Não é possível exercer uma influência direta e produzir mudanças em um organismo alheio, só é possível educar a si mesmo, isto é, modificar as reações inatas através da própria experiência. (VYGOTSKY, 2003, p. 75).

A análise deste núcleo: a relação tutor-aluno procurou caracterizar e compreender as múltiplas-funções do tutor no ambiente da educação a distância em instituição pública. Admite-se, assim, por meio das narrativas das tutoras presenciais e a distância, que o tutor pode ser considerado um mediador do conhecimento à medida que é vulnerável à alteridade de seu aluno. Pois, o desenvolvimento do aluno depende de uma ação conjunta tutor-aluno, que é resultado de algo que acontece no espaço desta relação e que possibilita a construção de um conhecimento que cresce de modo compartilhado.

Atenção, no entanto! Não está se propondo um modelo de tutor, ou uma relação ideal de tutoria, mas uma outra forma de percepção do papel do tutor na EaD, sob a ótica dos próprios envolvidos nesta dinâmica educacional, por meio, ainda, de uma perspectiva que pretende superar os reducionismos idealistas e mecanicistas no entendimento da aprendizagem e desenvolvimento humano e que considera o ser humano como ativo e resultado de suas interações em um contexto que é social e cultural por excelência.

As considerações que até aqui estiveram relacionadas, procuraram compreender a relação tutor-aluno, por meio do discurso das tutoras e dos indicadores: ação pedagógica, mediação e autorregulação. Colocadas estas considerações, compreende-se que o papel do tutor nesta relação se revelou como “professor”, “orientador” e “mediador”, que promove a construção do pensamento crítico a partir do estabelecimento de vínculos afetivos, que permite ao aluno a apropriação de conhecimentos mais complexos e a ampliação de sua capacidade de autorregulação como sujeito pensante e capaz de “agir” sobre a sua própria realidade.

8 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PERCURSO REALIZADO

É importante que nos empenhemos em aprofundar a nossa consciência de que a atividade educacional é uma atividade política da mais alta importância pois estamos fazendo uma nova proposta da sociedade.
Neidson Rodrigues

O papel do tutor na educação a distância ocupa cada vez mais uma posição de destaque no cenário educacional, em face da grande expansão no ensino superior a distância no Brasil nos últimos anos. As especificidades apresentadas nesta modalidade e nesta pesquisa, apontam para a demanda de um profissional que realiza uma série de novas aprendizagens e atividades, para muitas das quais ele não foi preparado, trazendo consigo novos desafios, desde a sua formação inicial até as condições nas quais desenvolve as suas atividades tutoriais.

Esta pesquisa busca, portanto, contribuir para a reflexão sobre o papel do tutor na educação a distância em instituição pública. Pois, compreende-se que não existem medidas efetivas e/ou regulamentadas em lei, que definam o papel do tutor e/ ou reconheçam efetivamente a sua importância como profissional da educação a distância.

Busca-se, neste sentido, compreender o papel do tutor por meio da identificação de núcleos de significação (Aguilar e Ozella, 2006), constituídos por intermédio de observações e de entrevistas com doze tutoras de uma instituição pública de ensino superior do curso de Pedagogia a distância. Por meio das falas destas tutoras procurou-se estabelecer os significados e sentidos. Estes elementos, agregados a referenciais científicos, à observação desta tutora e à escolha metodológica de um estudo qualitativo, procuraram constituir-se em elementos significativos para a ampliação da discussão sobre o tema.

O problema da presente pesquisa refere-se ao papel do tutor na educação a distância em instituição pública, acerca da perspectiva que o tutor detém sobre o seu trabalho pedagógico, sua atividade, formação e reconhecimento profissional na universidade pública de educação a distância e à luz da perspectiva histórico-cultural.

Por meio da identificação de três núcleos de significação, buscou-se articular os objetivos do estudo e a análise do discurso das tutoras. Desse modo, cada núcleo articula-se a um ou mais objetivos do estudo, assim como cada objetivo pode estar imbricado em mais de um núcleo de significação.

Os núcleos: preparação para o exercício da tutoria, eu tutor, a relação tutor-aluno procuraram estabelecer parâmetros que possam colaborar para a compreensão da dinâmica das atividades do trabalho do tutor.

Percebe-se claramente a falta de regulamentação por parte dos órgãos públicos em nosso país, que concebem a modalidade de educação a distância por meio de referenciais, que não possuem a força de lei. De acordo com o MEC, estes referenciais têm o intuito de propiciar o debate e as condições básicas para o desenvolvimento de cursos com qualidade na educação a distância. Compreensão esta que estará subordinada às interpretações de outrem.

Neste contexto investigado, buscou-se analisar criticamente, portanto, o papel do tutor, na medida em que cada um dos tutores entrevistados detém uma visão de realidade e que por meio de suas experiências individuais e concepções distintas refletem sobre o seu papel.

O primeiro núcleo: “preparação para o exercício da tutoria” procurou compreender a relação da formação inicial, pós-graduação e a necessidade de formação continuada das participantes do estudo. Neste propósito, as falas das tutoras revelam a falta de definição em relação a uma formação específica que pudesse ser “melhor” para o exercício da tutoria. E mais, reconhecem que a formação inicial e mesmo a pós-graduação não abrangem os conhecimentos referentes a modalidade a distância, apontando para a necessidade de uma formação continuada que permita o amplo exercício e compreensão do papel do tutor, para além de questões técnicas.

No núcleo: “eu-tutor,” as tutoras entrevistadas revelam as diferentes atividades relacionadas à tutoria presencial e a distância, que se encontram vinculadas aos indicadores: função, rotina e reconhecimento profissional. Este núcleo constitui-se de inúmeras reflexões, sentimentos de insatisfação e indignação por parte destas tutoras entrevistadas, que reconhecem em seu papel, independentemente de serem tutoras presenciais e a distância, um trabalhador polivalente, que tem que lidar com inúmeras possibilidades pedagógicas e tecnológicas. Mas, que mesmo diante desta constatação, é deixado à margem do reconhecimento profissional, seja pelos poderes públicos, seja pelas instituições em que trabalha. Os sentidos aqui encontrados caracterizam o tutor como professor, orientador e mediador sensível do conhecimento.

No que tange o núcleo: “relação tutor-aluno”, depreende-se por meio das falas das tutoras o significado a partir dos indicadores: ações pedagógicas, autorregulação e processos de mediação. Elementos estes que, contextualizados, definem possibilidades, limites e contradições que se articulam com “[...] a construção dos sentidos de seu informante com suas vivências, suas experiências, como a soma dos eventos psicológicos despertados pela palavra” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 234). Os sentidos expressos neste núcleo de significação apontam para uma relação afetiva e cognitiva, uma mediação sensível que deve levar à autorregulação do aluno.

O conjunto de dados analisados neste investigação apontam o papel do tutor como mediador cognitivo e afetivo, ou seja, aquele que orienta, ajuda e provoca o estudante na construção do saber e das diferentes formas de autorregulação. A construção de sentidos, relatados pelas tutoras, permitiu destacar o tutor como uma das peças fundamentais que contribuem, por meio de suas ações pedagógicas, para a construção do conhecimento e autonomia do aluno aprendiz da modalidade a distância.

Assim, por meio da perspectiva de Vygotsky (2003), pode-se considerar que o papel do tutor permite que o aluno construa o seu conhecimento, mostre-se naquilo que pede como ajuda e que estabeleça o seu próprio processo de aprendizagem.

Vale destacar, ainda, que Vygotsky não considerou o papel do tutor na modalidade a distância, mas de acordo com este estudioso, é necessário alguém mais adiantado ou com maior conhecimento para mobilizar a construção do conhecimento no outro. Depreende-se, ainda, da articulação destes núcleos, que o papel do tutor deve estabelecer metas e objetivos em sua ação pedagógica, não esquecendo, um segundo sequer, para quem se está ensinando. Conjugar isso exige compromisso e responsabilidade com o aluno, o que permite ao tutor avançar na exigência da compreensão dos processos de ensinar e aprender. Para Vygotsky (2001), neste caminho a ser percorrido pela atividade do pensar, faz-se necessário um mediador que 'ensine' o melhor caminho, sendo o aprendiz, o aprender por si mesmo, mas auxiliado pelo outro.

E é a partir desta perspectiva histórico-cultural que se busca construir o papel do tutor como mediador cognitivo e afetivo, em que a relação de troca possibilita que o aluno negocie significados e construa sentidos, o seu pensar crítico,

racional e sensível, que permite novas interações e ações em suas relações sociais. Tal consideração requer formação abrangente e continuada para o trabalho com o ensino a distância e que envolva o tutor em uma perspectiva integral, abrangendo a indissociabilidade entre cognição e emoção dentro de determinada cultura. Neste sentido, o referencial de Vygotsky apresenta-se como interessante possibilidade de discussão do papel do tutor na educação a distância.

O panorama geral desta investigação colocou em evidência parâmetros que caracterizassem e imprimissem os sentidos e os significados que tutoras conferem ao seu papel em uma instituição pública de curso de Pedagogia na modalidade a distância. Os poderes públicos devem, sim, intervir e reconhecer o importante papel do tutor para a educação, a fim de permitir que este desempenhe o seu papel, não como um “bolsista”, mas como um profissional altamente qualificado e que merece reconhecimento e garantias como qualquer outro trabalhador brasileiro.

Assim, observa-se que esta pesquisa contempla elementos que permitem uma resposta ao objetivo de caracterizar o papel do tutor na educação a distância em uma instituição pública, além de contribuir para o redimensionamento de seu papel. Além, do pressuposto do papel do tutor como mediador do conhecimento na educação a distância.

Os dados deste estudo, ainda, apontam a importância da realização de novas pesquisas visando ampliar a compreensão do papel do tutor na educação a distância, seja na realidade das universidades públicas e/ou privadas. Tais pesquisas poderão incluir outros objetivos e/ou procedimentos, assumindo que o papel do tutor na educação a distância requer maiores discussões e reflexões. É preciso, sim, ter metas e objetivos, que possam traçar um perfil digno deste profissional, para que se possa dimensionar a sua realidade, as suas funções e, finalmente, o reconhecimento de seu trabalho.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 26 n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 10/08/2011.
- ALMEIDA, M. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 18/06/2011.
- ALONSO, K. Educação a distância no Brasil: a busca de identidade. In: PRETI, O. (Org.). **Educação a distância**: inícios e indícios de um percurso. Cuiabá: NEAD – UFMT, 1996.
- _____. *et. al.* **Educação a distância**: práticas, reflexões e cenários plurais. Cuiabá- Mt: Central de Texto: UFMT, 2009.
- ALVES, J. R. M. **A educação a distância no Brasil**: síntese histórica e perspectivas. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, 1994.
- _____. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **A pesquisa no cotidiano Escolar**. In: Fazenda, Ivani (Org.) Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo. Cortez, 1989.
- ANDRIOLI, A. A. I.; SANTOS, R. Educação, Globalização e Neoliberalismo: o debate precisa continuar. **Revista Ibero Americana**, 2005. Disponível em: <<http://www.campusoei.org>>. Acesso em: 16/02/2012.
- ARAÚJO, S. T.; MALTEZ, M. G. L. Educação a Distância: Retrospectiva Histórica. **Revista Nexus**, n. 7, ano IV. Disponível em: < <http://www.virtualcursos.com.br>>. Acesso em: 20/02/2011.
- ARETIO, L. G. **La Educación a Distancia y la UNED**. Madri: UNED, 1996.
- AZEVEDO, F. de. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, M. F. S. O.; REZENDE, F. **A prática dos tutores em um programa de formação pedagógica a distância**: avanços e desafios. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 10, n. 20, Dec. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 12/02/2012.
- BARRETO, R. et al. As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 11, n. 31, p. 31-42, 2006. Disponível em: <<http://www.oei.es>>. Acesso em: 12/06/2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução: Guareschi, Pedrinho. A. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educ. Soc.**, v. 23 n. 78. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10/06/ 2011.

BERNAL, Edith G. A formação do tutor para a educação a distância: fundamentos epistemológicos. **Eccos Revista Científica**. São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.redalyc.uaemex.br>>. Acesso em: 23/7/2011.

BLOIS, M.M. A busca da qualidade na educação superior a distância no Brasil: situação atual e algumas reflexões. **RIED - Revista Iberoamericana de Educação a Distância**. v.7, n. 1/2, 2004. Disponível em: < <http://www.utpl.edu.ec> >. Acesso em: 02/07/2011.

BRASIL. ANATED - **Associação Nacional dos Tutores da Educação a Distância**. Disponível em: <http://tutor.anated.org.br>. Acesso em: 11/07/2011.

BRASIL. Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que **estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.br>>. Acesso em: 14/02/2010.

BRASIL. Lei n. 11.096, de 13 de janeiro de 2005. **Institui o Programa Universidade para Todos - ProUni**, regula a doação de entidades beneficentes de assistência social no Ensino Superior; altera a Lei n. 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. 2005b. Disponível em: <<http://prouni-inscricao.mec.gov.br>>. Acesso em: 20/09/2011.

BRASIL. Decreto n. 5.800, de 8 de junho de 2006. **Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 31/03/2010.

BRASIL. Decreto n. 6.303, de 12 de dezembro de 2007. Altera dispositivos dos Decretos n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que **estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**, e 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. 2007a. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 22/09/2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação - PNE**/Ministério da Educação. Brasília, DF: Inep, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.br>>. Acesso em: 17/02/2010.

BRASIL. Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo ead**. São Paulo: Pearson Education do Brasil. 2010. Disponível em: <<http://www.censoead.br>> Acesso em: 21/07/2011.

BRASIL. **Movimento de Educação de Base.** Disponível em: <<http://www.meb.org.br/>>. Acesso em: 24/02/2011.

BRASIL. LDB 9394/96 – **Uma Reflexão.** Reis, L. A. dos. Disponível em: <<http://www.fortium.com.br>> Acesso em: 28/02/2011.

BRASIL. **Instituto Universal Brasileiro.** Disponível em: <<http://www.institutouniversal.com.br>>. Acesso em: 23/02/2011.

BRASIL. **Instituto Monitor.** Disponível em: <<http://www.institutomonitor.com.br>>. Acesso em: 26/02/2011.

BRASIL. **Rádio Sociedade do Brasil:** a primeira emissora de ciência do Brasil. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade>>. Acesso em: 22/02/2011.

BRASIL. **Rádio MEC.** Disponível em: <<http://www.radiomec.com.br>>. Acesso em: 22/02/2011.

BRASIL. **Referências de qualidade para a educação a distância.** Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 01/03/2011.

BRASIL. **Regulamentação da EaD na UFPR.** Disponível em: <<http://www.nead.ufpr.br>>. Acesso em: 05/03/2011.

BRASIL. **Serviço de radiodifusão educativa.** Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 26/02/2011.

BRASIL. **Serviço Nacional de Aprendizagem - SENAC.** Disponível em: <<http://www.senac.br>>. Acesso em: 24/02/2011.

BRASIL. **Universidade Aberta do Brasil - UAB.** Disponível em: <<http://www.uab.capes.gov.br>>. Acesso em: 03/03/2011.

CAMARGO, D. **As emoções e a escola.** 1. ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

CASTELLS, M. **O poder da identidade.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILLO, A. S. **Acción tutorial em los centros educativos:** formación y práctica. Madrid: UNED, 1998.

CASTORINA, J. A. et al. **Novas contribuições para o debate.** São Paulo: Ática, 2003.

CASTRO. C. M. de. No seu conjunto, as avaliações não deixam dúvidas: é possível aprender a distância. **Revista Veja.** São Paulo, n. 2108, 15 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br>>. Acesso em: 20/02/2011.

CHAUÍ, M. de S. **Escritos sobre a universidade.** São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

COUTINHO, L. Aprendizagem on-line por meio de estruturas de cursos. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

CORREIA, M. F. B.; LIMA, A.P.B.; ARAÚJO, C.R. As Contribuições da Psicologia Cognitiva e a Atuação do Psicólogo no Contexto Escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 25/03/2011.

DANIEL, J. S. **Mega-universities and knowledge media**: techonology strategies for higher education. Londres: Kogan Page, 1998.

DEMO, Pedro. **O porvir**: desafio das linguagens do século XXI. Curitiba: Ibpx, 2007.

DIAS, R. A. LEITE, L. S. **Educação a Distância**: da legislação ao pedagógico. Petrópolis: Vozes, 2010.

DICIONÁRIO LAROUSSE. **Língua portuguesa**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2006.

FACCI, M.G. D. Vigotski e o processo ensino-aprendizagem: a formação de conceitos. In: MENDONÇA, S. G. de L.; MILLER, S. (Orgs.). **Vygotsky e a escola atual**: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2009.

FERNANDEZ, Consuelo. **A avaliação em EAD**: o caso da aprendizagem. Disponível em: <www.artigonal.com>. Acesso em: 30/06/2011.

FERREIRA, R. B. A. **Didática no contexto da Educação a Distância: quais os desafios?** Artigo. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Estatística e Informática, Núcleo de Educação a Distância. 2010. Disponível em: <<http://www.ufmg.br>>. Acesso em: 20/06/2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo; Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. T. de A. 2000. As apropriações do pensamento de Vygotsky no Brasil: um tema em debate. In: Psicologia da Educação. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.10/11: 9-28. Disponível em: < <http://www.pucsp.br> > Acesso em: 26/08/2011.

FILATRO, A. As teorias pedagógicas fundamentais em EAD. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

GARNIER, C. **Após Vygotsky e Piaget**: perspectiva social e construtivista. Escola russa e ocidental; trad. Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GOMÉZ, G.R. *et al.* **Metodologia de la investigación cualitativa**. Havana, Cuba.

GUTIÉRREZ, Francisco e Daniel Prieto. **A mediação pedagógica**: educação a distância alternativa. Campinas: Papirus. 1994.

GUIMARÃES, C.; CORNACHIONE, D.; BUSCATO, M. Como tirar seu diploma pela internet. **Revista Época**. São Paulo, n. 641, 27 ago. 2010. Disponível em: <colunas.epoca.globo.com>. Acesso em: 10/02/2011.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1997.

KUDE, Vera. **Como se faz um projeto de pesquisa qualitativa em psicologia**. Revista semestral do instituto de psicologia da PUC/RG. v. 28, n. 1, Jan./Jun. 1997.

LANDIM, C. M. F. **Educação a distância**: algumas considerações. Rio de Janeiro: 1997.

LAMPREIA, Carolina. Linguagem e atividade no desenvolvimento cognitivo: algumas reflexões sobre as contribuições de Vygotsky e Leontiev. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre: v. 12, n. 1, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 25/09/2011.

LEAL, Regina Barros. A importância do tutor no processo de aprendizagem a distância. In: **Revista Iberoamericana de Educação a Distância**. n. 36/3. 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org>>. Acesso em: 17/06/2011.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. tradução de: HOMEM, Maria e ENTIER, Ronaldo. São Paulo: Editora 34, 2001.

LIBÂNEO, J. C., OLIVEIRA, J. F., TOSCHI, M. Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, K. R. de S. Reforma da educação superior do Governo Lula e educação a distância: democratização ou subordinação das instituições de ensino superior à ordem do capital? In: **reunião anual da ANPEd**, 27., 2004. Disponível em: <www.anped.org.br>. Acesso em: 11/03/2011.

LITWIN, Edith. **Educação à Distância**: Temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, A. R. LEONTIEV, A.; VYGOTSKY, L. S. **Psicologia e pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Moraes, 1991.

MARQUES, L. P.; MARQUES, C. A. Dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre Educação. In: **29º Reunião Anual da Anped** (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Caxambu:, 2006. Disponível em: <www.anped.org.br>. Acesso em: 16/02/2012.

MARTINS, S. T. F.; Aspectos teórico-metodológicos que distanciam a perspectiva sócio-histórica vigotskiana do construtivismo piagetiano. In: MENDONÇA, S. G. de L.; MILLER, S. (Orgs.). **Vygotsky e a escola atual**: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

MARTINS, O. B. **Fundamentos da educação a distância**. Curitiba: Ibpx, 2005.

MARTINS, O.B. Sistemas de gestão em EAD: os desafios de uma proposta crítica comprometida com a gestão em EAD. **Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa, RELATEC**, Brasil, 2010. Disponível em: <<http://campusvirtual.unex.es>>. Acesso em: 08/11/2011.

MARTINS, O. B. **A educação a distância**: um mapa reflexivo da nova cultura dos docentes e dos tutores na formação dos professores. Curitiba: Ibpx, 2007.

MEDIANO, C. M. **Los sistemas de educacion superior a distancia**. La pratica tutorial de la UNED. Madrid: Universidad nacional de educacion a distancia, 1988.

MENDES A. Q.; MORGADO L.; AMANTE L. Comunicação Mediatizada por Computador e Educação Online: da Distância à Proximidade In: Silva M.; Pesce L.; Zuin A. **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro. Editora WAK, 2010. Disponível em: <www.wakeditora.com.br>. Acesso em: 15/02/2012.

MENDES, João. **Educação a distância**: a diversidade na educação brasileira. Disponível em:< [http:// www.educacao.ufpr.br](http://www.educacao.ufpr.br)>. Acesso em: 25/07/2011.

MENEGUETTI, N. **A Tríplice Relação Pedagógica entre**: Educador-Professor-Tutor, na Educação a Distância; Universidade Paranaense – UNIPAR , Paraná: 2009

MENEZES, C. Experiências de Educação a Distância na América Latina. **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 37-40. 1998.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, J. M. Como utilizar a Internet na educação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 26, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em: 20/01/2012.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

NISKIER, A. Os aspectos culturais e a EAD. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

NUNES, I. B. A história da EAD no mundo. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PALANGE, I. Os métodos de preparação de material para cursos on-line. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

PASSARELLI, Brasilina. **Interfaces digitais na educação**: alucinações consentidas. São Paulo: Escola do Futuro da USP, 2009.

PINTO, Mario. **Análise Social**. vol. 28. São Paulo, 1993. Disponível em: <<http://www.analisesocial.ics>>. Acesso em: 15/08/2011.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. 197 p.

PETERSON.S. **Guide to Distance Learning Programs**. Peterson's Publishing, Princeton, New Jersey:1997.

PONTELO, I., MOREIRA, A. F. A teoria da atividade como referencial de análise de práticas educativas. In: 1º Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, 2008, Belo Horizonte: **Anais do 1º Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica**, 2008. Disponível em: <[http:// www.senept.cefetmg.br](http://www.senept.cefetmg.br)> Acesso em: 03/06/2011.

PRETI, Oreste. **Fundamentos e políticas em educação a distância**. Curitiba: IBEPEX, 2002. Coleção Educação a Distância 3.

_____. **O estado da arte sobre “tutoria”**: modelos e teorias em construção. São Paulo: 2010. Disponível em: <<http://www.eadeducar.com.br>>. Acesso em: 30/07/2011.

_____. **A universidade Aberta do Brasil**: uma política de Estado para o ensino superior “a distância”. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.uab.ufmt.br>>. Acesso em: 06/11/2011.

RAMOS, E. C. (org.) **Fundamentos da educação**: os diversos olhares do educar. STOLTZ, T. Por quê Vygotsky na educação? Curitiba: Juruá Editora, 2010.

REGO, Teresa C. **Configurações sociais e singularidades**: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (Orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

REGO, Tereza C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2009.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SÁ, R. A. **Educação a distância: estudo exploratório e analítico de curso de graduação na área de formação de professores**. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, São Paulo, 2007.

SAMPIERI, R. H. et al. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: McGraw Hill, 2006.

SANTOS, M. P. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no séc. XXI: um debate necessário. **Revista Conexão**. Ponta Grossa: ed. 05. Disponível em: <<http://www.uepg.br/revistaconexao>>. Acesso em: 02/02/2012.

SARAIVA, K. **Educação a distância: outros tempos, outros espaços**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

SEGENREICH, S. C. D. ProUni e UAB como estratégias de EAD na expansão do ensino superior. **Pro-Posições**. 2009, vol. 20, n. 2, p. 205 - 222. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 25/05/2011.

SILVA, A. M. C. A Formação contínua de professores: Uma reflexão sobre as práticas e as práticas de reflexão em formação. **Revista Brasileira de educação Médica**, Campinas: v. 34, n. 4, p. 481- 486. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 20/01/ 2012.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUSA, E. C. B. M. **Panorama internacional da Educação a Distância**. Em Aberto, Brasília: ano 16, n. 70, p. 9-16, 1996.

SPINK. M.J.P. (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2004.

STOLTZ, T. **O problema das relações entre afetividade e inteligência**. In: Nilson Fernandes Dinis. *et al.* Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde e formação docente. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p. 29-46.

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO, **Asia and Pacific: A Survey of Distance Education**, v. I, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de bibliotecas. **Teses, dissertações, monografia e trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Editora UFPR, 2000. (Normas para apresentação de documentos científicos, 2).

VALENTE, J. A. Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. **Revista Interface**. São Paulo: Disponível em: <www.interface.org.br>. Acesso em: 20/10/2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. The problem of the environment. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **The Vygotsky reader**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZUIN, ANTONIO A. S. **Educação a distância ou educação distante?** O programa universidade aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 29/07/2011.

WACHOWICZ, L. A. **Pedagogia mediadora**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você, (tutor que atua na educação a distância), está sendo convidado a participar de um estudo intitulado “O papel do tutor na educação a distância em instituição pública”.

- a) É através das pesquisas científicas que ocorrem os avanços importantes em todas as áreas, e sua participação é fundamental.
- b) O objetivo desta pesquisa é investigar o papel do tutor na educação a distância e a complexidade de sua atuação.
- c) Caso você participe da pesquisa, será necessário que você tutor possibilite a observação de seu trabalho e também responda a um questionário.
- d) Como em qualquer pesquisa, você poderá experimentar algum desconforto, principalmente relacionado a observação de seu trabalho, além de considerar responder a perguntas a uma pessoa considerada estranha até o presente momento.
- e) Você é livre para responder às perguntas tal como desejar e todas as respostas serão consideradas na pesquisa.
- f) Para tanto este pesquisador irá comparecer na instituição classificada para esta pesquisa em Instituição pública de ensino superior de educação a distância de Pedagogia para realizar a observação e a coleta de dados através de questionário que será respondido pelo entrevistado – tutor e gravado por aproximadamente 10 a 15 minutos.
- g) Os benefícios esperados desta pesquisa são:
 - Compreender o papel do tutor que atua na modalidade a distância;
 - Observar o desenvolvimento e as implicações deste trabalho para a educação;
 - Identificar na fala dos tutores as possibilidades e as dificuldades inerentes à atuação destes profissionais;
- h) A pesquisadora Christiane Kaminski, pedagoga, mestranda em Educação da Universidade Federal do Paraná, telefone celular (041) 9998-2377, e-mail: christianekaminski@hotmail.com é a responsável pela pesquisa e poderá esclarecer eventuais dúvidas a respeito da sua participação.
- i) Estão garantidas todas as informações que você queira, antes durante e depois do estudo.

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
 Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

- j) A sua participação neste estudo é voluntária. Contudo, se você não quiser mais fazer parte da pesquisa, poderá solicitar de volta o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- k) As informações relacionadas ao estudo poderão ser inspecionadas pelos orientadores que executam a pesquisa e pelas autoridades legais. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **confidencialidade** seja mantida.
- l) A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato. Tão logo a pesquisa termine, as fitas serão degredadas.
- m) Todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa (gravações, deslocamentos, transcrições) não são da sua responsabilidade.
- n) Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro.
- o) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Eu, _____ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão. Eu entendi o que a minha participação será mantida no anonimato e as informações obtidas serão utilizadas tão somente para a pesquisa e sei que qualquer despesa financeira relacionado a esta pesquisa não terá custos para mim. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

 (Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)
 Local e data

Identificação do Responsável

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
 Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

ANEXO 2

MODELO DE ENTREVISTA

Nome:

Profissão:

Instituição onde trabalha:

Tutor Presencial ou a Distância:

Tempo de tutoria:

Formação de Graduação (licenciatura):

Pós- Graduação:

1) Você percebe algum conteúdo de sua formação inicial em graduação e especialização que contribuiu para a sua atuação como tutor. Em quais situações pedagógicas você sentiu essa contribuição ou falta dela? Como? Por quê?

2) O que é ser tutor para você? E quais as atividades que fazem parte do exercício da tutoria presencial e a distância? Por quê?

3) Você acredita que as Universidades e as Instituições, preparam os tutores para atuar em EaD? O que é necessário nesta formação? Como?

4) Como você vê a relação entre tutoria e o desempenho do aluno? Por quê?

- 5) No seu ponto de vista como ocorre o seu trabalho pedagógico enquanto tutor da EaD?
- 6) Qual sua contribuição para a construção da autonomia intelectual do estudante?
- 7) Quais as principais dificuldades no exercício da tutoria (alunos, professores, coordenadores de pólo, de curso)? Por quê?

ANEXO 3

ENTREVISTAS:

<p>Nome: Clara</p> <p>Profissão: Professora Pedagoga e Tutora</p> <p>Instituição onde trabalha: pública</p> <p>Tempo de tutoria: 5 anos e meio (3 anos à distância e 2 anos e meio presencial em Instituição privada)</p> <p>Tutor presencial ou à distância: à distância</p> <p>Formação de graduação (licenciatura): Pedagogia</p> <p>Pós-graduação: Especialização em Magistério Superior</p>	
<p>Você percebe algum conteúdo de sua formação inicial em graduação e especialização que contribuiu para a sua atuação como tutor. Em quais situações pedagógicas você sentiu essa contribuição ou falta dela? Como? Por quê?</p>	<p>Sim, mas acredito que poderia ter sido explorado mais o curso de Pedagogia. Na época que eu fiz havia uma disciplina optativa chamada educação à distância que foi ofertada no primeiro ano do curso e não aproveitei a disciplina como deveria, né, talvez por estar iniciando na faculdade não vi que aquela disciplina no momento seria importante, né, isso foi no ano de 1999. Então, assim, a disciplina não me chamou muito a atenção até mesmo na época como na forma que estava sendo conduzida no momento e eu acabei cancelando a disciplina, né, e assim, por curiosidade é uma disciplina que futuramente estaria me ajudando bastante, mas era uma disciplina optativa não era uma disciplina obrigatória, isso também já era um porém porque se fosse obrigatória eu teria cursado de qualquer forma, né, mas faltou bastante... A contribuição é da formação como pedagoga, como eu sou tutora à distância do curso de Pedagogia ter os conhecimentos pedagógicos são fundamentais pra questão da tutoria, mas, eu penso que na formação em relação à EaD achei que faltou, né, mas com relação aos conteúdos pedagógicos suficientes pra... O que faltou acredito justamente na parte da educação à distância que depois a gente vai ter que fazer cursos, como foi o caso.</p> <p>Ser tutor pra mim é ser um mediador, mas também é</p>

<p>O que é ser tutor para você? E quais as atividades que fazem parte do exercício da tutoria presencial e a distância? Por quê?</p>	<p>uma mediação que não é uma mediação simples, mas é também ser um professor, né, porque na verdade quando a gente tá ali corrigindo as atividades do aluno a gente tá desenvolvendo o trabalho do professor que no presencial é o professor que corrige as atividades, né, e a mediação ela é necessária porque na verdade os alunos... Na verdade acho que é uma cultura do estudante brasileiro talvez, a gente tem muita dificuldade, né, de fazer as coisas por si só, sozinho, autônomo para buscar certas coisas, então o tutor vai estar ajudando neste processo.</p>
<p>Você acredita que as Universidades e as Instituições, preparam os tutores para atuar em EaD? O que é necessário nesta formação? Como?</p>	<p>Aqui na Universidade a gente tem o curso de capacitação de tutores, né? Fiz este curso, gostei bastante, né, pra atuar como tutora à distância utilizando a plataforma moodle que é o que nós utilizamos dentro do curso da Pedagogia EaD foi fundamental, né, que foi através desse curso que a gente teve, assim, um primeiro contato, né, com a plataforma, mas, acredito que a formação continuada ela é necessária porque muitas vezes a gente, na verdade, com o curso de tutor você tem uma noção inicial, com a prática da tutoria, utilizando a ferramenta, utilizando a plataforma moodle, aí você vai conhecendo mais os recursos que a plataforma tem.</p>
<p>Como você vê a relação entre tutoria e o desempenho do aluno? Por quê?</p>	<p>Aí eu acho que vou voltar um pouquinho naquela outra resposta que eu dei porque assim, a gente consegue acompanhar a evolução do aluno durante os três anos, to colocando em destaque o curso de Pedagogia EaD daqui da Universidade. Então, a gente consegue acompanhar desde aqueles primeiros textos não muito claros, né, e aí a gente vai indicando “olha você tem que fazer uma leitura mais cuidadosa... quando você lê você tem que estar destacando os pontos importantes...” A gente vai fazendo essa orientação de como estudar e depois também de como escrever, a não usar certas palavras, ter cuidado com a pontuação e, então, a gente vai observando que há um crescimento do aluno ao longo do tempo com essas orientações e é uma</p>

<p>No seu ponto de vista como ocorre o seu trabalho pedagógico enquanto tutor da EaD?</p>	<p>orientação muito individualizada porque a gente faz o atendimento individualizado, acho que isso também esta é uma questão que a gente também tem que destacar se fôssemos comparar com o presencial essa não é a pergunta, né? Mas, se fôssemos comparar com o presencial, esse acompanhamento individual direto é muito importante e que, muitas vezes, no presencial não acontece, né, de forma tão intensa, to pensando na intensidade, mesmo à distância esta intensidade ela acontece.</p> <p>Então assim, então a gente tem que pensar que o trabalho de tutor à distância ele, no curso de Pedagogia EAD, ele tá bem centrado no uso da plataforma. Nós atualmente, nós não encontramos mais os alunos, já aconteceu momentos de termos encontros aqui na Universidade que os alunos viam pra cá e nós tínhamos esse contato direto, pessoal com eles, agora é somente via plataforma moodle, né, mas o trocar mensagens, né, fazer a orientação de um trabalho, né, escrito do aluno onde a gente pode colocar as considerações necessárias, né, o trabalho pedagógico ele funciona porque a plataforma traz estes recursos de interação, né, entre aluno e tutor.</p> <p>A autonomia intelectual, acho que é a grande chave, né? Porque a partir do momento que a gente vai orientando de como fazer, né, vai chegar o momento em que ele vai ter que caminhar com as próprias pernas, né, no sentido de ele estar buscando, né, então a gente dá a orientação de com fazer, né, pra que ele possa fazer isso sem ajuda só que a gente também não pode ficar enganado que isso é automático, que isso acontece com facilidade que na verdade é todo um processo, assim como no presencial.</p> <p>Acho que eu vou elencar somente dois, eu acho que tem mais, né, mas, participar de um curso que está iniciando na Universidade depois da primeira edição do curso à distância que foi lá em 2005 ou 2003 me parece,</p>
--	--

	<p>professores que não reconhecem o valor e o significado da tutoria para um curso à distância. Então, às vezes, a gente percebe isso em alguns comentários, em alguns ambientes, conversas de professores até achando que o aluno de graduação não podia ser um tutor já que são propostas atividades e como se estivesse desmerecendo, né, não que o aluno de graduação não tenha capacidade, mas, ele ainda tá num processo de formação. Com relação a salário, na verdade, o valor da bolsa é pra 20 horas, mas a gente trabalha mais que isso. Por exemplo, vou te dar o exemplo de uma disciplina de 120 horas que tem em média 10 atividades para 23 alunos, então são o que? 230 atividades que você tem que corrigir, né, fora as atividades que você tem que corrigir você tem todas as devologias que você tem que fazer não é só dizer “ok, o seu trabalho tá bom”, não, há comentários sobre o que ele fez, se está adequado se não está, se precisa fazer reflexão em tal ponto, refaz pede para refazer, torna a corrigir e além dessa correção tem todo um acompanhamento da vida acadêmica de cada estudante, se ele foi para o pólo, se ele fez a prova, se ele não fez a prova porque ele não fez, enviou atestado, não enviou atestado... Então, todo esse monitoramento além da parte pedagógica quem faz é o tutor, então, a questão de horas, a gente trabalha mais que 20 horas.</p>
--	--

Nome: Beatriz
Profissão: Assistente Social, Professora e Tutora
Instituição onde trabalha: UFPR
Tempo de tutoria: 3 anos
Tutor presencial ou à distância: à distância
Formação de graduação (licenciatura): Bacharel em Serviço Social
Pós-graduação: Especialização em Gestão de Políticas Públicas, Mestrado em Educação

Você percebe algum conteúdo de sua formação inicial em graduação e especialização que contribuiu para a sua atuação como tutor. Em quais situações pedagógicas você sentiu essa contribuição ou falta dela? Como? Por quê?

Inicial não, até mesmo porque o curso de Serviço Social é um curso técnico, né? As Ciências Sociais aplicadas... Apesar de a gente ter metodologias, a científica, especificamente, mas, em relação a educação à distância, a gente nem é citado na verdade, o currículo não cita, nem discute a educação à distância. Então, a formação inicial, ela desvincula realmente essa possibilidade de produção da educação à distância. Agora, na especialização, daí você já escuta alguma coisa... Principalmente na habilitação do magistério superior, quando você discute a educação no contexto macro, você também começa a envolver. Eu comecei a discutir e estudar sobre a educação à distância até mesmo porque eu fiz o curso de Gestão de Políticas Públicas e a educação é uma das políticas que se aprofunda, em 2005, então, não tem uma distância tão significativa. Agora, aonde estive mais aprofundando e especificamente discutindo a educação à distância foi no curso de aperfeiçoamento de tutor que a instituição dispôs pra nós, pros tutores, e aí a gente teve essa formação inicial que nos deu suporte pra exercício da tutoria.

Como é a sua relação com o conteúdo objeto da tutoria? Por quê?

Antes de ser assistente social eu era professora, então, eu fui fazer o Serviço Social exatamente pra dar conta da demanda de sala de aula, então trabalhei oito anos em sala de aula e daí senti a necessidade de fazer algum curso que me desse um respaldo que me desse uma condição de atender... porque a gente... a sala de aula é um campo rico de questões diversas não somente pedagógica mas das questões sociais e a gente lida, o professor lida com os efeitos. Eu queria intervir na causa, só que a formação de magistério, você como professor, você não tem competências técnicas nem condições de intervir na realidade que chega na sala de aula e eu fui fazer o curso de Serviço Social exatamente pra dar conta da demanda das causas, eu queria intervir nas causas porque me incomodava e me causava muita dificuldade de leitura e de reação diante daqueles contextos, dentro da comunidade, dentro da escola, na sala de aula, aquela... os conflitos que se geravam com a família, com a escola e com o aluno, então isso realmente me levou a repensar a formação do magistério e foi que eu descobri, por influência da minha antiga também assistente social, descobri que eu deveria fazer o curso de Serviço Social porque as intervenções que ela fazia na delegacia, na comunidade, em outros campos de atuação em que ela estava era o que eu precisava em sala de aula porque aquela sala de aula era aquela realidade a qual ela estava intervindo e foi aí que eu parti pra fazer o curso de Serviço Social pra atender a causa que chegava em sala de aula e isso tem

	<p>tudo a ver com a relação da escola, do magistério, do conteúdo de sala de aula, educação e o social porque tendo esse aparato, tendo esse suporte técnico de olhar de forma diferente e além do olhar pedagógico é o diferencial e que infelizmente as escolas, a EaD e outros... Inclusive, foi uma sugestão que eu dei na coordenação, que tivesse à disposição profissionais inter e multidisciplinares pra atender essa demanda que eu encontro na sala de aula virtual porque a mesma demanda que eu encontrava no presencial, encontro na sala de aula virtual também, porque, o que acontece, aquele aluno que tem uma variedade enorme de questões, de conflitos, de problemas e que aquilo afeta diretamente a sua produtividade pedagógica acadêmica e que o tutor sem uma formação... Eu me sinto até privilegiada porque eu consigo intervir em muitas realidades e até orientar de forma diferenciada, mediar de forma diferenciada porque eu consigo unir essa formação do Serviço Social, o olhar técnico ao olhar pedagógico, e isso faz realmente um professor diferente porque é impressionante como isso se desdobra na sala de aula, a demanda social porque a família do aluno, a comunidade, o meio em que ele convive, em que ele vivencia é um reflexo direto na sala de aula. Então eu não me vejo ser professor, ser tutor, separando, digamos só com o olhar pedagógico. O olhar pedagógico, mas também com a formação do Direito, com a formação da Psicologia, com a formação do Social porque no curso do Serviço Social nós temos muito aprofundado todas essas disciplinas pra gente poder intervir naquelas realidades complexas que o Serviço Social atua. Então, eu não sinto dificuldade assim digamos não sinto essa dificuldade que eu vejo que as minhas outras colegas que tem só a formação do magistério, elas se perdem, tanto que teve um exemplo aqui bem típico, um conflito gerado no pólo de Palmeira, que é o pólo que eu atuo, e gerou uma situação bem complexa que envolvia coordenação, envolvia tutor, envolvia aluno, envolvia advogado e ninguém conseguia desarmar e eu tive ciência dessa situação e em sala de aula chamei, escutei, conversamos e consegui desarmar aquele conflito que estava generalizado no pólo e na ---, foi aqui na ----, e já tomando outra proporção até a nível jurídico que estava se discutindo ali, então eu consegui mediar, discutir todas aquelas demandas e resolver o problema e tirar aquela força, digamos, que estava se gerando ali com conflitos. Então, quer dizer, que o coordenador, os tutores, que infelizmente nós não podemos ter todas as disciplinas, todas... ter essa formação, bom que tivesse, da Psicologia, do Direito, Social, principalmente essas disciplinas, mas, eu consegui realmente auxiliar e atender aquela demanda como que fosse uma atuação técnica do Serviço Social, mas dentro de um campo pedagógico. Então essa é uma coisa que me contribui, que me auxilia em todos os campos que eu venho atuando na área do magistério porque eu também sou professora, fui professora esses anos todos na sala de aula presencial, na educação presencial, então a gente apenas agrega e eu acho que o aluno e os resultados desse processo, ele na verdade</p>
--	---

<p>Você acredita que as Universidades e as Instituições, preparam os tutores para atuar em EaD? O que é necessário nesta formação? Como?</p>	<p>é imensurável.</p> <p>Como tutora eu tive essa formação aqui na instituição mesmo, mas eu vou lhes dizer uma coisa, o curso de aperfeiçoamento de tutor que a instituição aqui dispõe ele é muito simplório. É um curso que não... que... é uma pincelada inicial só uma, tipo assim, a nata do leite porque o aprofundado, realmente, a propriedade de todo esse movimento virtual e de toda essa demanda que se exige de um tutor você aprende na prática e nas trocas com os outros colegas. Então, eu lhes afirmo que a minha formação de tutor foram consolidadas com segurança através das minhas colegas, das trocas inter tutorial, e interessante isso, essa relação inter profissional porque nós estávamos além do curso. Quando nós fomos fazer o curso a gente já tinha uma prática de tutoria e através das trocas, já tinha uma prática de tutoria até mesmo porque estava se iniciando o curso da EaD, da educação à distância em Pedagogia, e não tinha disponível ainda, não tava aberto a plataforma pra formação de tutor, pra todos os tutores, alguns tinham feito, então aqueles que fizeram o curso passaram essas informações para aqueles que estavam chegando e eu fui uma dessas depois eu complementei com o curso, fiz o curso, mas, foi a escola de formação de tutoria que eu tive foi graças as minhas colegas, as trocas inter profissional.</p>
<p>O que é ser tutor para você? E quais as atividades que fazem parte do exercício da tutoria presencial e a distância? Por quê?</p>	<p>Pra mim ser tutor é uma... Não sei uma definição, eu não consigo conceber uma definição do ser tutor porque o ser tutor é muito simples... Ser tutor, o que é ser tutor? É atuar numa plataforma e não é educação à distância, mas não é só isso, pra você ser um tutor, atuar na frente de uma tutoria você tem que ter todo esse aparato porque somente a nomenclatura ou então a terminologia ser tutor, ela simplesmente... Se eu fizesse um curso, aquele curso que eu fiz inicialmente na Federal não me dava esse suporte pra atuar na tutoria, mas com esse suporte que eu tive, com toda a minha construção, com toda a minha carga de experiência e de conteúdos é que me dá realmente a capacidade de dizer que eu sou tutora porque se eu não tivesse toda essa carga eu me negaria, inclusive a entrar nesse campo porque não há condição de definir o que é tutor, o que é ser tutor, mas como você precisa saber o que é ser tutor, pra mim nesse momento ser tutor é você atender, ocupar um espaço onde você como profissional, não como tutor, porque o tutor não tem formação profissionalizante de tutoria, e sim como se fosse um curso técnico, não é um curso técnico, não deveria ser apenas uma formação complementar mas deveria ser uma formação mais aprofundada que te desse realmente competências técnicas, competências pedagógicas de aprofundar, que te desse competências da tecnologia, de todo esse aparato tecnológico que a gente vivencia no cotidiano que não se dá lá, então, é um conjunto. Ser tutor pra mim é um conjunto de atribuições, é uma somatória de toda a tua experiência, de toda as tuas vivências e teu histórico que eu beneficio a instituição, na verdade, eu empresto a minha formação, toda essa minha carga pra</p>

<p>Como você vê a relação entre tutoria e o desempenho do aluno? Por quê?</p>	<p>instituição dizer que tem um tutor... Ser tutor é além da prática de tutoria.</p> <p>Primeiro eu considero a prática de tutoria e todo esse campo da educação à distância quando eu abro a plataforma, quando eu faço as devolutivas, entro naquele universo virtual, pra mim estou entrando numa sala de aula. Então aquilo ali é uma relação direta que eu tenho com o meu aluno e de forma individualizada, isso é interessante porque no presencial a gente tem uma ação mais coletiva, homogênea e ali não, ali é a realidade de cada uma, você vai pra cada um, entra no campo de cada um, vê as potencialidades, acompanha o processo de construção daquele aluno, as fragilidades, as dificuldades que este aluno te demanda e você é a ponte de fazer melhor esse aluno processar aquelas informações que se julga necessárias ele ter pra que ele construa a sua própria formação sem desmerecer todo o conhecimento dele, sem desmerecer toda a história dele, então ali, essa relação como se consolida essa formação, esses conteúdos, o tutor, essa relação tutor-aluno ela é a mais... como fosse um cristal, a vida do aluno está na mão do tutor à distancia e do tutor presencial, principalmente do tutor à distância porque o tutor à distancia é como que fosse o vigário daquela paróquia, nós somos o confessorário desse aluno. Então quer dizer que essa consolidação desse conteúdo vai depender da qualidade desse tutor, das condições que esse tutor tem de dar as respostas necessárias pra que se consolide de fato o processo e a formação pedagógica, a construção e o desenvolvimento desse aluno.</p>
<p>Qual sua contribuição para a construção da autonomia intelectual do estudante?</p>	<p>Eu me coloco como instrumento para que ele construa o seu processo de desenvolvimento, apenas intervindo naquilo que ele não pode intervir. Por exemplo, na disponibilidade de conteúdos, de material a qual rege o curso, rege o regulamento da instituição etc. Então aquele conteúdo que está disponível e aquele cuidado que você tem que ter de repente esse aluno muitas vezes, hoje eu percebo uma evolução muito interessante de como este aluno estava, de como ele esteve no ano passado, de como ele iniciou no primeiro ano, como ele estava no segundo ano e como ele está agora, o processo de construção dele e realmente hoje eu percebo que eu tenho menos, digamos menos trabalho no sentido de que assim olhe, eu chamo menos a atenção, converso menos com ele a respeito daquilo que é atribuição dele e passo a ser um instrumento menos acessado, digamos, porque eles já conseguiram uma certa autonomia, digamos de construir o seu processo, eles já entenderam qual é o processo dele. Então, na verdade, essa construção da autonomia ela é muito relativa porque a nossa cultura de autonomia... Eu não posso lhe dizer que a educação é um processo cultural autônomo. Então, assim, o que é autonomia... tem várias formas de perceber essa autonomia e de sentir essa autonomia, agora, uma forma de se dar liberdade para que esse aluno pense, reflita e você auxiliar nesse processo de reflexão eu sei que eu sou um instrumento</p>

<p>Quais as principais dificuldades no exercício da tutoria (alunos, professores, coordenadores de pólo, de curso)? Por quê?</p>	<p>pra isso.</p> <p>Uma das maiores dificuldades que eu percebo é a dificuldade de reconhecimento do trabalho e da importância desse trabalho de tutor porque nós não somos somente tutor nós ocupamos talvez uma bolsa de tutoria, mas nós somos profissionais altamente qualificados a maioria dos profissionais, dos tutores que nós temos aqui no mínimo têm mestrado e no mínimo têm uma experiência no campo pedagógico a maioria dos meus colegas, pelo menos nos terceiros anos, que é o que eu posso falar, estamos num nivelamento muito elevado. Claro que isso reflete na qualidade dessa formação desse aluno, mas o que falta por parte da instituição UAB e desta instituição, é o reconhecimento desse papel e da importância desses sujeitos, desses atores que fazem esse processo de tutoria. Nós até nos reconhecemos assim como uma peça fundamental porque não adianta o professor dar aula se ele não tem o processo do acompanhamento. Infelizmente é transferido forma até equivocada esse trabalho do professor pro tutor, entra até numa questão ética inclusive porque a minha disciplina quem tem que dar conta do começo ao fim sou eu, o meu trabalho eu não posso transferir para terceiro se eu iniciei um trabalho. Assim, como eu tenho um olhar técnico e de outra área também, eu vejo que nós tutores ocupamos um espaço que não é nosso, fazemos coisas que não nos pertencem, talvez o papel da tutoria fosse apenas da mediação de um campo, daquilo que o professor não consegue fazer no campo virtual, mas todo esse processo que nós atuamos e que não somos reconhecidos, não somos reconhecidos tanto do ponto de vista de remuneração e nem do ponto de vista das próprias relações de profissional, das inter-relações profissionais porque o professor talvez, o que a gente percebe é que eles olham assim “é o tutor”... É um igual, mas é um igual que ocupa espaços tanto no campo profissional como no campo financeiro diferente. Se avalia o valor que um professor, um professor conteudista recebe e do que ele faz e se avalia o que um professor tutor recebe e do que ele faz, então existe um equivoco nessa questão e isso é uma questão que tem que ser posta ainda à mesa pra se discutir frente às instituições. Então, uma das maiores questões que me incomoda é a falta de reconhecimento das instituições que desenvolvem a educação à distância na relação com a tutoria.</p>
---	---